

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + Refrain from automated querying Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

#### Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

### Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.

  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.

Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  - A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  - Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### Sobre a Pesquisa de Livros do Google

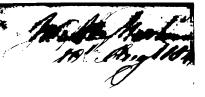
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em http://books.google.com/











### **OBRAS**

DO GRANDE

### LUIS DE CAMÕES.

TOMO PRIMEIRO.



# LUNCH STATES

.<u>.</u>

•



### OBRAS

DO GRANDE

## LUIS DE CAMOES,

PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

TERCEIRA EDIÇÃO,

DA QUE, NA OFFICINA LUISIANA, SE PEZ EM LISBOA NOS ANNOS DE 1779, E 1780.

TOMO L



PARIS,

WA OFFICINA DE P. DIDOT SENIOR.

E ACHA-SE EM LISBOA,

EM CASA DE VIUVA BERTRAND E VILHO.

MDCCCXV.

ģ.



### THOMÁS JOSEPH DE AQUINO,

PRESB. SEC.

RESTA SUA SEGUNDA EDIÇÃO DAS OBRAS DE LUIS DE CAMÕES,

### AO LEITOR.

Aquelle mesmo gosto, e zelo pelos interesses litterarios da Nação Portugueza, com que nos annos de 1779, e 1780 dei ao público, na Officina Luisiana, huma edição completa, e exacta (em quanto ao que elle escreveo) das Obras de Luis de Camões; esse mesmo me estimula ainda agora para lhe dar na sua repetição, e na multiplicidade de exemplares huma segurança, e huma certeza da aceitação, que ella mereceo, e conseguio. Já nas Prefações, e advertencias daquelles quatro volumes, me parece deixei aos meus Leitores sufficientemente informados, das razões que me movéraõ a entrar nesta empreza; como

ij

#### AG LEITOR.

tambem de tudo o mais, que julguei cónducente, para a cabal intelligencia do que alli ha, e por isso nao eraspor ora da minha intenção molestados de novo com mais satisfações, depois de tantas, quantas alli se achao: porém como, ou pela angustia da conjunctura, ou pela occurrencia de occupações ao tempo de trabalhar aquelles escriptos, me escapassem algumas cousas, dignas de saber-se, e que tinha em apontamentos, me vejo presentemente obrigado a fazer ao mesmo Leitor, nesta aegunda edição, algumas advertencias, que julgo indispensavelmente necessarias.

Em primeiro lugar devo advertir, que tanto naquella, como nesta edição, vai emendado, segundo a judiciosa reflexad do erudito João Franco Barreto, aquelle notavel lugar da Lusiada, canto IV, estancia LXVII, onde o Poeta finge o mysterioso sonho, em que ao Senhor Rei D. Manoel apparecérad es Rios Indo, e Otinges. Quem poderia convencer-se (nem ainda sonhando) que a falta de hum accento, sobre huma letra, omittido pela negligencia de

lmanuenses, ou Impressores havia de fazer o entido de hum periodo tão duvidoso, que huns iffirmassem, que o Poeta dizia, que o sonho lo dito Rei fora á prima noute, e butros, que obre a madrugada? Pois tudo isto aconteceo. Levantou-se huma chusma de Criticos presunesos, e importunos (em todos os tempos os touve com estas qualidades, que persuadindoe ganhao nome, e fama mordendo alheios escriptos, o que conseguem he só soffrer o desprezo commum, e mostrar a pouca, ou nenhuma sciencia das cousas) os quaes pondo-se em campo, com mais malevolencia, ou inveja, que Criterio, derao principio á peleja, dizendo: Que o Poeta errára contra as leis dos Poemas Epicos, por haver fingido o sonho do sobredito Rei logo á entrada da noute; por quanto es sonhos annunciadores de felicidades, que nos mesmos Poemas se introduziao, deviao ser sobre a madrugada, e não á prima noute: o que provavao com seus exemplos. Ao encuatro destes sahirao outros, que com as armas de tigorosos, e concludentes argumentos, tirados

do contexto das mesmas Estancias do Poema, naquelle lugar, se esforçárao a provar, que o Poeta fingira o sonho sobre a madrugada, e naő á prima noute. Durou este combate, e contenda litteraria largo tempo; até que vindo finalmente Joao Franco Barreto, primeiramente com hum Discurso (de que já fiz menção no Discurso Preliminar) e depois com a sua Orthographia, como em soccorro, e ponderando a necessidade que ha do uso dos accentos no nosso Idioma, desenganou os contendores, deixando assaz provado, que o sonho do Senhor Rei D. Manoel, introduzido excellentissimamente por Luis de Camões na sua Lusiada, fora sobre a madrugada, e não á prima noute. E porque eu nao saberei explicar-me tao bem, e as minhas palavras nao terao talvez a mesma clareza, a mesma energía, e propriedade, transcreverei as do mesmo Barreto, que são da sua Orthographia, impressa em Lisboa por João da Costa, no anno 1671, p. 207.

« He tao importante (diz elle) a observan-« cia destes accentos, que por falta della foi « mal entendido hum lugar do nosso Camões, « canto IV, estancia LXVII, que he:

- No tempo que a luz clara Foge, e as estrellas nítidas, que sahem A repouso convidaō, quando cahem.

« A donde disserao alguns Criticos, e em par-« ticular o Licenciado Manoel Pires de Al-« meida, que o Poeta não fizera consideração « do tempo como devia : porque os sonhos dos « Poemas Heroicos vem em hum de tres tem-« pos; ou á prima noute, ou á meia noute, ou « antemanhãa. Que os sonhos da prima noute « sao desastrados, e infelices; os da meia noute « não são penosos, nem trazem comsigo cala-« midades totaes; e huns, e outros carecem de « certeza, como nota a Padre Cerda, sobre « o VIII da Eneida: os d'antemanhãa sao bem « assombrados, e verdadeiros, como adverte o « mesmo, no livro II da Eneida: Propter imaa gines minus perturbatas, cum primo somno « perturbentur, confundanturque simulachra « vaporum copiá. Atéqui (continúa o mesmo

« Barreto) sao palavras do Critico: e logo mais « abaixo, declarando o lugar apontado, do « Poeta, diz: Que o sentido delle he quando « anoutece, e sahem as estrellas a allumiar o « Mundo: e torna a affirmar, que aqui se' en-« tende o princípio da noute. Respondeo-lhe « doutissimamente o Doutor Joao Soares de « Brito, com huma Apologia, que tirou á luz: « porem, nem elle, nem Manoel de Faria e « Sousa, em o seu Commento ao Poeta adver-« tirao, que pondo hum accento agudo em o « articulo á « á luz clara», fica conhecido ser « o tempo do sonho á madrugada, como o Cri-« tico queria que dissesse Camões (\*), sem gas-

<sup>(\*)</sup> O Célebre Ignacio Garcez Ferreira, que tanto presumio de emendador de Luis de Camões, e do seu Commentador Faria, chegando a este lugar com as suas annotações, (onde nao errou, trasladadas do mesmo Faria) depois de fazer huma embrulhada Grammatical do contexto das duas Estancias LXVII e LXVIII, cuja sentença nao entendeo, conclue: Que como so vé dos ultimos versos da Estancia atraz, seria depois da meia noute,

tar tantas palavras em defender o que per si nao havia mister defensa, e he o sentido do Poeta: porque o tempo que foge «á luz clara» he o da manhãa, e entao se diz que cahem as estrellas, e neste mesmo sentido disse Virgilio:

- Et jam nox humida cœlo
- « Præcipitat, suadentque cadentia sydera somnos.

Porque o verbo Cado, como diz Calepino, propriamente significa Corruere, vel præcipitari, vel labi. O que mais largamente provei em hum Discurso (\*), que mandei ao dito Manoel Pires de Almeida, mandando-me elle as suas Censuras; e quem tiver os seus papeis o achará entre elles. Assim que, huma plica só que he o accento, que nas impressões de Camões faltava ao articulo á, mudava tanto o verdadeiro sentido ».

<sup>(\*)</sup> Este Discurso, de que ha mais de 40 annos vi ama cópia, que em muita estimação conservava certo sigo, não chemma imprimir-se.

Muito de proposito transcrevi toda a passagem, nao só para instrucção dos leitores, que não tiverem noticia desta controversia, senão tambem, para que nas futuras edições das Obras do nosso Poeta, se acautele hum tal erro; e para ver se com este documento, nas nossas Officinas se applicão mais cuidadosamente os Correctores a huma exacta, e séria correcção, a qual cada dia parece que vão tratando com maior negligencia.

Não desmerece neste lugar huma honrada memoria o Insigne Luis-Francisco-Xavier Goelho, em cuja Officina, por ser na verdade hum dos mais completos, e mais peritos Professores da Arte Typographica, que até ao presente vio a nossa Nação, fiz imprimir pela primeira vez estas Obras do nosso Poeta, da mesma sorte que aqui se achao. Sem por ora me demorar na natural propensão, que nelle havia para o emprego, em que entrou na mesma meninice; nas exactas observações, que fazia, nas melhores edições que aqui apparecião, e lhe chegavão á mão; na contínua

vigilancia com que sempre andava sobre os prelos, para que nao succedesse, que, ou a má distruibuição da tinta, ou falta de resisto lhe deturpasse os exemplares; no summo cuidado que applicava a huma escrupulosa correcção, muitas vezes com perda do proprio, e · preciso descanço; e em fim, no bom gosto, e asseio que reluzia, e brilhava em tudo o que sahia da sua Officina; como tambem naquella inalteravel verdade, com que concluhia os seus ajustes, probidade de costumes, e zelo (dentro dos limites da sua profissão) com que tratava tudo o que podia ceder em crédito, e lustre da patria; só direi, que elle foi o primeiro entre nós, que, vendo que o verniz, de que commummente se usa nas nossas impressões, com a mistura do breo, lhe engrossava, e descompunha os caracteres; manchando tambem os exemplares, ao mesmo passo que se batem; tanto se cançou, que veio finalmente a conseguir o verdadeiro segredo, de (sem nelle entrar o breo) fazer hum verniz, que deixando os caracteres incomparavelmente mais elegan-

tes, mais engraçados, e mais vivos, he tambem capaz de resistir aos golpes dos instrumentos, com que os livreiros, ao encadernar, costumao bater, e apertar os livros, não fe lhe cohecendo ao depois nodoa, ou mancha do mesmo verniz. Eu mesmo, passados outo dias, depois de impressos nesta tinta, mandei encadernar, e bater livros, sem que, ainda nas ultimas paginas dos mesmos, onde ordinariamente apparece mais este defeito, se lhe conhecesse signal, ou mancha. Mas, (fatal vicessitude das cousas humanas!) todos estes progressos atalhou intempestivamente a morte, arrebatando-o no melhor da idade, e quando promettia as mais relevantes esperanças. O leitor benevolo, e prudente disculpará a digressao, attendendo á justiça, que pela sua parte tiverao sempre os homens benemeritos, para serem louvados, e ao exemplo que nos deixá-🔐 rão os Eruditos da Basiléa, lamentando em outro tempo tambem, por semelhante occasiao, nos seus escriptos, a perda do seu Phrobenio.

Voltando, pois, ao fio do mosso discurso,

segue-se, depois disto, dar aos leitores a ordem historica da Lusiada de Luis de Camões, para os que, deixado o artificio Poetico, que ordinariamente costuma haver nos Poemas Epicos, a quizerem ler como huma historia seguida. Só com este auxilio, mais do que com outro algum, poderáõ os leitores, fazendo as convenientes reflexões, formar com mais facilidade huma justa idéa, assim da grandeza desta Obra. como da vasta comprehensao que pode concebe-la. Deve, pois, o que nao quizer cancar-se, em investigar, e encommendar á memoria o fio historico deste Poema, principiar a ler na estancia axxxiv do canto IV, por ser aqui o verdadeiro principio do assumpto, ou da acção; e continuando a ler pelo canto V, até á estancia tambem LXXXIV, voltar dahi á estancia xum do canto primeiro; e principiando em metade della, continuar até ao fim do canto segundo. Dahi deve passar ao princípio do sexto, e proseguir até ao fim do septimo. O canto VIII comprehende os embaraços, e tudo o mais que Vasco da Gama passou em Cale-

cut, que he onde chegou. Os cantos nono, e decimo contem a volta para o Reino. Não se falla aqui nas primeiras xvIII estancias, porque bem se sabe, que servem de Exordio, e comprehendem a Proposição, Invocação, e Nuncupação, ou Dedicatoria do Poema. Esta advertencia, que muito involuntariamente omitti no Discurso Preliminar do primeiro tomo, na primeira edição não a agradeça o leitor á minha observação, e ao meu trabalho, mas fim ao indefesso estudo, e continuadas vigilias do incomparavel Manoel de Faria e Sousa, que, mais do que outro algum, foi quem, nao só nos patenteou as bellezas poeticas de Luis de Camões, mas nos dispoz, e illustrou para o seu conhecimento.

Em huma nota que ha no paragrapho numero 3 do Discurso Preliminar, se devem accrescentar ás palavras de Ludovico Dolce, que ahi se transcrevem, as do Cardeal Pedro Bembo, o qual no livro segundo das Prosas (m. pag. 79), fallando do artificio da Canção, diz assim concordando com o mesmo Dolce: « Et « nelle Canzoni puossi prendere quale numero « & guisa di versi, & di rime à ciascuno è piu a à grado, & compor di loro la prima stanza; « ma presi che essi sono, di mestiero seguir-«gli nell' altre con quelle leggi, che il com-« positor medesimo licentiosamente compo-« nendo s'ha prese ».

No fim do paragrapho numero 27, do mesmo Discurso Preliminar, em huma breve annotação, onde digo, que Adriano Baillet faz menção de outra traducção (sem que seja a de M. de Casterá) tambem na lingua Franceza, feita por hum Anonymo, e pelos annos de 1622 (lea-se de 1612), deve accrescentar-se, que o antigo Epitaphio do Poeta, que principia: Naso Elegis, etc., faz memoria da mesma traduccao Franceza, e de outra em Italiano: e que Pedro de Mariz, na vida que escreveo do mesmo Camões, e sahio com huma parte das Rhythmas, em Lisboa, na Officina de Pedro Crasbeeck, anno de 1616, falla dessas mesmas duas, pelas seguintes palavras: « Pois dos Es-«trangeiros (a que as suas cousas parecem I.

u



xiv

#### AO LEITOR.

« melhor, que as das outras Nações) foi tanto « estimado, que não se contentou cada huma « dellas com menos, que com o apropriarem « a si, no modo que podia ser, traduzindo-o « em suas linguas; com tanta curiosidade, que « em Castelhano se fizerao tres traducções; « em Italia huma (ainda não tinha apparecido « no mundo a de Paggi, a qual se imprimio « em Lisboa, no anno de 1658) « em Franca « outra ». Aos Authores sobreditos se podem tambem ajuntar Nicoláo Antonio, e Domingos Fernandes, os quaes ambos fazem memoria destas duas traducções antigas, Franceza, e Italiana; o primeiro na sua Bibliotheca Hispana, e o segundo na Dedicatoria do Poema de Luis de Camões, que no anno de 1609 imprimio em Lisboa, e dirigio ao Arcebispo D. Rodrigo da Cunha. De sorte que por estas contas, assim bem ajustadas, vem a ter a Lusiada até ao presente duas versões na lingua Franceza, e tres na Italiana.

Como estamos em traducções deste Poema, não deixarei de fazer aqui memoria, das duas,

que na lingua Franceza trabalhou o curioso, e suave Sulpicio Gaubier de Barrault, Major de Praça em Lisboa; a primeira, daquella parte do Episodio, em que Luis de Camões, no canto III, estancia cxx, e seguintes, refere o triste, e lastimoso successo de D. Ignez de Castro; e a segunda da fabula de Adamastor, introduzida admiravelmente pelo mesmo Poeta no canto V, estancia xxxvII. Sao na verdade notaveis estas duas versões; dignas de toda a estimação dos intelligentes, e humas das mais bem trabalhadas, e mais fieis, que se podem dar, não obstante serem feitas de verso, para verso, e o sugeitar-se seu Author á difficuldade da Rhythma. Observo, álem disto, que elle traduzio verso por verso, mas tudo com tanta felicidade, e com tal exacção, como quem não 3ó entendia bem a lingua Portugueza, e manejava igualmente o seu Idioma, mas se achava cabalmente inteirado, e senhor das verdadeiras regras de traduzir. E que outra couza podemos nós entender, depois delle nos affirmar, que temia grandes obstaculos, e grandes diffi-

culdades em huma completa traducção da Lusiada, e que era huma carreira penosa, e de summo trabalho? Servir-me-hei das suas mesmas palavras : « Si cet Essai a le bonheur d'ê-« tre vu par Votre Majesté d'un œil propice, « un triomphe aussi flatteur pour moi suffira, « Sire, pour faire disparoître tout d'un coup à « mes yeux tous les obstacles, et toutes les dif-« ficultés d'une traduction complète du Poeme « de la Lusiade: carriere aussi pénible qu'im-« mense, et dont la seule idée, je l'avoue, ef-« fraie mon foible génie ». Ainda nos certificamos melhor desta verdade, pondo os olhos nas suas versões, e vendo o como soube por em execução esses mesmos preceitos, estabelecidos para os Traductores: porque, se, conforme a opiniao dos Doutos, entre texto, e traducção deve haver tanta semelhança, correspondencia, e conformidade, quanta entre original, e retrato; nestas he tal a viveza e propriedade das cores, e sao tao acertados, e tao iguaes os toques, que muito a penas se poderá discernir, qual seja a copia, e qual o original (\*). Eu me convenço, que se a Nação Françeza, menos costumada a traduzir metaphrasticamente, que a paraphrasear, alcança-se assim todo o Poema, conseguiria certamente huma completa versão da Lusiada, e de todas assuas bellezas Poeticas, sem embargo da grande differença, que intervem entre os genios dasduas linguas.

Por serem hoje de summa raridade os exemplares destas mesmas duas traducções (\*\*) pois

<sup>(\*)</sup> O exacto Gaubier, aindaque em alguma parte decline algum tanto da sublimidade, e magestade poetica do Author traduzido, nem por isso se faz menos estimavel, ou menos digno de attençao; antes nisso mesmo mostra, que observa religiosamente os melhores preceitos estabelecidos para ostraductores, os quaes mandao, que em primeiro lugar se tenha todo o cuidado com a fidelidade, e depois disto, quanto for possivel, com o caracter do texto. De sorte que, se em alguma passogem nos nao representa o original em toda a sua força, e viveza poetica, tem a disculpa na fidelidade, que he o preceito que principalmente se recommenda pelos Mestres, e cuja observancia nelle brilha.

<sup>(\*\*)</sup> Com huma dedicateria ao senhor Rei Dom Jo-

que imprimindose mui poucos, a penas se conserva hum, ou outro em poder de algum curioso, e tambem para prova do que fica dito, e cabal satisfação dos leitores, que em semelhantes casos, antepoem (e com rasão) o exame feito com os proprios olhos a quaesquer outras informações; deixarei aqui a traducção Franceza de huma das estancias traduzidas, e será a Lvi do canto V, em cujo fim Luis de Camões imita aquelle celebre lugar de Ovidio, na Epistola de Ariadna e Theseo:

Aut mare prospiciens in saxo frigida sedi, Quamque lapis sedes, tam lapis ipsa fui.

seph, e com o Portuguez em frente forao estas duas traduções impressas em Lisboa na Regia Officina Typographica, anno de 1772, em quarto. São notaveis as expressões de que usa o Traductor quando falla do nosso Poeta. « Camões, diz elle, l'immortel Camões « prenant sous ma plume un nouvel etre, ira, sous les « auspices de Votre Majesté, étendre dans tout l'Uni-« vers sa renommée et celle de ses compatriotes, à l'aide « d'une langue presqu'universellement consacrée au-« jourd'hui à transmettre à la postérité les chef-d'œu-« vres de Littérature en tout genre ».

Those I hoake in atterny my disque!

iz, pois, o texto desta maneira.

Oh que nao sei de nojo como o conte!

Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei co' hum duro monte

De aspero mato, e de espessura brava.

Estando co' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Nao fiquei homem, nao, mas mudo, e quedo,
E junto de hu penedo, outro penedo.

#### TRADUCÇÃO FRANCEZÃ.

h! je ne puis conter, sans honte et sans regrets, ue, croyant embrasser la beauté que j'aimois, me vis embrassant un mont dur, effroyable, ouvert d'une forêt épaisse, impénétrable; t trouvant face à face un rocher dans mes bras, uand je croyois presser d'angéliques appas, 'homme en moi disparut; muet, presque sans vie, è devins une roche à l'autre roche unie.

para que os Leitores, que se applicao ao esido de traduzir, possao tirar melhor fructo esta lição, na conferencia de diversas traducles desta mesma estancia do nosso Poeta, lhes darei tambem aqui aquellas, que presentemente tenho á mão.

Fr. Thomé de Faria diz assim na sua versac Latina :

Hoc animus meminisse horret, nam brachia nostra Complecti Tethydem credenti, incondita rupes Consita dumetis, et agrestibus aspera sylvis Obijcitur, fronti frons atque opponitur, ora Oribus, atque genis facies decepta cohæret. (Res infausta mihi) non vir, verum altera mansi Rupes, aspectu, scopuloque adjungitur alter Immanis scopulus, supero cæloque minantur.

### Carlos-Antonio Paggi na versao Italiana:

Ciò, che non só come di doglia il conte, Credendo in braccio haver mio bene acolto Abbracciato trovaime á duro monte, D'aspra terra, e di piante horrido, e folto: E con la rupe stando fronte a fronte Ch' al mio stringea, come celeste volto, Non rimasi huomo nò, má muto, e lasso, Quasi accoppiato ad altro sasso un sasso.

Guilherme-Julio Mickle como logo se verá,

iel, e exacto traductor da Lusiada na lingua 1gleza, dá assim este mesmo lugar:

When, Oh, what anguish, while my shame I tell! What fixt despair, what rage my bosom swell! lere was no Goddess, here no heavenly charms, rugged mountain filled my eager arms, Whose rocky top o erhung with matted brier, leceived the kisses of my amorous fire. Waked from my dream cold horror freezed my blood; int as a rock before the rock I stood.

Omoderno Anonymo, Traductor Italiano, que imprimio a sua versao em Turim no anno de 1772:

Ma o qual dispetto allorque l'accidente lo torno a ramentar! Quando la bella Penso stringere al sen, a un eminente Aspro monte abbracciato (ah la favella L'ira mi victa!) veggomi, e'l ridente Angelico sembiante in dura, e fella Rupe trovo cangiato; onde il cordoglio Mi toglie i sensi, e anch' io divento scoglio.

M du Perron de Castera na sua versao Franca, em prosa: « O rage, o désespoir! Comment puis-je prêter « bouche à ce récit qui renouvelle mes douleurs « m'imaginois tenir Thétis dans mes bras, et je « trouvai qu'une montagne, dont la cime affreuse « cevoit les caresses que mon amour destinoit au « sage qui m'avoit charmé: que devins-je en sor « de mon erreur! éperdu, muet, immobile, j'étoi « rocher qui s'unissoit avec un autre rocher ».

Depois de ter escripto quanto acima fi me communicou certo amigo huma nova I ducçao da Lusiada, feita em prosa Franc (he com esta a terceira, que apparece no Idioma), e com a costumada recommenda de muito fiel (\*); da qual só farei caso, p dar aos meus Leitores a traducçao deste no

<sup>(\*)</sup> He esta Traducçaó impressa em Paris no a de 1776, em dois tomos de oitavo grande, e sem n de Author. De huma breve Advertencia, que do pressor vem logo ao principio censta, nao ser esta ' ducçaó feita immediatamente da Lusiada Portugu mas sim trabalhada sobre outra Versao. Eis aqu palavras: « Elle a été faite sur une version littérale « texte Portugais ». Tambem consta da mesma Ad

ar, com o que vou a cumprir. Porém, Traductor confundisse na sua Versao xto das duas estancias LV e LVI, o mesobservo nelle em muitas outras passaste Poema, faz-se necessario, para que se logre a traducção, transcrever huoutra, em que o Gigante Adamastor, ando a falla, diz o que se segue:

cio, já da guerra desistindo, noute de Doris promettida, parece de longe o gesto lindo anca Tethys, unica despida: doudo corri, de longe abrindo iços, para aquella que era vida corpo; e coméço os olhos bellos beijar, as faces, e os cabellos.

ue o Traductor tomou a liberdade de abreesumir muito a seu arbitrio, e a sua vontade s que lhe parecérao algum tanto longos, e dia Il ne s'est permis d'autre liberté que celle errer quelques endroits un peu longs ». Seas palavras, errou o Author o titulo da Obra, nais que Traducçao fiel, parece lhe devia chaome, Compendio, ou Resumo da Lusiada. Oh que nao sei de nojo como o conte!

Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei co' hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava:
Estando co' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Nao fiquei homem, nao, mas mudo, e quedo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

Estes dezaseis versos, com todas as imagens, e bellezas Poeticas nelles comprehendidas, dá o novo, o fiel, e o bom Traductor Francez traduzidos nesta maneira:

« Une nuit que Doris avoit fixée pour mon bonheur, « je crus apercevoir de loin la figure charmante que « j'idolâtrais. Je cours pour l'embrasser. O rage! ô dé-« sespoir! Je n'embrasse qu'une montagne dure et hé-« rissée. L'étonnement me fit rester immobile comme « elle ».

Como isto de Traducções costuma ordinariamente ter tantos Juizes, quantos sao os leitores, e qualquer, ainda que nunca visse, ou entendesse as regras, e preceitos que ha esta<sup>1</sup> belecidos para ellas, se persuade ser o mais

ente: por isso me nao metto a decidir erencia, ou ainda do merecimento desxando tudo ao juizo dos mesmos leitole sentencearão nesta parte, cada hū or de mais seu gosto, bem lhe parecer, or se lhe representar. Eu, lembrandora vez do engenhoso Gaubier, só direi, mui poucas as que se achao trabalhaso por verso, cabalmente completas. e tenho visto, parece-me que sem muita ia, poderá entrar no numero das optique, de huma Canção Portugueza, que versos escrevèra o Padre Antonio dos lúmno da Congregação do Oratorio, e demia Real, fez o Erudito Filippe Joa Gama, Academico tambem da mesoutros tantos Latinos. Porei aqui os ulersos della, para que possao servir de o aos que neste genero de escriptos fidelidade, e dezejao acertar: e tamra desengano dos que, persuadindo-se 1 composto huma excellente traducção, a publico com hum fastidioso, imperxxviij

AO LEITOR.

conservo, e hum pleno conhecimento que tenho da sua moderação, e da sua modestia me nao impedissem o passar a diante. Mas ainda assim, não me demorando em muitos outros elogios de que se faz crédor, sempre com hum animo grato publicarei, que na geral reforma, que se fez dos Estudos no feliz Reinado do Senhor Rei D. Joseph o Primeiro, elle foi tambem o primeiro, que entre nós fez reviver as Letras Gregas, por tao dilatados annos amortecidas em Portugal: e que he tambem o primeiro, que com o mais incansavel, e ardente zelo da Religiao, trabalha porque se restabeleça o Collegio, que a Nação Irlandeza tinha nesta Corte, para a conservação dos Missionarios, e do Catholicismo na Irlanda. Servir-mehei das suas mesmas palavras, para que na sua energía conheção mais vivamente os meus leitores, o quanto este diligente Traductor se cansou, para por em claro, e patentear ao mundo todo, os feitos illustres, e as accões gloriosas dos Portuguezes na Asia, como tambem o merecimento, e o credito do nosso Poeta, tantas

Ē.

vezes accommettido pela malevolencia, e pela inveja de depravados, e perversos Zoilos. Diz assim a Analysi.

Guilherme Julia Mickle traduzio o Poema da Lusiada em verso Inglez Rhythmado; e esta traducção já passou por duas edições em Londres, huma no anno de 1776, e a segunda no anno de 1778, signal evidente de que foi bem aceita entre os Inglezes. Como este Traductor applicou huma grande diligencia, e cuidado, não sómente em conservar na sua traducção toda a harmonia, energia, clareza, e espirito Poetico de Camões (o que pôs em execução maravilhosamente) mas tambem em tudo o que podia servir, ou para explicação, ou para a defeza do seu Author, parece, que não será fora de proposito fazer aqui huma breve Analyse do methodo que elle segue. Antes que se entre na Traducção, achao-se alli varios Tratados Preliminares nesta ordem :

ı. Introducçaõ.

<sup>20.</sup> Historia do descobrimento da India.

- 3º. Historia da fundação, e da decadencia do Imperio Portuguez no Oriente.
  - 4º. Vida de Luis de Camões.
- 5º. Dissertação sobre a Busiada, e Observações sobre a Poesia Epica.

Na Introducção, falla o Senhor Mickle pouco do Poema de Camões; porém este pouco he em grande louvor do nosso Poeta: porque diz, que sobre todos os Poemas que existem, a Lusiada merece a attenção do Philosopho, do Politico, e do homem de bem, por ser o Assumpto della de summa importancia á Historia Civil do genro humano, visto conter os successos, que derao origem ao presente systema commercial do Mundo. Porém o principal intento do Author nesta Introducção he provar as vantagens, que resultao do Commercio, e refutar os Theoristas, que considerão o descobrimento da India Oriental, e da America: e o Commercio em geral, como nocivos, e prejudiciaes ao genero humano, pela introducção do luxo, e augmento dos vicios.

Historia do descobrimento da India faz breve resenha dos estragos, que causáarmas dos Godos no Occidente, e dos enos no Oriente. Relata a invasao destes s em Hespanha, e Portugal; e finaldeduz a sua historia, do tempo da exdelles deste Reino, a consequencia da oi o estabelecimento do Reino de Portuepois de tocar ligeiramente o caracter imeiros Monarcas, e a indole da Nação gueza, chega finalmente ao Reinado do r Rei D. Joaõ I de quem faz hum grande . No tempo deste Principe (diz elle) desı-se o espirito de descobrimento no peito ante D. Henrique, filho deste Rei, muito e por sua piedade, sabedoria, e genero-. Desejando elle sobre tudo abrir novos hos, para extender a fé de Christo, e por sua profunda sciencia na Historia. lathematica mandou fóra varias expedipara investigar a costa de Africa, com fecesso. Destas expedições dá o Traductor nões huma succinta noticia, e diz, que

os Senhores Reis D. Joao I e D. Duarte, e Infante D. Pedro na sua Regencia do Reine com muito zelo favorecêraő as idéas do granc D. Henrique: porém que no tempo do Senha Rei D. Afonso V poucos progressos se fizera nestas expedições maritimas; mas no Reinac do Senhor Rei D. Joao II se renovou co grande vigor o espirito de descobrimento. I anno de 1486 (continúa) descobrio Barthole meo Dias o Promontorio mais meridional Africa, ao qual, por causa das tempestade que alli experimentou, nomeou, Cabo das To mentas; mas ElRei, das esperanças que coi cebeo, de que já estava vencida a maior difl culdade, para achar a India, o chamou Cal de Boa Esperança. Mostrou este Monarca hi ma grande inclinação para descobrir a Indi: mas quando estava fazendo preparações, pai pòr este seu intento em execução, a morte levou. Teve por succéssor, e herdeiro, nao s mente da Coroa, mas tambem do seu grane espirito o Senhor Rei D. Emmanuel. No Re nado deste Principe se completou finalmen

rimento da India pela prudencia, zeencivel heroismo de Vasco da Gama,
o Poema Epico de Camões. Dá aqui o
or huma narração individual, de todos
ssos do mesmo Gama na viagem para
e na volta para Lisboa, conforme as
s Historias Portuguezas daquelle insiito, e principalmente segue o erudito,
te historiador, o Bispo Osorio (\*). De
e esta narração serve de hum Argulistorico ao Poema de Camões. Acaistoria do descobrimento da India faz
ertuncia, que como a Cantiga propheirena, no Decimo Livro necessita de
nmento, por isso dá huma historia

o obstante seguir o Traductor ao Bispo Osore se colhe das muitas, e largas annotações icompanhou a sua Obra, que elle fez hum indo na Historia, não só do Reino, mas da ntal, lendo com a maior reflexao nesta parte, s Fernão Lopes de Castanheda, João de Bariao de Goes, Diogo do Couto, Manoel de usa: e dos modernos os melhores.

compendiosa das negociações, e das guerras dos Portuguezes na India; e assim passa a hum Tratado, que tem por titulo: A Historia da fundação, e da decadencia do Imperio Portuguez na India.

Começa com a expedição de Pedro Alvres
Cabral (\*), e vai seguindo huma narrativa bastantemente exacta dos Governadores da India;
das guerras que sustentárão; dos Tratados de
Commercio, que fizerão; das suas Allianças
com varios Pincipes da India; e da extensão
immensa do Imperio, que acquirírão para a
Coroa Portugueza, pelos mais elevados actos
de verdadeiro Heroismo, pela mais escrupulosa honra, e probibade, e pelo maior zelo do

<sup>(\*)</sup> Esta foi a segunda Armada que o Senhor Rei D. Manoel enviou á India: constava de treze vélas, de que foi por Capitao Pedro Alvres Cabral, a quem o mesmo Rei, depois de fazer celebrar Missa em Pontifical, com Sermao na Igreja do Mosteiro de Belém, acompanhou até ao embarque, que foi naquellas praias, e no dia 8 de Março de 1500. Veja-se Damiao de Goes na Chronica deste Rei, Parte primeira, Cap. LIV, e LV.

m público, sem mixtura alguma de interesse rticular, e privado. Da outra parte mostra, e outros Governadores, seguindo rumos interesta este Imito, que chegou a hum estado de Anarchia tempo, em que Portugal estava debaixo do o de Hespanha. He certo, que esta historia ve para entender a referida Cantiga protica; mas o Author entra aqui em varias estões Politicas, que nao tem que dizer com oema, e assim nao podem ter lugar nesta alyse.

segue-se a Vida de Luis de Camões, que nao a cousa alguma nova, que nos possa demo-, sendo em substancia a mesma, que se acha ta Nova Edição das Obras de Camões. Aqui smo em huma nota faz menção de huma ducção Franceza, que appareceo cem anantes da Versão de Castera: também diz, este Poema foi traduzido na lingua Heica, com grande elegancia, e espirito por zetto, hum Judeo douto, e de grande enho, Author de varios Poemas nesta lingua,

## AO LEITOR.

e que trinta annos ha, pouco mais ou menos, morreo na Terra Santa.

No ultimo lugar vem huma Dissertação sobre a Lusiada, e humas Observações sobre a Poesia Epica. O intento do Author neste Tratado se declara no primeiro paragrapho, que aqui se dá traduzido do Idioma Inglez. « Quan-« do (\*) Voltaire estava em Inglaterra, antes « de dar á luz a sua Henriade, publicou hum « Ensaio sobre a Poesia Epica das Nações Eu-« ropêas. Neste louvou summamente, e criti-« cou asperamente o Poema de Camões: e ainda « que esta critica seja cheia de erros, e muito « superficial, tem com tudo passado em Eu-« ropa pela verdadeira representação do ca-« racter daquelle Poema. As grandes Objeções « em que se funda a critica de Voltaire, sao, « huma mixtura absurda da Mythologia Chri-« stãa, e Pagãa, e huma falta de unidade na « Acção. Em quanto á mixtura da Mythologia,

<sup>(\*)</sup> Tudo o que vai signalado com estas notas « he « huma traducção fiel do Exemplar Iuglez ».

« offerecer-se-ha huma defeza do Poema; e « far-se-ha a diligencia para mostrar ao Pú-« blico, que as exaggerações de Voltaire saõ « meras loucuras: e hum exame da Acçaõ da « Lusiada provará evidentemente, que con-« forme as regras mais exactas da unidade Epi-« ca, a mesma Eneida naõ he mais perfeita na-« quella connexaõ, que he necessaria para for-« mar huma Acçaõ total. »

Para provar que a Acção da Lusiada he huma primeiramente considera qual he a natureza da Epopeia, e conformando-se com a Idea della, dada por Aristoteles, e pelos melhores Criticos, conclue, que o Assumpto de hum Poema Epico deve ser hum; e por falta desta unidade exclue as Obras de Dante, e de Ariosto do numero de Poemas Epicos, porque consistem em varias Acções, que naõ tem entre si aquella connexaõ, que constitue a unidade Epica. Mostra depois por huma breve Analyse da Iliada, e da Eneida, como Homero e Virgilio conserváraõ sempre a unidade da Acção. Para o mesmo fim analysa o Poema de Camõos



## XXXVIIJ ... AO LEITOR.

desta sorte: « O Poema começa com huma re-« presentação da Armada Portugueza, com a hum vento favoravel, sobre a costa de Ethio-« pia : os marinheiros porém estao consumi-« dos com trabalhos, e o salvamento delles de-« pende da boa fortuna de meter-se em algum « porto, aonde achem hospitalidade. Repre-« sentaō-se os Deoses da Mythologia antiga, « ou Poetica em concelho. O successo da Ar-« mada ha de decidir a sorte do Mundo Orien-« tal. Mas quando se falla do artificio do mi-« nisterio dos Deoses na Lusiada, he necessa-« rio advertir, que he todo allegorico, como « o he em Homero, e Virgilio. Jupiter, ou o « soberano senhor do destino, declara que os « Lusos hao de ter feliz successo. Baccho, ou « o Genio da scita de Mafoma, a quem os do « Oriente veneravao com culto religioso, pre-« vendo a ruina do seu imperio, e altares se « oppõem a Jupiter, ou ao Destino. A Venus « celestial, ou Amor celestial favorece aos Lu-« sos. Marte, ou a fortaleza Divina exhorta ao « senhor do destino a ficar inalteravel nas suas

« resoluções; e manda-se o filho de Maia, Men-« sageiro do Ceo, para guiar a Armada a hum. « Porto, aonde sería bem agasalhada. Chega a a frota a Mocambique. Baccho, como Juno 🔻 a na Eneida, faz levantar-se aquelle povo cona tra os Lusos. A consequencia he huma baa talha, e a frota victoriosa vai seguindo a sua « viagem, debaixo da direcção de hum Piloto « Mouro, que os aconselha a entrar no porto e de Quiloa. Sgundo a Historia, quizerao os « Portuguezes entrar neste porto, aonde tudo « éstava preparado para arruina-los infallivel-« mente; mas tiverao a fortuna de serem lan-« cados dahl, por huma tempestade repentina. « O Poeta, no verdadeiro espirito de Homero, e Virgilio atribue esta fortuna á Venus celestial:

Mas a linda Erycina, que guardando Andava sempre a gente assignalada, etc.

Chega a frota a Mombaça. A malicia do Genio da seita de Mafoma ainda excita novos
enganos contra elles. Mercurio, o Mensa-

« geiro do Ceo, avisa o Heroe do Poema, do \* seu perigo, em hum sonho, no espirito de « Homero, e o manda dirigir a frota a Me-« linde. Alli chega, e o Principe o agasalha « com toda a benevolencia, e amisade. Em este « lugar tem o Heroe a primeira noticia certa, « e esperança da India. A admiração, que a « grande fortaleza, e valor dos seus hospedes « excita no peito do Rei de Melinde, por serem « elles os primeiros, que tiverao a ousadia de « passar o Oceano desconhecido, com muito « artificio prepara o leitor, para o longo Epi-« sodio que se segue. Vio Camões, que o Poe-« ma de Virgilio contém em si a Historia do « Imperio Romano do seu tempo, e resolveo-« se a seguir este grande modello. A Historia « de Portugal, que relata Gama ao Rei de Me-« linde, era nao sómente necessaria para dar « ao novo Alliado huma alta Idea do valor, e « do espirito dos Portuguezes, mas tambem « tem huma connexao natural com a viagem « do Gama, e della dá a razao, e o motivo. « Com a mesma propriedade conta o Gama ao « Rei de Melinde a origem, e o progresso da « sua Nação, com que relata Eneas a Dido a « ruina de Troia, que foi a causa da sua viaegem. O Rei de Melinde muito satisfeito com « a fama da Nação Portugueza, promette-lhes « huma amisade constante, e lhes dá hum Pi-« loto fiel. Quando elles navegao pelo grande \* Oceano da India, outra vez se faz uso do ar-« tificio dos Deoses. O Demo representado em · Baccho, roga a Neptuno, e aos Deoses levan-« tem huma tempestade, para destruir a frota. «Os Marinheiros de noute contao as faça-« nhas valerosas de seus Patriotas, e se intro-« duz-hum Episodio no espirito poetico de Ca-«vallaria. Desta sorte representa Homero a Achilles, que canta á sua lyra os lotivores «dos Heroes : e na maneira Epica sao da mesma natureza esta narração dos Marinheiros, e os contos de Nestor, ou para aplacar, ou para inflammar a furia dos Capitães «Gregos.

« Entre tanto ha huma bella descripção da tempestade. Percebe a Venus celestial o pe-

« rigo da frota : e o modo de introduzi-la pela « apparencia da sua estrella, he huma Idéa « Poetica, que havia de fazer honra á mesma « Eneida. Ella no espirito de Homero, chama-« as suas Nymphas, e pelo ministerio dellas se a aplaca a tempestade. Chega finalmente á In-« dia o Gama. Cada circunstancia nasce da « circunstancia antecedente : e o modo de cona duzir o Poema em cada circunstancia, como d se mostrará nas notas, he inteiramente se-« melhante ao de Virgilio : nem duas Trage-« dias, feitas em conformidade das regras dra-« maticas, são mais semelhantes huma da ou-« tra. O Gama, tendo completado o fim da sua « viagem na India, dando á véla, parte para a a Europa; e pela ultima vez se introduz o mia nisterio dos Deoses. Venus para remunerar a os seus Heroes, faz apparecer no mar huma « Ilha deleitosa: Voltaire no seu ensaio na lin-# gua Ingleza, disse, que esta ficção não poa dia ser de gosto de Nação alguma, se não da « Portugueza, e Italiana. Na mesma Obra, na « lingua Franceza, deixou de fóra esta sen« tença; porém diz que esta Ilha he semelhante « a hum lugar de torpezas, para marinheiros « Hollandezes. Esta representação della porém, he igualmente falsa, e grosseira. Cada circunstancia na Ilha do Amor, tem seme-« lhança com a Venus de Medicis. A descrip-« cao sim he viva, mas no mesmo tempo he a casta, como os primeiros amores de Adaõ, « e Eva no Poema de Milton; e inteiramente li-« vre daquella grossaria que se acha em Dante, « Ariosto, Spenser, e no mesmo Milton. Depois « do Poeta explicar a allegoria da Ilha do Amor, « a Deosa do Oceano dá ao Gama a sua mao, « e lhe entrega o seu Imperio, e o guia para « os seus Paços, aonde, em huma Canção pro-« phetica, elle ouve as acções daquelles Heroes, que haviao de estabelecer o Imperio Portuguez no Oriente. No genero Epico naõ \* ha cousa, que mais evidentemente mostre o engenho de hum Mestre. A Ilha do Amor, a depois de ser completado o descobrimento da India; o grande fim do Poema, he huma sfeliz imitação dos jogos funebres em honra

« de Patroclo, depois da morte de Hector, que « he o fim importante da Iliada. O modo de « proceder he o mesmo, ainda que Camões « nao tire de Homero, nem huma unica cir-« cunstancia. Ulysses, e Enéas visitao as regiões « dos mortos, e por força Voltaire ha de guiar « o seu Heroe ao inferno, e ao Ceo. Mas quanto « he superior o espirito de Camões! Elle imita, « sim estes grandes passos, por huma ficção « nova, inteiramente sua; è assim a sua imita-« ção he sómente parallela. O Gama na Ilha « do Amor, e Enéas em o inferno são precisa-« mente a mesma cousa, na Poesia Epica: e « nesta identidade, que não tem em si nada de « plagio, Camões faz o tecido da Historia de « Portugal com muito artificio, como confessa « o mesmo Voltaire. O Episodio com o Rei de « Melinde, a descripção das bandeiras pinta-« das, e a Canção prophetica, na maneira, e « intento, sao parallelas ao Episodio de Dido, « ao escudo de Enéas, e á visão nos campos « Elysios. Os grandes objectos, que se propõem « na Iliada, e na Eneida, sao, abrandar a Ira illes, e por os alicerses do Imperio io; hum se effectua pela morte de Hecoutro pela alliança entre Latino, e completada pela morte de Turno. Da . sorte, o grande objecto da Lusiada ibelecer o Imperio Portuguez Chris-Oriente, o que se completa pela feliz a do Gama a Portugal: e assim no vero espirito da Epopeia acaba o Poema iada, no qual cada circunstancia se ı por huma gradação justa, até que tosuas partes fazem huma somma total, s perfeita unidade de Acção Epica. » defende o Traductor o seu original, falsa critica de Voltaire nesta parte: procede a vindicar o artificio do milos Deoses. Adverte no princípio, que : artificio em Homero he huma pergoría, e que era o gotto prevalecente de Camões imitar os Antigos. O mesões affirma no fim do Livro nono, e ı das suas Cartas, que elle considerou rio dos Deoses, de que faz uso, como puramente allegorico. A Mythologia Pagãa tem, não sómente a sua Venus terrestre, mas tambem a celeste, como se vé em hum lugar do Symposion de Platao. A Venus celeste he a personagem mais propria da antiga Mythologia, para representar a Religiao Christãa; e o Protector mais natural dos altares da India, conforme a antiga allegoría Poetica, he Baccho, que tinha conquistado o Oriente. Com qualquer força que tenhao os argumentos, contra o uso do ministerio dos Deoses Gentios na Poesia moderna, se deve confessar candidamente, que a allegoría de Camões, que arma o Genio da seita de Mafoma, contra a expedição dos seus Heroes, he sublime, felizmente inventada, e interessante. Nem se deve condenar a sua escolha, sem exame do antigo artificio. Tem este artificio sido a linguagem da Poesia por tres mil annos, e todos entendem bem a sua allegoría. Senao he impossivel, ao menos será mui difficultoso inventar hum novo, que seja melhor para hum Poema Epico. Porém o que he mais, o mesmo Voltaire, ainda

que inadvertidamente, offerece huma defeza para Camões. Em hum Ensaio, que publicou com a Henriade, diz elle: « A palavra Amphi-«trite, na nossa Poesia, nao significa outra « cousa, senao o mar; e de nenhuma sorte a « esposa de Neptuno. » E pode perguntar-se : porque não póde significar a palavra Venus em Camões o amor Divino, e naõ a esposa de Vulcano? «O amor (diz Voltaire no mesmo « Ensaio) tem suas settas, e a Justiça a sua ba-« lança em nossas composições Christãas, em « nossas pinturas, e em nossa tapeçaria; e nem « por isso se reputao por huma mixtura do « Paganismo. » Se este criterio he justo, qual he a razao porque não devemos applica-lo á Lusiada, do mesmo modo que á Henriade?

36

r

Outro argumento traz a favor do nosso Poeta, tirado dos dous respeitos, em que se póde considerar a Poesia Epica: porque he historica, e allegorica. Quando o Paganismo era a crença popular, bem podia Diomedes ferir Marte, e Venus: mas quando estes nomes de Beidade vierao a ser meramente allegoricos, tambem devem ser allegoricas as acções, que se lhes attribuem: e Camões nunca se aparta desta regra. Os seus Heroes sao Christãos; e se faz menção da Santa Fé nas partes historicas, nas quaes estes Heroes fallão, ou obrao: e sómente nas partes allegoricas introduz o Poeta a Mythologia Pagã, ou Poetica: e nao ha mixtura alguma de personagens pagãas, e Christãas nas partes allegoricas do Poema, como tambem a nao ha nas partes historicas. Algumas outras provas em defeza do Poeta ha, mas estas sao as principaes. Mostra depois, que todos os outros Poemas Epicos modernos, e ainda a mesma Henriade, tem muito mais desta mixtura culpavel, que o poema de Camões.

No princípio desta Dissertação ha huma nota muito comprida, em que o Author dá toda a crítica de Voltaire, contra Camões, tirada da Edição Ingleza original, ainda que confesse, que Voltaire fez varias alterações, nas edições da mesma Obra na lingua Franceza. A maior parte, porém, das objeções, censuras, e erros de Voltaire, já vem refutados no Discurso Preliminar, e assim nao he necessario repetir aquia refutação, que dá este Traductor, que pouco mais ou menos, he a mesma, que já está dada. Mas he digno de notar-se, que o Traductor descobrio de donde tirou Voltaire a sua noticia de Camões; porque achando elle alguns defeitos criticados por Voltaire, que nao existem em Camões; e no mesmo tempo achando, que estes defeitos existem na miseravel traducção na lingua Ingleza, feita por Fanshaw, conclue com razao, que Voltaire nao teve outro conhecimento do nosso Author, senao o que apprendeo pela lição daquella traducção, que não representa o seu original com fidelidade; pois além de nao ter espirito Poeto algum, tem varios equivocos, conceitos, e expressões baixas, que não se achao no original, os quaes, porém, o desavergonhado Voltaire, com mao liberal dá todos a Camões. Esta ignorancia de Voltaire confirma o Traductor por huma informação, que recebeo de-Pos da publicação da primeira edição da Lusiada na lingua Ingleza, e he: Quando Vol-

I.

taire ainda tinha na Imprensa em Londres o Ensaio sobre a Poesia Epica, por acaso mostrou huma folha das provas delle ao Coronel Bladon, Traductor dos Commentarios de Cesar. O Coronel, que tinha estado em Portugal, perguntou a Voltaire, se havia lido a Lusiada, e elle respondeo, que nunca a tinha visto, nem sabia a lingua Portugueza. O Coronel deo-lhe a Traducção de Fanshaw, e em menos de quinze dias appareceo a crítica de Voltaire.

Depois destes Tratados Preliminares vem a traducção do Poema, que se póde pronunciar a mais poetica, das que apparecérão até agora. Acompanha a traducção com notas historicas, e críticas, em que mostra grande conhecimento da Historia de Portugal, e hum juizo crítico solido. A'lém das notas, no fim do Livro septimo vem hum Tratado, que tem por titulo, « Hum Exame dos principios da « Religiao, e da Philosophia dos Brachmanes, » que he pouco interessante a respeito do Poema. E no fim do nono Livro vem huma « Dis-« sertação sobre a ficção da Ilha de Venus, »

na qual louva summamente o engenho de Camões.

Ainda que nao he o nosso intento criticar o Traductor Inglez, que faz tanta honra, e justiça a Camões, nao devemos com tudo passar em silencio, o ter elle tomado varias liberdades a respeito do original, humas que confessa, e outras que nao confessa. Das que nao confessa apontaremos dous exemplos, deixando a outros a liberdade de julgar, se hum traductor deve affastar-se tanto do seu original, e texto que traduz.

Na ficçaó de Adamastor Camões faz, que aquelle Gigante conte ao mesmo Gama a sua historia, e a dos seus amores: o Traductor porém toma outro caminho; porque depois das vozes propheticas contra os Portuguezes, faz desapparecer o Spectro: e ElRei de Melinde refere haver entre elles esta tradição: que na guerra dos Gigantes havia cahido sobre aquellas praias hum delles, cujos gemidos se ouviao de noute: e que pelos encantamentos de hum Santao, o Spectro foi obrigado a dizer

quem era, e entao segue a sua historia. O outro lugar he no principio do nono Livro: Camões faz que o Samori solte o Gama pela fazenda, que veio a terra no Livro oitavo; e no nono conta simplesmente, que o Gama, impaciente de partir para a Europa, mandou que tornassem os seus Feitores a bordo com a fazenda: mas vem-lhe a noticia, que os Feitores haviao sido prezos; e logo o Gama manda prender huns Mercadores, que vierao ás naos a vender pedraria, e se prepara para partir : porém as mulheres, e filhos dos que estavao prezos a bordo das naos, correm ao Samori, e se queixão que os seus maridos, e pais estão perdidos. Movido com estas queixas, manda o Samori soltar os Feitores Portuguezes, e restituir a fazenda, e o Gama parte-se de Calecut. O Traductor porém, representa tudo isto de hum modo differente. Conforme a sua relação, o Gama está prezo na Corte do Samori, ainda no nono Livro. Em huma Falla cheia de soberba, manda o Samori, que o Gama faça trazer á terra, e entregar-lhe as vélas das naos.

Porém o Gama não quiz consentir nesta proposta, percebendo a intenção maliciosa do Samori. Logo se fazem os signaes, para a frota do Samori attacar a Armada Portugueza: segue-se a descripção da batalha: sobrevem huma tempestade, que desfaz inteiramente a frota do Samori: chega a Armada do Gama victoriosa mais perto da terra, e começa a atirar com a artilheria contra a Cidade. Corre o povo assustado ao Samori, e pede que se faça justica aos Portuguezes: este Principe atemo-'rizado pela destruição da sua frota, pela commoção do seu povo, e pela intrepidez dos Portuguezes, solta ao Gama, e lhe permitte ir a bordo das suas naos. Nesta relação ha mais de trezentos versos, aos quaes nada se acha no original, que lhes corresponda. Aponto aqui estes dous lugares són, por causa de brevidade; mas o leitor intelligente da lingua Ingleza, e da Portugueza achará muitos outros, aonde o Traductor toma a liberdade de se affastar do original, ou supprimiado passagens, que lá se achao, ou accrescentando outras, que lá se

mui differente da traducção. Huma traducção a onde se tomao tao grandes liberdades, póde facilmente enganar o leitor: supponhamos que hum Voltaire futuro, que não souber a lingua Portugueza, queira formar huma idéa do Poema de Camões, por meio da Tradúcção do senhor Mickle; se lhe vier á cabeça imaginar, que na descripção da tempestade, e da batalha no Livro nono ha muito do estilo inchado, e do falso sublime, naturalmente todos estes defeitos attribuirá ao Original, ainda que nelle não ha vestigio de taes descripções; e assim enganar-se-ha, como se enganou o outro Voltaire, attribuindo a Camões os defeitos da ridicula versão de Fanshaw.

Atéqui temos exposto ao leitor Portuguez, com a brevidade possivel, quanto basta para

extenso) que se o imitador, no diciame de Horacio, nao deve traduzir verbum verbo, como fiel, e exacto interprete, parcee que se segue, segundo a força das palavras do mesmo Horacio, que ao Interprete pertence, e he proprio do seu officio o traduzir fiel, e religiosamente.

entender o grande estudo, que o Traductor fez nas Obras Poeticas de Camões, e na lingua, e Historia Portugueza; e para perceber o grande trabalho, que tomou em compilar tantas cousas, que podiaõ contribuir a illustrar o seu Author, e a defende-lo da insolente crítica de Rapin, de Voltaire, e de outros Criticos, que como elles naõ entenderaõ a lingua Portugueza. Em tudo isto tem mostrado o Traductor huma Erudiçaõ vasta, e hum juizo exacto.

Mas com tudo isto não se podem disfarçar huns erros crassos do senhor Mickle, os quaes porém, com reluctancia somos obrigados a notar. Em varios lugares trata a Nação Portugueza com muita incivildade, e principalmente em huma nota na Vida do mesmo Camões, a onde se desbocca contra o Senhor Cardeal Rei D. Henrique, para se vingar do castigo, que justamente se deo ao Escocez Buchanano, tirando deste facto huma consequencia muito injuriosa á Nação Portugueza, e muito indigna, não sómente de hum homem bem creado, mas ainda de hum Philosopho; porque na na-

tureza das cousas, a characteristica que elle dá dos Portuguezes, não póde convir a Nação alguma civilizada.

Bem se podia tambem esperar, que em tal Obra como esta do Traductor, naó houvesse lugar para controversias sobre a Religiaó. Porém elle tem muito cuidado de mostrar o seu odio, e aversaó á Religiaó Catholica. Elle piza, e repiza as antigas, e quast esquecidas calumnias da Idolatria, e outras semelhantes, que foraó mil, e mil vezes refutadas demonstrativamente, e das quaes hoje em dia os Protestantes sensatos se envergonhaó: falsifica factos, e faz allusões ridiculas, e absurdas, que nada provaó, senaó a malignidade do Author. Talvez com este adubo, quiz recommendar o seu livro ao paladar dos seus, para vende-lo melhor.

Atéqui o Reverendissimo Padre Miguel Daly, na sua douta, e bem ordenada Analyse; e atéqui tambem a estimação, e o gosto com que os Estrangeiros cordatos costumão ler o Poema da Lusiada: gosto, que entre nós se não tem achado em alguns, não sei se pelo terem mais

delicado, se por terem bebido em outras fontes as doutrinas da Poesia Epica, e Dramatica. Outra razao mais particular poderá talvez haver; porém essa a deixamos á intelligencia dos nossos leitores prudentes, e desapaixonados, e que costumao dar o seu a seu dono.

Em quanto á justiça, que o Engenhoso Traductor Inglez faz sobre o orgulho, soberba, ignorancia, e falsidade do turbulento, e revoltoso Voltaire, lembramos aos nossos mesmos leitores, que estes sao os communs sentimentos dos Estrangeiros desinteressados, dos quaes se podiao apontar bastantes: mas, para ultimo desengano dos obstinadamente teimosos, e que ainda vivem como embelecados com as futilidades, e ridicularias deste despropositado histriao, bastará que deixemos finalmente aqui, nas palavras de M. l'Abbé de Castres o juizo que delle fazem, nao Estrangeiros, mas dentro da mesma França os seus mesmos contemporaneos, os seus mesmos amigos, e Compatriotas. Depois deste Author lhe fazer a merecida justica em todas as suas Obras Poeticas, não ficando de fóra a sua estimada (\*) Henriade (foi tao extremamente desvanecido de si, e das suas cousas, que chegou a proferir, e publicar, que para haver na França hum Poema Epico, lhe fora necessario escrever a sua Henriade) passando ás Obras em prosa, e principiando pelo ensaio sobre a Historia geral, diz assim:

« L'Essai sur l'Histoire générale ne sera ja-« mais regardé par des Esprits sages et instruits « que comme un tableau infidele, où, sous « prétexte de peindre le progrès de l'esprit des « Nations, l'Auteur s'abandonne à toutes ses « idées, s'efforce de réaliser ses chimeres, ra-« mene tout à l'objet qu'il s'étoit proposé, ce-« lui d'établir le fatalisme, système qui est le « comble de l'absurdité. Tous les événements, « tous les caracteres, toutes les actions, toutes « les conjectures, ne tendent qu'à favoriser ce

<sup>(\*)</sup> He de hum tao relevante merecimento, e caracter este Poema, que tendo corrido impresso pelo espaço de mais de sessenta annos, ainda nao vimos delle huma traducção em outro Idioma.

\* principe. L'Historien renverse, sans pudeur, « tous les monuments de l'Histoire, s'attache aux Traditions les plus suspectes, s'appuie « sur les Auteurs les plus décriés, et neure-« doute pas le mépris du à une crédulité paé-« rile ou à une mauvaise foi odieuse, pourvu « qu'il abuse la multitude, qu'il veut absolument subjuguer et égarer. De là cette affec-« tation de présenter la vertu malheureuse, et « le vice toujours triomphant. S'il parle d'une a bataille, c'est pour faire remarquer que les « combattants qui avoient pour eux la justice, « ont eu les revers en partage. Ses réflexions « sur les différents Princes ne tendent qu'à a prouver que les plus méchants ont vécu dans a la prospérité, et les plus vertueux dans l'in-« fortune. Dès qu'îl trouve la moindre trace de « superstition, il étale un air de triomphe; il « proscrit les abus avec un ton de confiance « propre à persuader qu'il est le premier à les « combattre, tandis qu'il est le seul à ignorer, « ou à feindre d'ignorer qu'on les a condam-« nés avant lui. Il fait plus; quand les faits ne

w publichampas assez à sa censage lon homenog trent pasidans son plant, illes transforme, les ra envenime des violentes pour de assementir à a ban bult y et eroit ètre Philosophe y toutes des ou fois qu'ilm'esoquimposteur ou méchans. Que sa penser, en effet, de tanb d'abecdotes hazaral dées de that de critiques puériles, de ce vain d appareil desagacité qui ne se plaità fouiller rà spiedans les cloaques, et en fait exhalencans accèsse des vapeurs et des nuages qui corròmapent on interceptent les vérités les plus con-- concert no below sot Em final satisfação a alguns escrupulosos, que panece se resentirao de que se puzessem tao claras, e patentes as calumnias, e falsidades do insolente, e petulante Voltaire, ainda accrescentarei ao que fica dito, o que o mes. mo Castres diz; (tom. IV, m. pag. 23e) quando falla do seu celebrado Ensaio sobre a Poesia Epiou: « Il n'y a rien de véritablement décidé a que l'ambitieuse manie de passer pour la dér « positaire du génie de tous les Ans, pour un « littérateur universels pour un homme mus

« que. La plupart de ses Dissertations Littérai« res sont un tribut d'hommages qu'il se paye
« à lui-même, ou des arrêts prononcés contre
« ses rivaux: ses Observations sur la Tragédie,
« une justification de ses Pieces, et la satyre
« adroite de celles des autres; son Essai sur la
« Poésie Épique, une Apologie de la Henriade,
« et une censure injuste des autres Poëmes; la
« Connoissance des beautés et des défauts de la
« Poésie et de l'Éloquence dans la langue fran« çaise, donnée sous un nom emprunté; l'apo« théose de ses productions; mille autres ou« vrages de sa façon, sont autant de trompettes
« sonores qu'il consigne à la Renommée pour
« préconiser son mérite en tout genre. »

O Leitor que quizer neste particular melhor instrucção, póde recorrer ao tomo IV, m. p. 201 dos Tres seculos da literatura Franceza do referido Castres; que eu, por não perder mais tempo, et papel com o ridiculo Thrasonismo do desatinado Voltaire, o deixo já, até que sirva de festivo assumpto ás Declamações de algum futuro Menckenio.»

No mesmo paragrapho numero 28 do referido Discurso Preliminar, onde fallo das estimações, que entre os Alemães merece a illustre memoria de Lais de Camões, deve tambem accrescentar-se o distincto elogio, que, no tom. IV, pag. 78 da sua Geographia Universal (\*), lhe faz o insigne Geographo Henrique Scherer, por estas palavras, em que bem mostra o quanto estava informado da adversidade da sua fortuna, e das horrorosas miserias em que tristemente acabou. Ludovicus Camões, insignis Poeta, dictus Virgilius Lusitanus, sed malignantis fortunæ lusus: diu namque in Orbe circumactus; tandem in patria miseriis immortuus.

Sobre o Rhythmo, e numero metrico algumas cousas havia que accrescentar aqui, ás annotações da pag. xv, e xvj da Prefação do tomo terceiro; porém essas as reservo para hum Tratado particular, que quasi se acha prompto para a impressão.

<sup>(\*)</sup> August. Vindelicor. 1738.

Com o exemplo de outros muittis Poemas, cujos Cantos, od Livros tem os Argumentos de diversos Authores Ja em verso, e Ja em prosa, me pareceo conveniente, nesta segunda Edicao, atlintar em cada hum dos Cantos da Lusiada, ao Argumento de Joao-Franco Barreto, outro em prosa; convencido tambem de que as cousas expendidas na oração solta, se percebem sempre melhor, que na ligada. "Isto he o que entendi, e julguer que devita adverur, e dar ao Leitor nesta segunda Edicas; confiando, que na terceira, e nas demars que se seguirem, haja Editores, que mais digna, e cabalmente satisfação ao merecimento do nosso Poeta.

Salar of the company of the company



•

▼

## DISCURSO PRELIMINAR,

## APOLOGETICO É CRITICO,

COM QUE SAHIO A PRIMEIRA EDIÇÃO.

INTENTAMOS dar ao Público na presente Edição todas as Obras que existem de Luis de Camões, Principe dos Poetas de Hespanha; empreza acomettida por muitos, porém de nenhum concluida até ao presente; porque aquella adversidade de fortuna, que este Insigne Portuguez experimentou em quanto vivo, parece que tambem o persegue além da morte, não lhe consentindo o completo applauso, que elle merece pelos seus escriptos. Pelo espaço de mais de dous seculos tem suado os prélos Estrangeiros, e Portuguezes, na Impressão, já de Traducções, já das Obras deste Grande Homem,

## liviij discurso"

na mesma Lingua original em que elle as escreveo; mas sem que por agora nos embaracemos com aquellas, so nos queixaremos destas, pelo engano que alguns de seus Editores nos fizeram, não nos dando huma Edicao completa! como alias nos haviam promettido. Desde o anno de 1572., em que o Poema de Luis de Camo es sahio a primeira vez impresso, se multiplicaram de sorte as Edições, que affirma Pedro de Mariz, na vida que escreveo, e imprimio com algumas Rhythmas do Poeta em 1601., que até aquelle tempo, só do Poema se haviam consumido mais de doze mil exemplares. Manoel de Faria e Sousa, famoso, e incansavel investigador das Obras, e também das accoés do mesmo Poeta, faz outra conta; e asse-1 vera, que distribuídas as Edições pelos antibs? que decorreram desde o mesmo de 15/2. ate ao anno de 1639.; em que elle imprimio os seus Commentarios, vinha a caber huma Edição a cada tres annos; que vem a fazer a somma de vinte e duas Edicões.

್ರಾ. Continuáram os prélos a traballiar poli

desde o anno de 1639, até ao presente se imprimíram estas mesmas Obras tão repetidas vezes. que nao será hoje facil o numera-las. Conservamos exemplares de muitas destas Edições. que com grande cuidado, e curiosidade ajuntámos de muitos annos a esta parte; porque sempre meditámos vingar a este benemerito Portuguez, das injúrias, e affrontas que lhe haviam feito Editores ignorantes, nos multiplicados erros com que lhe tinham publicado as suas Obras; o mesmo que já temos practicado com as de outros Authores Portuguezes, que tambem, não sem grande trabalho nosso, tem sahido reimpressas desta nossa Officina, com a mais exacta fidelidade, inteireza, e correcção. Entrando, pois, na conferencia de huns com outros exemplares das referidas Edições, achámos, que em quanto à certeza do Poema, sómente entre si concordam duas, que sao: a que se fez em Lisboa no anno do 1600, por Pedro Crasbeek, e dedicada por Domingos Fernandes, Livreiro, a D. Rodrigo da Cunha, Doutor em Canones, e Deputado do Santo

Officio, o qual foi depois Arcebispo de Lisboa, e bem conhecido pela vastidaõ da sua litteratura; e a outra, a que em Madrid, juntamente com os seus Commentarios, fez Manoel de Faria e Sousa, no anno de 1639. Não podemos saber hoje ao certo, que originaes ou exemplares seguisse Pedro Crasbeek na sua Edição: sabemos, com tudo, que nao seguio as primeiras duas Edições do Poema, feitas no anno de 1572., nem também as outras que posteriormente se fizeram até áquelle tempo, porque dellas differe em alguns lugares. Nestes termos, com os melhores fundamentos assentamos, que ó mesmo Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, a quem a obra se dedicou, como tao amante, e favorecedor das letras, ministrasse algum original do Poeta, para se regular aquella Edição. Não deve entrar em dúvida, que naquelle tempo fosse facil o apparecerem originaes do poema, ou Manuscriptos dignos de toda a fé, e credito; porque Manoel de Faria e Sousa, que escreveo, e imprimio trinta annos depois, os achou, como affirma

na vida do Prothe cem varios lugares dos seus Commentarios publicas a las consolicos mod a stich Nauche doutsiblivel, a excepção das duas: pefeiridas Edictes de Grasheck, -e Fania , a negligencia (e induria, com que os Impres-) sores Portuguezes, desprezandos outroprios credito, a honra do Poeta, b da Naçao, e com: es olhos só no sórdido interesse, imprimirata: tao repetidas vezes este Poema, e estas Rhythn mas. Faltar-nos-hia papeli, etempo, para nul; megarmoserros; ebastará diser-se, que pondeacuido proprio, houve Impressor, que dinitio. oito Estancias emchum dos dez Cantos do Poema que imprimio, mas nem por isso deixou de venden: falta, que vinha já de outra Edigao. anteredente. Parece justo que façames tamas hema aqui huma especial memonia da celebizada Ediçao de Paris, do anno 1750 g celer brada dissemos, mas por aquelles que contend. tando-se, e lparando só na casca, ou superfinie, nao penetram o amago das cousas. Não sahemosuna, verdade, que aquella Ediçaç tenhat estimavel outra cousa mais, do que

hum papel claro. Se olhamos para a letra, vemos hum caracter que necessita de microscopio par se ler. Se lhe procuramos a inteireza, e boa correcção, achamos huma innumerabilidade de erros, especialmente nas Rhythmas, procedidos, assim da caixa, como do depravado exemplar, que na Impressao se seguio. Nada diremos do indecoroso de algumas das estampas, boas sómente para entreter ou enganar crianças. Prometteram - nos aquelles Editores hum corpo completo das Obras do Poeta, como atélli se nao havia feito; porém nada menos, omittiram que huma Comedia, com o mais que nesta nossa Edição se achará. Todos estes defeitos, porém, e outros muitos de que por ora nao fazemos menção, lhe perdoariamos de boa vontade, senão houvesse nessa mesma Edição Parisiense perturbação, e absurdo mais consideravel na ridicula idéa com que alli apparecem impressos os Poemas menores, como sao : Canções, Odes, Eclogas, etc. Bem sabido he, ser doutrina assentada pelos Mestres (\*), que cada hum destes Poemas deve constar de certo número de Estancias, e que cada huma destas deve tambem conter certo número de versos, huns maiores, outros menores, collocando-se todos, a arbitrio do Poeta, em seus devidos lugares. Ora suppostos estes preceitos, faça-se diligencia por se ajustarem nestes Poemas, daquella Edição, o número

<sup>(\*)</sup> Muitos poderamos apontar, mas bastará por todos Lodovico Dolce, que diz assim no IV Livro delle Osservationi, fallando da Canção: «Dovendo adunque » hora trattar dell'ordine, e modo di comporre, dico, » ciascuna Canzone dividersi in piu partieguali; lequali » sono dimandate Stanze, per che in esse secondo pure » la opinion di Dante, stá, e si richiudi tutto l'artificio » della Canzone. E di queste Stanze, e regola maestra » è la prima. Percioche é in arbîtrio dello Scrittore di » elegger quel numero di versi e quell'ordine di corris-» pondenze che piu gli piace : e poi col medesimo nu-» mero, e ofdine seguire in sino al componimento » della Canzone. » O mesmo que Ludovico Dolce diz das Cançoes, se deve entender das Odes, Eclogas, Lyras, etc. nas quaes composições militam estas mesmas regras.

ì.

certo das Estancias, com os seus versos cor respondentes, e ver-se-ha o que se acha. Tive-Fam abondade os Senhores Francezes, nim-Primindo indifferentemente todos os versos maiores mais fóra ; e todos os menores mais dentro, de inverter, e transtornar tudo, pondo etudona maior confusão, e namaior desordem; de sorte, que nao ha achar alli, nem o húmero "das Estancias, nem tam pouco o dos versos "que cada huma dellas deve ter, para a boa correspondencia de humas com outras. E que bellos e bem ordenados exemplares para por elles se regularem os que se applicam ao restudo da Poesia, e á composição de semelhantes Poemas! Não succederia isto certamente na Italia, verdadeiro berço das Musas, onde os Impressores, ainda os mais rudes, piderão certament ensinar os mais affamados r da França a imprimir versos. 🗈 🇯 🕬 🕬 🕬 4. Por todas estas razões preferimos os exem-"plares da Edição de Manoel de Faria e Sousa, não só como mais certos, senão taimbem como mais bem ordenados, e por effes regulamos

esta nossa. O trabalho, as despezas, e as fadigas litterarias de mais de vinte e cinco annos,
com que este Illustre Escriptor tratou a Luis de
Camões nas suas Obras, o constituem benemerito de que o sigamos. A grande vastida
õ de estudos que possuia em materia de Poetica,
nosobriga além disto a que na
õ nos separemos
delle. Damos, demais do que atéqui se imprimio, 73. Estancias, que o Poeta desprezou
ao tempo de imprimir o seu Poema a primeira
vez; as quaes, sendo achadas pelo mesmo
Faria em dous differentes Manuscriptos (\*),
que descobrio na Corte de Madrid, onde assistio pelo espaço de muitos annos, e onde fez

<sup>(\*)</sup> A letra fazia recommendavel, e digno de fé o primeiro destes dous Ms. Era huma copia immediatamente tirada de cadernos que se haviam furtado ao Poeta, antes de passar á India, e comprehendia os premeiros Ms Cantos do Poema. O secundo Ms. postoque alterado em partes por Manoel Correa Montenegro; de quem havia sido, sempre Manoel de Faria observou nelle o que vai apontado em seus lugares. Veja-se o mesmo Far. na vida do P. ao princ. da Lusiada.

os mais relevantes serviços a esta Corôa; este no-las deo impressas, naquelles lugares dos seus Commentarios a que respectivamente pertenciam, onde sómente existem, sem que outro algum Editor até ao presente fizesse caso dellas. Não deixamos com tudo de reconhecer, que em algumas dessas Estancias reprovadas pelo Poeta, se acham cousas mais baixas, e por isso mesmo menos relevantes, e attendiveis, como produccões da primeira idade, na qual tendo Luis de Camões meditado a Obra do seu Poema, consta que compuzera certos trossos delle: porém essas mesmas baixezas, além de ficarem assas compensadas com muitos lances verdadeiramente Poeticos, que ahi mesmo se encontram, sendo assim desprezadas pelo nosso Poeta, nos servem de documento, e nos advertem o como em annos mais maduros, e provectos, devemos cortar pelos vicios da imaginação juvenil. Esta facilidade, e esta prudencia de se emendar a si mesmo nao se acha certamente em todos; e por isso a cada passo encontramos em certos

Authores oqueas que despertam o riso, e claramente mostram que Liveram origem em imaz sinacae, pueril, ou desconcertada. Damos tambem as Licões várias, observadas pos mesu mos, Manuscriptos, pelo mesmo Faria le imiro tamos nisto a cuidadosa diligencia daquelles, que occupando-se em publicar o melhor que se escreyeo na antiga, e moderna Roma, fizen ram caso nag só dessas mesmas Lições yárias achadas, pos Manuscriptes; mas, ainda dos, fragmentes dos mesmos Authores. Ficamos, por tanto com a gloria, e com huma total certeza, de que para o futuro, podendo fazer-, se Impressões mais magnificas, e pomposas. das Obras do nosso Poeta, todavia se não farao, nem mais certas, nem mais completas, do que a presente, em quanto ao que elle escreveo.

5. Tambem julgamos senao deviam omittir as dez Estancias de Joao Franço Barreto, que servem de declarar o argumento de cada hum dos dez Cantos do Poema; conservando, juntamente o Index dos nomes proprios, composto pello mesmo Barreto, e tantas vezes impresso com a acceitação dos Eruditos.

6. Tudo isto fizemos por nos mostrarmos gratos á memoria de hum homem como Luis de Camões, verdadeiramente digno do nome de Portuguez, e que nas Hespanhas, sendo o primeiro que abrio caminho á Poesia Epica, cherou por elle onde, ainda fazendo os ultimos esforços, não pudéram chegar os que depois se lhe seguiram. Faz hum Douto a reflexao, de que Homero, e Virgilio, acháram os seus Idiomas em hum mui alto gráo de perfeição, a que os havia levado hum grande número de Poetas seus antecessores; o mesmo succedèra tambem ao Tasso na Italia: porém que antes de Luis de Camões, ninguem havia achado em Portuguez belleza alguma, ou elegancia Poetica. Que elle fora o primeiro, que reconhecendo nos Escriptores Gregos, e Latinos, o ornamento do dizer, e a gala da locucao; e ponderando quanto deve ser engenhosa a invenção Poetica, e quao prudente a disposição; quanta variedade de corei

deva haver na phrase, e de quanta ficção deva ser adornado hum Poema; de quanta e quao varia doutrina semeado; tantára com feliz auspicio passar tudo isto á nossa Lingua, e o conseguira. E na verdade, que quem attentamente reparar na propriedade com que o nosso Poeta se accomoda, e transforma no caracter daquellas pessoas que introduz a fallar, pasmará. He notavel a magestade, e o respeito que respiram as palavras de Jupiter no Concilio do Canto primeiro. A cólera com que descreve a Marte alli mesmo. A ternura e melindres com que pinta a Venus lastimada, diante de Jupiter, no Canto II., pedindo-lhe soccorro, e favor para os navegantes. Nos Cantos III., IV., e VIII. o ardor, bravosidade, e destimideza nas acções, e façanhas militares de tantos Capitães famosos; e outra vez no Canto III. a belleza, e a innocencia de D. Ignez de Castro exposta á tyrannia, e á crueldade, que lhe deo a morte. No Canto IV. são notaveis as despedidas na praia de Belem; e nao se achará coração humano, por mais

obstinado que seja na dureza, e na impiedade, que lendo estas duas passagens se nao neça e mova a lagrimas. Parece impossi que o mesmo espirito que descreveo a colera de hum D. Núno Alvares Pereira, e o sanguinolento daquella batalha no Canto IV., o desafio dos doze de Inglaterra no Canto VI., e no mesmo o furioso daquella tormenta, pudesse transformar-se nas ternuras que contém todo o Canto IX; e principalmente no amoroso, Leonardo, para dizer á sua Nympha as altas, suaves, e finas expressões, que alli se lem. No Canto X., até á Estancia 72., he notayel furor bellico, de que este espirito outra vez se reveste, para pintar, e descrever o valor, façanhas, e as proezas de tantos Heroes Portuguezes na Asia.. O mesmo estrondo das armas, parece que está entrando pelos ouviz, dos; e que com os olhos estao vendo os ares toldados com o pó, e com o fumo: em humas partes se está representando que discorre o furor, e em outras que corre o mesmo sangue. Não obstante, porém, toda esta serie de

bellezas Poeticas, e mais preceitos da Poesia Epica com exacção observados, não faltáram em todos os tempos, assim dentro, como fóra do Reino, zoilos ladradores, que pertendessem escurecer, e denegrir a bem merecida fama de Luis de Camões. Mas deixados por agora os de casa, a que pennas mais eruditas fiseram já emmudecer, sómente diremos alguma cousa sobre o que contra o nosso Poeta escreveo na França o famoso Voltaire. O zelo nos faz pugnar pela verdade, e (nao obstante reconhecermos nossas poucas forças, que nao fazemos vulto na Republica litteraria, e que somos o minimo dos Portuguezes) nos obriga a sahir a campo a defender o nosso Poeta, das atrozes calúmnias com que a falsidade, e a ignorancia deste Estrangeiro pertendeo ultrajálo. Foi Mr. de Voltaire hum homem summamente soberbo, cheio de vaidade, e que mal enfarinhado, ou para melhor dizer, com huma leve tintura das materias, e das Faculdades, orgulhosamente pertendeo no seu tempo passar pelo maior Critico, e por hum dos homens mais

eruditos da Europa. Mas, sem sahirmos da Poetica, conhecemos a summa ignorancia com que atrevidamente fallava nas cousas. Elle intentou fazer hum juizo dos melhores Poetas das outras Nações; porém por falta de intelligencia dos Idiomas, nem ainda o que achou escripto a este respeito soube trasladar. Tratando do Homero, e Virgilio, e podendo dizer muito destes dous Poetas, (ainda sem entender as Linguas Grega, e Latina) elle se contentou com duas cousinhas, e esssas bem pequeninas. Falla em Poetas Hespanhoes, e entre elles, havendo alli outros iguaes, ou talvez melhores, trata com especialidade de Alonso de Ercilla na sua Araucana: e para ostentar que sabia aquella Lingua, pondéra huma breve passagem deste Author, na verdade muito mal, e como quem totalmente o nao entendia, ou nao havia lido. Meteo-se a fallar dos Poetas Italianos, e o que dahi tirou, foi o que logo veremos, no que lhe respondeo entre outros o verdadeiramente erudito Joseph Baretti, na sua Frusta Letteraria. Chega final-

mente a Portugal, e a Luis de Camões, aqui he onde brilhou em toda a sua extensaç o charlatanismo do grande Voltaire. Transcre veremos huma ou outra passagem sua, e poremos na face do Mundo o como acertava que escrivia este facanhoso Erudito dos nosso tempos. Diz que o (Camões (\*), sendo de ma antiga familia Portugueza, nascêra na Hes panha, nos ultimos annos do célebre Reinado dos Reis Catholicos Dom Fernando, e Dona Isabel; tempo em que Dom João o segundo reinava em Portugal). Ora vamos ajustando estas contas com alguma miudeza, e com algum vagar. Em quanto (a Camões ser de huma antigua familia Portugueza) nisso estamos, porque nisso mesmo concordam todos os Escriptores da sua vida: em quanto ao mais nao. A Rainha Catholica Dona Isabel, segundo

<sup>(&</sup>quot;(")" « Camorens, d'ane ancienne famille Portuegaise, maquis du Espagne dans les dernières années des règne rélèbre de Ferdinand et d'Isabelle, tandis, I IIII Jean second régnait en Portugal. »

Garibay na Historia de Hespanha dive 1910 gap, 16., morres em Medina del Campo à 35. de Novembro 1504; seu Marido, ElRei Dove Fernando o Catholico, conforme diz o mesmo Garibay no tom. 2. liv. 30, cany 31; Quintana nas grandezas de Madrida folo 3251. Sousa, Histor. Genealogica, tom. 2., pag. 10 ag, 164. Fuente, no Diario Historico, tom. 10., pag. 110. morreo na Villa de Madrigalejo à 23. de Janeiro de 1516. O nosso Rei Dom. Joeo o II, concordemente dizem os nossos Historiadores, que morreo na Villa de Alvor a 25. de Outubro de 1495. Todos os Escriptores da vida de Luisde Camões, que sao; Pedrode Mariz, Manoel Severim de Faria, Manoel de Faria e Sousa, Gaspar de Faria Severim, o Abbade Diogo Barbosa Machado, e outros, o dao nascido no anno de 1524. Logo com que verdade diz o charlatam Voltaire que (nacéra na Hespanha, nos ultimos annos do Reinado dos Reis Catholicos Dom Fernando, e Dona Isabel, tempo em que Dom João o II. reinava em Portugal?) O dizer que (nacera na Hespanha) tambem he falso; porque dos mesmos Escriptores consta, que ao certo vio a luz do Mundo em Portugal. Duvidáram alguns se foi em Santarem, Coimbra, ou Lisboa; mas ultimamente Manoel de Faria e Sousa, nao deixando lugar a dúvidas, e fundado em documentos dienos de toda fé, assenta que foi em Lisboa.

8 Continúa o mesmo Voltaire, e diz: que (despois (\*) da morte d'ElRei Dom Joao o II. viera á Corte de Lisboa, no primeiro anno do Reinado d'ElRei Dom Manoel.) Pessimo Chronologo. ElRei Dom Manoel principiou a reinar em 1495., e deixou de viver em 1521.; e sendo isto assim, como podia Camões, que nasceo no anno de 1524, vir a Lisboa no primeiro anno do Reinado d'ElRei Dom Manoel?

9 Diz mais: que (\*\*) ElRei Dom Manoel,

<sup>(\*) «</sup> Après la mort de Jean il vint à la Cour de « Lisbonne la première année du règne d'Emmanuel.»

<sup>(\*\*) «</sup> Emmanuel, déterminé à suivre le projet qui « avait échoué tant de fois de s'ouvrir une route aux « Indes Orientales par l'Océan, fit partir en 1693

determinado a seguir o projecto, que tantas vezes se tinha mal·logrado de abrir hum caminho pelo Oceano ás Indias Orientaes, fez partir em 1497. a Vasco da Gama, com huma Armada para esta famosa empreza, (entrepresa lhe chama, sem nenhuma propriedade) que era reputada como temeraria, e impraticavel, so porque era nova.

ro Tudo isto aqui se acha confundido: o projecto do descobrimento da India, não foi tantas vezes mal-logrado: cometteo-se a Vasco da Gama em 1497., e Vasco da Gama deo conta delle. Das expedições que houve antes desta, nenhuma se mal-logrou; todas se empregáram nos descobrimentos da Costa de Africa, que eram os fins a que se dirigiam, Repare-se hum pouco no modo de discorrer deste impostor: diz que a empreza era reputada por temeraria, e impraticavel, só

<sup>«</sup> Vasco da Gama avec une flotte pour cette fameuse « entreprise, qui était regardée comme téméraire et

<sup>«</sup> impraticable, parce qu'elle était nouvelle. »

porque ero noto recenous he quela fania redipatampor temeraria parimpraticantel resqualsera solumbreza de compresso de compresso nota solumbreza de catina he empreza tentas contas consulto pradat.
Que bellaco herenda! E he o famosa Criticao que
que vace dia repe nos Episodies de Poema de p
camões, não ha nexo como assumpto prime
cipalistanta de sera como assumpto prime
cipalistanta de sera como assumpto prime
cos que tiveram o atrevimento de se embano
cab com elle passáram por insensata, epondque muito por sua vontade se saccificáram o
que todes a huma voz clamaram contra olRei reque disboa toda, vio partir com indir
que muito de compresso contra col-

<sup>&</sup>quot;(\*) el Cama et neux qui eurent la hardiesse de sique (s. berquen ayac lui, passèrent pour des insensés qui se « sacrifiajent de gaîté de cœur. Ce n'était qu'un cri « dans la ville contre le Roi : tout Lisbonne vit partir « avec indignation et avec larmes ces Aventuriers, et « les pleutes comme moits : cependant l'entreprise tormsis et flut le premier sendement du commerca que « l'Europosititanje und'inninvoc les Indes par l'Océan »

gnação, et com lagrimas, estes Aventureiros, e os chorou como mortos:) concluindo, (que a empreza teve bom successo, e que foi o primeiro fundamento do comercio, que a Europa faz hoje com as Indias pelo Oceano.

12 Não ha embusteiro igual : exceptuado o ultimo periodo acima, tudo o que se contém nos demais, he tao falso, como seu Author. Tanto não passáram por insensatos, que o maior Chronista d'ElRei D. Manoel, Damiao de Goes, na Chronica do Principe Dom Joao, cap. 6., m. fol. 4. fallando destes descobrimentos, e da navegação da carreira da India pelo Oceano, a que entao se dava principio, diz: « Das quaes navegações admiração foi « entao tamanha, que por esse respeito vie-« ram a estes Regnos muitos homões letrados, « e curiosos; dos quaes huus vinhao com ten « ção de ir ver estas terras, provincias, « novos costumes dos habitadores dellas; o a para tambem ajudarem a descobrir outr « com esperança do proveito, que se lh a disso podia seguir : outros vinhaõ sómet

« para verem has cousas, que destas novas « provincias hos nossos traziao; ou para scre« verem o que ouviao da quelles que das taes « navegaçãos tornavão; por cuja industria, « e stylo se divulgavão então pelo Mundo hos « casos, e acontecimentos spantosos, com que « se cada dia ha nossa Nação Portugueza en« contrava : ho que estes homões estrangeiros « faziao, ou de suas proprias vontades, ou man« dados de Cidades, Respublicas, e Principes, « desejosos de saberem, ha certeza de taman« has novidades- »

13 Por concordar em tudo com Damiao de Goes, e por serem summamente raras as Obras do nosso insigne Mathematico Pedro Nunes, em obsequio aos curiosos da Historia Portugueza, daremos aqui o exordio do seu Tratado em defensao da Carta de marear, no qual diz assim, fallando das navegações dos Portuguezes, e particularmente desta empreza, á qual a eloquencia do Bispo Hieronymo Osorio (\*)

<sup>(\*)</sup> Emmanuel negotium magnitudine clarum, sim-

chama, pela sua vastidao, famosa, e digna de eterna gloria. « Não ha dúvida ( diz Pedro

piternaque gloria dignum suscepit. Osor. de Reb. Gest. Emman. lib. 1. m. p. 21.

Muitos outros Authores Nacionaes, e ainda Estrangeiros, se podiam ajuntar aos referidos; porém só faremos memoria de Duarte Nunes do Leao, no seu Tratado de vera Regum Portugaliæ Genealogia, fol. 36. « Fait Emmanuel inter felicissimos totius Or-« bis Principes numerandus..... Orientis portas pri-« mus aperuit, et multa majoribus nostris incognita « manifestavit. Ætiopiæ, Indiæ et Persidis partem non « minimam, Malacam, Molucos, Brasiliam, e innu-« meras Oceani Insulas, antea non repertas, ex qui-« bus magnas habuit utilitates, Imperio suo adjecit. « Multos Reges subegit; et tanto maris, et terræ spa-« tio dissitus tributarios, et vectigales reddidit; mul-« tos in clientelam, et amicitiam suscepit. Babyloniæ « Regis classes superavit ..... Maximas auri, argenti, « lapillorum, margaritarum, aromatum, et aliarum « Orientalium mercium divitias in Portugaliam invexit. « Tanta vis auri suo tempore fuit, ut prætia rerum

« Tanta vis auri suo tempore fuit, ut prætia rerum « mallent multi argento, ut ære, quam auro puro « puto solvi, quod difficilis ejus esset permutatio. » « Nunes) que as navegações deste Reino, de « cem annos a esta parte, sao as mayores: « mais maravilhosas: de mais altas: e mais dis-» cretas conjeyturas, que as de nenhuma ou-« tra gente do mundo. Os Portugueze ousa-« rao cometer o grande mar Oceano: entrarao a por elle sem nenhum receo: descobrirao « novas ylhas, novas terras, novos mares, no-« vos povos: e o que mais he: novo ceo: e « novas estrellas. e perderaõ-lhe tanto o medo : « que nem a quentura da torrada Zona : nem « o descompassado frio da extrema parte do « Sul: com que os antigos Escriptores nos « ameaçavao, lhes pode estorvar : que per-« dendo a estrella do Norte, e tornandoa a « cobrar: descobrindo, e passando o temeroso « Cabo de Boa esperança : o mar de Ethiopia : « de Arabia : de Persia : podérao chegar á In-« dia. Passarao o rio Ganges tam nomeado: a « grande Taprobana; e as ylhas mais Orien-« taes. Tiraraonos muitas ignorancias: e amos-« traraonos ser a terra mór que o mar: e aver « hi Antipodas : que até os Santos duvidárao: « e que nao ha regiao : que nem por quente, « nem por fria se deixe de abitar (\*). E que « em hum mesmo clima, e igual distancia da « Equinoxial, há homões brancos, e pretos:

<sup>(\*)</sup> João Manardo, famoso Medico de Ferrara, nas suas Epistolas Medicas, que imprimio em Leao de França no anno de 1549., pag. 107., para provar contra Aristoteles, e Averroes, que as terras que jazem debaixo de linha Equinoxial eram habitadas, se val destes mesmos descobrimentos dos Portuguezes, por palavras: « Siquidem Lusitanorum in extremo Occi-« dente habitantium hominum, per Occeanum Atlan-« ticum, ad Austrum primo, deindead Orientem navi-« gatio clarè nos docuit, sub Æquatore, diversis in « locis, inquibus nec mare, nec alia res impedit, varias « gentes habitare. Quod siquis credere non vult, plus « Aristotelis auctoritati tribuens, et Averrois Cordu-« bensis, quam apertæ veritati plurimorum fide dig-« nissimorumque virorum testimonio, qui ad ea loca « navigarunt, approbatæ, cum eo certe non esset alio « modo disputandum, quam eo quo cum negantibus » ignem esse calidum disputat Aristoteles : ut scilicet « cogeretur cum Astrolabio stylo et abaco illuc navi-« gare, rem ipsam exploraturus. »

« e de muy differentes calidades. E fezerao o « mar tam cham: que nao há quem hoje ouse « dizer, que achasse nouamente alguma pe-« quena ylha: alguus baixos: ou sequer algum « penedo: que per nossas navegações nao seja « já descoberto. » Eisaqui como os Portuguezes « passáram por insensatos»; e eis-aqui tambem as erudições, e as críticas (antes ignoranrancias malevolas) do famoso Voltaire.

14 Nao duvidamos com tudo, que esse projecto do descobrimento da India, assim como todas as emprezas grandes, padecesse suas contradicções; porém nao as padeceo certamente pelo principio que Voltaire entendeo: enganou-se nesta parte, como ignorante, nao só da Lingua, se nao tambem da Historia Portugueza. Outros mui differentes foram os fundamentos (que nos nao he necessario por ora expender) que deram occasió a essa controversia, e diversidadelde votos. Nao duvidamos tambem, que no embarque, e despedida daquelles segundos Argonautas interviessem lagrimas; assim nos que ficavam, como em

alguns dos que hiam; porémeste sentimento, sendo como erai, de pura saudade, nada diminuia da grandesa daquella acçay ; nem tam pouco de gosto, e contentamento, com que geralmente todos para ella concorriam. Os que sao vistos nas nossas cousas, sabem que nao houve aqui constrangimento, ou violencia. O mesmo Poeta, por quem, annos depois, nassáram esta saudade, e estas lagrimas, confirmará esta verdade, poisfallando no Canto X., Estancia 1147,, com ElRei Dom Sebastiam, e representando - lhe com vivas expressões a gosto, e o ardor marcial com que os seus vassallos se empregavam no serviço da Patriad e em adquirir novos dominios para, a Coroa Portugueza, lhe diz assim:

Olhai que lédos vao por várias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros;
Dando os corpos a fomes, e a vigias,
A ferro, a fogo, a séttas, e pelouros;
A quentes Regiões, a plagas frias,
A golpes de idolátras; e de Mouros;
A perigos incognitos do Mundo,
A nanfragios, a peixes, ao profundo.

Por servir-vos a tudo apparelhados,

De vós taö longe sempre obedientes

A quaesquer vossos asperos mandados,

Sem dar resposta, promptos, e contentes:

Só com saber que sao de vos olhados,

Demonios infernaes, negros, e ardentes,

Cometterao comvosco, e nao duvido,

Que vencedor vos façam, nao vencido.

Esta mesma alegria, e contentamento no seriço do seu Rei, se confirma tambem no Canio I., Estancia 51., quando, aportando o Gama
em Moçambique, e perguntando aquelles Genios aos Portuguezes, quem eram, e que mares
naviam cortado, os mesmos Portuguezes respondéram:

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto;
Toda a Costa Africana rodeado,
Diversos Ceos, diversas terras visto.
De hum Rei potente somos tao amado,
Tao querido de todos, e bemquisto,
Que nao no largo mar com léda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

No Canto IV., Estancia 84., fallando o mesmo Gama com o Rei de Melinde, e dando-lhe conta das disposições, a alegria com que haviam sahido do porto de Lisboa, para aquella navegação, lhe diz assim:

E já no porto da inclyta Ulysséa,
Co'hum alvoroço nobre, e co'hum desejo,
(Onde o licor mistura a branca area
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estao: e nao refrea
Temor nenhum o juvenil despejo.
Porque a gente maritima e a de Marte,
Estao para seguir-me a toda parte.

Póde tambem ver-se a este proposito a Estancia 72., do Canto V., que não transcrevemos por brevidade.

15 Vai por diante o famoso embrulhador Voltaire, e metendo-se novamente a Chronista de Luis de Camões, (gabo-lhe a bella digestaõ com que escreve) diz: (\*) « Hum desejo vago de

<sup>(\*) «</sup> Un désir vague de voyager et de faire fortune, « et l'éclat que faisaient à Lisbonne ses galanteries

« miajane defazer fortuna: no mide i unfaziam samilishna as suas galantarias indiscretas: o mass. desentantamento da Corta a princis a palmienta in curiosidade, li inseparavel, de « huma grande imaginação, o la runcáram « da sua patria. » Eis-aqui o que em Portuguez corrente se chama andar as apalpadellas. Desta sorte bem podia continuar com o aranzel, e dizer que timba ido por conversar com o Preste Joao; persuadido pelos amigos; porque seu pai o mandara, atc. Em fim; naó ha aqui achar cousa certas

16 Prosegue a ignorancia, e diz:(\*) « ao « principio servio como voluntario em huma « nao, e perdeo hum dos olhos, em hum com « bate naval. Os Portuguezes tinham já neste

enindiscretes, ses mécontentemens de la Cour, et suit, tout cette euriosité assez inséparable d'une grande g imagination l'arrachèrent à sa patrie. » (\*) « Il servit d'abord volontaire sur un vaisseau, et il perdit un œil dans un combat de mer. Les Porettigais avaient déja un vice-roi dans les Indes, etc. »

« tempo hum Vice-Rei nas Indias, etc. » Nova confusao : esta perda do olho, este combate naval, não foram na India, foram em Ceuta, cá na Africa, do Estreito para dentro; onde, primeiro que passasse á Asia, militou o Poeta: no que concordam todos os Escriptores da sua vida; que Monsieur de Voltaire não entendeo (\*). Tambem aqui diz, como de passagem, que o Poeta fora degradado da India para a China, e que lá compuzera o seu Poema; o que tambem se convence de falso, pois consta ao certo, que de Portugal o levára já composto, e que lá sómente accrescentára algumas cousas.

17 Depois de todas estas ignorancias, passa

<sup>(\*)</sup> A vaidade, a malevolencia, a calúmnia, e a soberba, cegáram a Mr. de Voltaire, e por isso talvez não vio, no tom. 4., pag. 440., e seg. do Jugement des Savans, do seu Compatriota Adriano Baillet, noticias da vida, e acções do nosso Poeta, mais verdadeiras, e mais certas, do que aquellas que aqui nos dá. Os curiosos as poderão ver, e combinar humas com outras.

a traduzir em muito má prosa as primeiras quatro Estancias do Poema, onde diz cousas, que o Poeta nem disse, nem certamente sonhou dizer (\*). Mete-se a fazer-lhe seus reparos, e a descobrir-lhe seus defeitos, e vem a cahir nas mésmas ridiculas accusações, em que já outros se occupáram, e cahiram. Nao necessita o nosso Poeta de novas Apologias em sua defensa; assaz se tem escripto na materia: mas ainda assim, sempre de passagem responderemos a algumas cousas. Diz que o Camões dera companheiros a Vasco da Gama, Heroe do seu Poema: como se Enéas os nao tivera

<sup>(\*)</sup> Mostrou-se tao insolente a ignorancia de Voltaire nesta traducção, que até os Criticos Estrangeiros se escandalizáram, chegando a publicar hum delles, que: « La poca fedeltá di Voltaire nel tradurre un « passo tratto dal l'Araucana d'Ercilla, el'invocazione « alle Nimfe del Tago da esso fatta di propria inven- « zione, e quindi supposta a Camões, mi sono, come « dissi giá convincentissime prove, che'egli entende lo « Spagnuolo, e il Portoghese, quanto gli elefanti del « Gran Mogollo. » Frust. Letter. pag. 121., col. 2.

em Virgilio, e Achilles em Homero! Diz que o Camões cantára os Barões assignalados: e nós dizemos que cantou

..... O peito illustre Lusitano, A quem Neptuno e Marte obedeceram.

He digno de ver-se a este proposito dos companheiros do Heroe no Poema Epico, o judicioso Muratori, na sua Perfeita Poesia Italiana, livro 2., cap. 13., defendendo a Torquato Tasso, accusado tambem nesta parte, pela tao injusta, quanto ignorante critica de Renato Rapin (\*). Pro brevidade, e porque

<sup>(\*)</sup> Deste mesmo Rapin ha tanbem na Lingua Franceza cértos reparos criticos sobre o Poema de Luis de Camões, dos quaes fazendo menção, e rindo-se Adriano Baillet, conclue: « Non obstant tous ces « défauts, il est bon de savoir que le Public s'est « obstiné à demeurer dans l'estime et dans l'amour « qu'il a témoigné pour le Poeme des Lusiades. C'est « ce qui l'a fait passer très souvent par la presse des « imprimeurs. C'est ce qui l'a fait aussi tourner en « plusieurs langues, etc.» Jugement des Savans, tom. 4.

estes livros andam nas mãos de todos, nao transcrevemos o lugar, ou os lugares. Diz mais o famoso Voltaire: que o Camões metêra no Poema a Historia de Portugal: suppomos que queria que fosse buscar huns Episodios á Tartaria, ou semelhantes aos de que usou Cervantes no seu D. Quixote. Diz que introduzira os deoses da Gentilidade: visto mostrarse tao escrupuloso, bem podia acabar com os seus Francezes, que dessem principio a deitar fóra da Astronomia esses mesmos deoses fabulosos; pois nao sabemos que haja mais razao para se conservarem nesta, do que para se estranharem tanto no ornamento da Poesia. Falla tambem na Ilha de Anchediva: ficção que certamente mereceo o applauso dos Sabios: e sobre tudo o que mais o espantou,

pag. 442. He o mais principal dos taes reparos de Rapin, que o Camões he escuro nas suas composições, e que os seus versos saő totalmente mysteriosos. E poderá, quem assim entende a Lingua Portugueza, fazer reparos nas Qbras de Luis de Camões?

foi perguntar o Gama ao Rei de Melinde, se as navegações de Enéas, ou Ulysses, tinham comparação com a sua. Como se hum barbaro (\*) Africano (exclama) das Costas de Zanguebar, soubesse quem fora o seu Homero, ou o seu Virgilio! Não ha Crítico mais espantadico do que este. Como se a instrucção de hum Rei se deva regular pela rudeza, e barbaridade dos vassallos: como se fosse necessario ler o seu Homero, ou o seu Virgilio, para ter noticia das navegações de Enéas, e Ulysses: como se naquelle caso, para o Rei de Melinde fazer conceito das navegações daquelles dous Heroes, não bastasse sómente a pergunta do mesmo Gama, e fosse necessario que tivesse lido dellas alguma cousa. Como, finalmente, se o mesmo Camões na Estancia cx1. do Canto II. com muita advertancia, nao prevenira e precavera antes este reparo, fazendo dizer ao mesmo Rei que fallava com o Gama:

<sup>(\*) «</sup> Comme si un barbare Africain des côtes de « Zanguebar savait son Homère et son Virgile! »

Naõ tanto desviado resplandece De nós o claro Sol, para julgares, Que os Melindanos tem-taō rudo peito, Que naō estimem muito hum grande feito.

Léam-se tambem as duas Estancias seguintes, e pondere-se, se a hum Rei que assim se pinta e descreve instruido, he cousa impropria perguntar se-lhe pelas navegações de Enéas, e Ulysses.

18 Desta casta sao os reparos deste grande Crítico, que intentando sahir a público com huma Obra que ficasse no Mundo servindo, como de norma para os Poemas Epicos, publicou a sua Henriade, a qual na estimação dos doutes, e intelligentes da Poetica, a bom livrar, e a fazerem-lhe muito favor, nenhuma outra cousa he, se não huma simples e arida relação, acompanhada do tim tim, e tom tom dos consoantes; ou, para melhor dizer, huma Gazeta rhythmada. Sobre tudo o que fica dito, se Voltaire nota como erro ou defeito o fallar « Vasco da Gama nas navegações de Enéas, « e Ulysses ao Rei de Melinde, porque era hum

« barbaro Africano, e nao havia lido o seu « Homero, ou o seu Virgilio; » estamos nos mesmos termos; e pela mesma regra deve notar tambem em Virgilio, no livro 3. da Eneida, huma larga, e miuda relação, que da sua derrota faz Enéas a Dido: relação tal, e tao circumstanciada, que quando pouco, para bem entendê-la, sería necessario entre outras cousas, que aquella Princeza Africana tivesse huma completa instrucção da Geographia, e de tudo o que diz respeito a esta parte da Mathematica. Mas esta regra de Voltaire he tao falsa, e fallivel, como todos as suas, as quaes ninguem de são entendimento deve seguir, ou ter por seguras.

19. Sería hum nunca acabar se nos engolfassemos nas casquilhas, futilidades, e ridicularias deste nugivendulo; e assim, para que os nossos Leitores se desenganem, e façam hum verdadeiro conceito de quanto este charlatam podia ser juiz competente para com os Poetas das outras Nações, bastará que concluamos com o que sobre elle, e em defensa dos Poetas Italianos, escreveo o Erudito Author da Frusta Letteraria, pag. 115. «Ho detto « che Voltaire non sa un'acca della Lingua « nostra, e non l'ho detto per esagerare come « un vero Italiano istizzito contro uno Stra-« niero que cerca torne l'onor nostro; ma l'ho « detto per dire la pura verità. I suoi molti « giudizi sopra gli Autori nostri, e il picciol « numero de' nostri Poeti e Prosatori ch' egli « nomina quando parla dell' Italigo sapere, « dovrebbon essere una prova quasi bastevole « del pocco, anzi del nulla ch' egli intende « della nostra Lingua, considerando la perpe-« tua smania ch' egli ha di parlare di tuti gli « Autori forestieri; ma non contentandomi di « questo argomento, que non è forte e convin-« cente abbastanza, referirò quì un passo di « Dante da lui tradotto. Confrontate, Italiani « Leggitori che intendete bene il Francese, « la sua truffaldinesca Traduzione col grave « Originale, e poi ditemi se chi traduce in « questo modo, intende la Lingua che tra-« duce.

#### ORIGINALE DI DANTE

Mentre ch' io forma fui d'ossa e di polpe
Che la Madre mi die, l'opere mie
Non furon leonine, ma di volpe.
Gli accorgimenti, e le coperte vie
I' seppi tutte, e sì menai lor arte.
Che al fine della Terra il suono uscie.
Quand' io mi vidi giunto in quella parte
Di mia età, dove ciascun dovrebbe
Calar le vele, e raecoglier le sarte,
Ciò che pria mi piaceva allor m'increbbe,
E pentuto, e confesso mi rendei:
Ahi miser lasso, e giovato sarebbe!

#### TRADUZIONE DI VOLTAIRE

Vers Rimini je fis long-tems la guerre

Vers Rimini je fis long-tems la guerre

Moins, je l'avoue, en héros qu'en fripon:

L'art de fourber me fit un grand renom:

Mais quand mon chef eut porté poil grison,

Tems de retraite, où convient la sagesse,

Le repentir vint ronger ma vieillesse,

Et j'eus recours à la confession.

Oh repentir tardif et peu durable!

« E sarà premesso a chi traduce l'Italiano in « questo mode, di giudicare della Lingua Ita-» liana? Molte altre prove, oltre a questa in-« negabile, potrei quì addurre per mostrare « l'ignoranza di Voltaire sul fatto della Lingua « nostra, e per conseguenza la brutta impos-« tura de suoi giudizi sú tal particolare; ma « troppo bisognerebbe estendermi; onde me « lo serberò per qual ch' altra occasione. » 20. Poucos periodos abaixo acrescenta: «E « potrei anche dire, que Voltaire pizzica di « matto quando parla di Milton, d'Ercilla, e « di Camões; e que aquesto Camões, Poeta « Epico Portoghese, suppose sfrontatamente « un Passo che non ha nella sua Lusiada, per « deprimere con una bugiarda asserzione un « Poeta Inglese, chiamato Derham. »

21. Depois das maledicencias, e calumniosas accusações do célebre impostor Voltaire, parece que pedia a razaõ, e a justiça, que com claros testimunhos, sólidos, e verdadeiros documentos, largamente patente assemos a estimação, e o apreço, em que sempre se

conserváram no Mundo Litterario as Obras do nosso Poeta; porém este Discurso passaria de Prologo a livro, se nos metessemos a seguir esta derrota, e a repetir os louvores, e os applausos, que lhes tributáram Homens insignes. Aos Authores que escrevêram a vida do mesmo Luis de Camões, dos guaes acima fizemos menção; e especialmente ao Erudito Abbade Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, podem recorrer os que nesta parte desejarem mais extensas e copiosas noticias. Por agora só faremos memoria de hum, ou outro daquelles Escriptores, de que ninguem atéqui se lembrou; os quaes como tivessem as condições necessarias, souberam verdadeiramente avaliar o incomparavel merecimento de Luis de Camões em materia de Poesia. Seja o primeiro o insigne Francisco Leitao Ferreira, Academico da Academia dos Arcades de Roma; da Portugueza, que foi instituida no Palacio do Conde da Ericeira; da dos Anonymos; e ultimamente do número da Real da Historia Portugueza. Os dous to-

mos da Arte de conceitos deste doutissimo Escriptor sao hum indelevel testimunho, e serao hum eterno elogio do merecimento de Luis de Camões. Nas Obras deste judicioso Poeta achou a delicadeza do entendimento daquelle Sabio, huma immensidade de lugares, os mais adequados, e concludentes, para comprovar, e exemplificar as suas assercões em toda a sorte de conceito; ou, como elle se explica, em todo o caracter de dizer. São dignas dos Estudiosos as reflexões que este engenhoso cultor do Parnaso, faz sobre muitos lugares do Poema, e Rhytmas; e com especialidade as que se acham na lição trigesima, § 2., num. 16., pag. 144., ponderando o vivo retrato, que no Canto V., Estancia 30., tem Luis de Camões, do Gigante Adamastor.

cisco de Cascales, nas suas Tablas Poeticas, impressas em Murcia no anno de 1617., Obra em que mostrou os abalizados estudos que possuia nesta divina Arte, tambem se diffundio

nos maiores elogios, e louvores do nosso Poeta; já appellidando-o o divino Camões, já o incomparavel Camões.

23. O nosso Joao Franco Barretto, Philologo notavel do seculo passado tambem mostrou ao Mundo o quanto estimava a Luis de Camões no seu Poema, compondo-lhe o Index de todos os nomes proprios, com a declaração dos mesmos, e (o que certamente se não faria, sem hum grande estudo na mesma Obra) reduzindo-lhe o conteúdo em cada bum dos dez Cantos aos admiraveis argumentos, que em oitava rhythma compoz, e repetidas vezes se tem impresso. Mas parecendo isto muito, nao parou aqui, nem se contentou só com estas demonstrações o ardente affecto deste Author; ainda passou a maior excesso; porque sabendo que alguns malevolos, e ignorantes, com atrevida crítica, haviam escripto contra certa passagem do Pema escreveo hum « Dis-« curso Apologetico sobre a visao do Indo, e « Ganges, introduzida com excellente Proso-« popéia, polo insigne e heroico Poeta Luis

« de Camões, no Canto IV. da sua Lusidada, » que era o lugar censurado. Entre algumas Obras manuscriptas, que de João Franco Barreto conservava ocrto curioso, tivemoso gosto de ver este Discurso, no qual se admirava, não sómente a vastidao dos estudos Poeticos; mas huma ampla comprehensão.

24. Não passaremos em silencio Fernando Alvares do Oriente, contemporaneo de Luis de Camões, e Joao Soares de Brito, Abbade da Igreja de Sant-Iago D'antas: o primeiro glossando muitos versos do nesso Poeta, na sua engenhosa Obra da Lusitania Transformada, impressa em Lisboa no anno 1607; e o segando defendendo-o em huma doutissima Apologia dos reparos, e das calúmnias, com que hum Crítico do seu tempo pertendeo insultálo, no Canto IV. do Poema, desde a Estancia 67., até á 75.; e na Estancia 21. do Canto II. Nao declara João Soares de Brito em toda aquella Apologia quem fosse este Zoilo mordedor; porém de Joao Franco Barreto, na sua Orthographia da Lingua Portugueza, pag. 208., e

209., consta que fora hum certo Causidico, chamado Manoel Pires de Almeida.

25 Mas para cabalmente capacitarmos os nossos Leitores, da estimação, e do conceito, que da Lusiada de Luis de Camões fazia Joaõ Soares de Brito, não lhe podemos dar testimunho mais claro, que o que este Author deixou escripto no seu Theatrum Lusitaniæ Litterarium, livro que nao vio a luz pública, e cujo original (de que só huma cópia se extrahio) se conserva na Livraria d'El Rei Christianissimo. E porque este juizo que João Soares fez de Luis de Camões, e do seu Poema, se conserve melhor na posteridade, e nada perca da sua energía na nossa traduccao, o daremos a ler na mesma elegancia Latina em que foi composto, como se segue: « De celeberrimo au-« tem ejus (CamonI) Lusiadum Poemate Epi-« co, in quo Indicam Lusitanorum expeditio-« nem, sub auspiciis Emmanuelis Regis ad sy-« dera usque evexit, sic statuimus : divinum « illud esse opus, sive fabulam, et mores, sive a sententiam, et dictionem spectes. Actionem

« vero suis distinctam partibus, et episodiis, opatimo principio, congruenti medio, et aptisasimo fine constare; neque aliquid in ea desiderari, quod juxta Poeticæ Artis præcepta, ad veram, et perfectam Epopciæ rationem requiratur. Tametsi vero scioli non defuerint, qui CamonI scripta morsibus, seu poatius latratibus impetierint; tamen Viri egresii defenderunt: et Nos, edita Olisipone Apoalogia, ab omni erroris, aut minimi lapsûs nota, pro temporis, ac virium mensura vinadicavimus, haud passi inultam tanti Viri erare umbram.»

26 Deste mesmo parecer de Joao Soares de Brito foi também o douto André Nunes da Sylva, bem conhecido entre os Litteratos pelos seus escriptos Poeticos: existem disto evidentes provas, em huma larga, e erudita Licao Academica, sobre o Poema de Luis de Camões, a qual com outras Obras do mesmo André Nunes, se conserva manuscripta na Livraria dos Padres Theatinos desta Corte, e em poder de alguns curiosos.

27 A este mesmo proposito de reconhecer o incomparavel merecimento de Luis de Camões, em materia de Poetica, puderamos apontar outros muitos Escriptores, Varões insignes, e doutissimos, dos quaes, nem o Abbade Diogo Barbosa Machado, Erudito investigador de antiguidades, nem algum outro Escriptor da vida do Poeta faz menção; porém attendemos á brevidade a que vamos cingidos. Nao passaremos com tudo adiante, sem nos lembrarmos das multiplicadas traduccões, com que, cada huma no seu Idioma, as mais polidas Nações da Europa intentáram possuir este Poema, em toda a sua energía. Principiando, pois, da Lingua Latina, quatro traducções tem apparecido do Poema neste Idioma: a do Illustrissimo Bispo de Targa D. Fr. Thomé de Faria, que se imprimio em Lisboa no anno de 1621.: a de André Baiao, Portuguez, natural de Goa, donde, passando á Europa, e a Roma, foi ahi mesmo Mestre de Rhetorica no Collegio dos Gregos, cujo original se conserva na Bibliotheca Romana : a de Antonio Mendes,

Presbytero secular, e insigne Grammatico do seu tempo, de que dá noticia João Franco Barreto; e a que, por insinuação do Marquez de Niza, D. Vasco Luis da Gama, Embaixador extraordinario á Corte de Paris, e quinto Neto do Heroe, que foi assumpto do Poema, fez o célebre Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, que conservam manuscripta alguns Eruditos, e de que vimos huma grande parte. A'lém das versões referidas, que foram trabalhadas em verso, traduzio tambem este Poema em elegantissima prosa Latina, na verdade como intelligente dos mais profundos mysterios deste Idioma o douto Philippe Jeseph da Gama, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e da dos Arcades de Roma: e he para magoar, que hum trabalho de tanto credito para o mesmo Poeta, e para seu Author, perecesse no incendio, que successivo ao terremoto, abrazou huma grande parte de Lisboa no anno de 1755., como elle mesmo nos communicou por várias vezes. Houve tambem cinco versões deste mesmo Poema na Lingua

Castelhana: a de Bento Caldeira, Portuguez, e assistente em Madrid, impressa em Alcalá, no anno de 1580.: a de Luis Gomes de Tapia, impressa em Salamanca, em 1580.: a de Henrique Garcez, tambem Portuguez, que se imprimio em Madrid em 1591.: a de Manoel Correa Montenegro, e a de Dom Francisco de Aguilar: estas duas ultimas, que não chegáram a imprimir-se, vio Manoel de Faria e Soussa, e dellas faz mençaō, tanto na vida do Poeta, como em diversos lugares dos Commentarios ao Poema. Na Lingua Italiana acham-se duas traducções; huma feita pelo Genovez Carlos Antonio Paggi, e impressa em Lisboa no anno de 1658., em doze; e outra por hum Anonymo, e impressa em Turin no anno de 1772., tambem em doze. Por nao fazermos avultar demasiadamente este escripto. deixamos de mostrar, com lugares de ambas estas versões, e do original, quanto em fidelidade a de Paggi excede a Anonyma, que nos seguram serfeita pelo Conde Laureanni, (benemerito aliás em outros estudos) que assistio por algum tempo nesta Corte de Lisboa. A má escolha que este Cavalheiro teve no exemplar de que se servio para traduzir, deo tambem occasiao a que se enganasse em alguns lugares do Poema; para que acabe de se conhecer, quanto huma impressao errada he prejudicial na Republica Litteraria. Ha tambem na Lingua Franceza huma traducção, illustrada com bastantes notas a cada hum dos dez Cantos, por Mr. Du Perron de Casterá, que sahio impressa em Paris no anno de 1735., em 3. tomos de 12 (\*).

28. Na Lingua Ingleza foi tambem traduzido este Poema pelo Cavalheiro Ricardo Fanshaw, Enviado por ElRei de Inglaterra

<sup>(\*)</sup> Desta Traducção diz De Bure na sua Bibliographia: « Traduction assez estimée: elle est jusqu'à « présent la seule qui ait été publiée de ce fameux « Poëme. » No Jugement des Savans, tom. 4., pag. 442., da Edição de Paris de 1722., Adriano Baillet faz menção de outra traducção tambem na Lingua Franceza, feita por hum Anonymo, e pelos annos de 1612.

nesta Corte de Lisboa. Imprimio-se esta versao em Londres no anno de 1655., in fol. Modernamente sahio segunda vez traduzido em verso Inglez, pelo Cavalheiro Guilherme Julio Mickle, assistente, e graduado na Universidade de Oxford; o qual para vir no conhecimento das bellezas deste Poema, muito de proposito estudou a Lingua Portugueza. He notavel no asseio, e magnificencia, esta edição, que se fez em Londres, anno de 1776.; não deixando tambem de ser esta segunda versão de summo credito para Luis de Camões, pelo delicado gosto que hoje possue a Nação Britannica em materia de Poetica. Não nos consta que haja versao deste Poema na Lingua Alemãa) porém sabemos ao certo, e o sabem os que são versados na Historia Litteraria daquella Nação, que os Alemães respeitam seu Author : isto se vé claro na Bibliotheca de Menckenio, e em outros. A'vista, pois, de tantas e tao diversas Nações, familiarizadas, pela lição do seu Poema, com o nosso Poeta, bem parece que com igual (ou talvez mais)

razao, e justiça, podia Luis de Camões dizer o mesmo que de si vaticinou o Lyrico Latino na Ode XX. do Livro II.:

Me Colchus, et, qui dissimulat metum Marsæ cohortis, Dacus, et ultimi Noscent Geloni: me peritus Discet Iber, Rhodanique potor.

29. Em ultimo lugar daremos aqui hum abbreviado extracto, ou resumo do que se contem nos des Cantos deste Poema, para que com mais facilidade se possa perceber, e admirar na sua contextura tudo quanto pode abranger a vastissima comprehensao de seu Author. He, pois, o seu assumpto principal o descobrimento da India, feito por Dom Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e por ordem do Senhor Rei Dom Manoel, de feliz memoria.

30. No Canto primeiro he notavel o concilio dos deoses; a magestade com que Jupiter alli falla; a cólera com que Marte se descreve; a opposição de Baccho, e a efficacia com que Venus

-qenimieressiquelois Portuguezaio Editaten ulta edistocendsCabroshundeda ab Modambliques - undela os messos la postre de rame adgain a este any and association estend exprise, softward coloride a description of the coloride and naedescripçato y el ve iprincipia men Estericia 145 a e acaba na 69 / Carabem aqui se far menionia s do enpontro se primeira ançao múlitar "que and ingresses baquella praise tivetam, com co - Clentios Authoritam delender die englis. à Rete naura cao tem principio na Estanoja 86.45 100 3 Lo No principio do Canto segundo se net fenero como cheganam a Mombaça. Referenti se as astriciando demonio, que suggeria no Rei .. que destruisse os navegantes : anmia-lites dise traicoes: iste até à Estancia: 174 Aqui pop hum modo admirayel se introduz Venus, assolo geidas; desviando do perigoras Naos. Tem date mesmo Canto, desde a Estanoja 33. paté 6 54 4 a admiravel pintura de Vente, quando fat landa com Jupiter, internede pelos Portue guezes; tem a resposta do mesmo Junitar 14 descripção de Mercurio, e a sua mener entit Reide Melinde, que comerce pre Estancial 54

exorre até à 64. Na 7a., principia a descripção da chegada a Melinde, do alveroço da gente, da pessoa do Rei, do Gama; das demonstrações de alegría; de como o Rei o obriga a que lhe de conta em particular de si, e da sua patria; no que dá fim este Canto.

32. No Canto terceiro se faz a descripção da Europa, e das accões militares d'ElRei Dom Afonso Henriques, o primeiro de Portugal, e de Algumas de seus successores : isto até à Estancia 98. Na Estancia 102., apparece em Portugal a Rainha de Castella Dona Maria, pedindo soccorro a BlRei seu pai, para a batalha do Salado. He digna de attenção a pintura que o Poeta faz desta Matrona rogando. e do Rei condescendendo com os seus rogos. Sahe o Rei armado com a sua gente á batalha. a qual se vence. Aqui entram os amores de D. Iguez de Castro, e o lastimoso e triste successo da sua morte, que logo se continúa. Na Estancia 136. principia a referir-se, como Riffei Dom Fernando se deixou vencer da desordenada affeiçao, que teve a D. Leonor

2.

Talles de Magnes, com a quel, sendo essala se carou, Apontam se caros accidhantes le cat tiggs que a lestas sobrevieram na pltimamenta se desculpa este acontecimento breve, eleante e en distance our letramente parties ...33. No Capto quarto entramias guerras de Portugal com Castella sobre a successão : dáse conta da hatalha de Aljubarrota; da victoria desta , e de mais algumas. Apparece o grande Dom Nuno Alvares Pereira, chefe desta accan He inimitavel a pintura que e Poeta faz deste Heroe, compa espada na mao, animando a todos os que o seguiam, e persuadindo-lhes a razao, e a justica da causa, que devia movêz los. Seguem-se as expedições d'ElRei. Dom Inañ o segundo para descobrir a Indias as guaes começam na Estancia 60.; a sonha d'Eh Rei Dom Manoel, e a visao dos rios Indova Ganges, que lhe fallam; e a descripçan da terras, por onde correm ; goma se prevenia e determinou a viagem de Vasco da Game a resolucaç da gente na mesma-Aqui sa acha es saudosas despedidas entre pais, filbos e

nade, deceposad, purentes, camigo bale prima de Belom Palebem agapse introductaquelleve Higgerekelamando iki consas adiniyun elesis -95%. No Canto thanto refere Vasco de Olma ao Rei de Melinde, por h<del>am modó certament</del>a ekquisites; tudo quanto for vendo desde que salito de Lasboa, até que chegou a Mollade, chi vide entra também o caso de Ferhab Velloso. Matambem squil à fabula de Addinastor, fuil principia na Estancia 37., invencas propria do Poeta, fundada no Cabo de Boa Esperança, so ellegar o Gama defronte delle Como esta ficcao chiega atei a Estancia 66., dia qual ate aò fin continua com a relação do restante da los. Sequerora very cherce d'Ellione ger 25 33: No Canto sexto ha a descripção do har. de Paldelo do Neptuno, do ajuntamento dos deoses maritimos; da pessoa de Tritar, e da chtradade Baccho alli. Propõe se acunsa da vihda de mesmo Baccho, e se referem as suas iras: Ma ambem a agradavel historia dos dole de Inclinera; e depois se refere huma horrorosa to had the property and the second second Gama naquelles mares Orientaes. Aqui apparecem as Nymphas, applacando com a sua formesura, e com os seus amores a furia dos ventos.

36. O Canto septimo entra com huma exhortação, ou advertencia aos Principes Christãos. Segue-se a descripção do Malabar; a introducção do Mouro Monçaide, e a sua relação daquellas partes; a entrada dos navegantes um Galecut; a esculptura das portas do Palacis daquelle Rei, e o que se passou com elle. No Estancia 78. entra a declarar as pinturas de humas bandeiras, que o Gentio queria ver descifradas, com cuja déclaração se passa ao Canto oitavo.

37. No princípio de Canto oitavo continúa a declaração das mesmas pinturas, que todas eram de famosos Heroes. Aqui se descobre a cópia, e a variedade no dizer; porque sendo muitos, e louvando-se em todos huma só cousa, que he o esforço, em cada hum delles usa o Poeta de novos termos, todos inimitaveis. Depois, com a occasião do que alli succedeo ao Gama,

destrovo delle dann Capitam pilulente, migi-) lante, industrioso plade granifacconstanciane wdragaol Tambem aqui se a chana prática quel o mesmo Gama tem com o Rei de Calegue. solice ocharientherdado a entender que era taced. ou adverteach ans Principes Chiresans. - 18. No Canto none são innumeraveisas bellekas, e aktificias Poeticos; o ctridado de Venus, em prevenio descanso, a premio aosamina gantes; que principía na Estancia 18, ; o passar: sió sett carro sa monte Idalio, que principio ata 24. ; a descripção do exercicio dos Cupidos: que principia na 30.) a chegada de Venus, es falla que faz a Cupido, que tem principio, na 36., a acção delle em ferir as Nereidas; a pintura da Ilha, e de hum valle, que principia ma 5/1-1:0 desembarque dos navegantes ne encontro das Nymphas variamente entretidas. due principia na 64.; os pensamentos amorosos de Leonardo, correndo em seguimento. de liphyre, que principiam na 75.; a posse que tomáram das suas Esposas os Soldados, e den Terbys of Gama sigue comesa na 84. SeCXXVI DISCURSO PRELIMINAR.

guem-se algumas moralidades até ao fim do Canto.

39. O Canto decimo principia com o convite que Tethys faz ao Gama; a que se segue o canto da Seréa, que alli se introduz, com a declaração da musica, que juntamente he prophecia das façanhas de tantos Heroes Portuguezes na India: tudo acaba na Estancia 72. Na 76. vai o Gama guiado por Tethys ao cumedehum monte, em que se descreve a Esphera, e o Mundo; ou como diz o mesmo Poeta, a máchina etherea, e elementar. Segue-se depois huma Geographia de toda a terra, que continúa até á Estancia 142., desde a qual se continúa o embarque dos navegantes para a Patria, e o fim do Poema.

## BREVE NOTICIA

DA VIDA

# DE LUIS DE CAMOES.

Pon nos nao apartarmos do costume practicado pelos Editores de Poetas, somos obrigados a dar ao Público, na presente Edição, huma noticia da vida de Luis de Camões, o que faremos breve e summariamente, remettendo os nossos Leitores, que quizerem mais copiosas informações, a Manoel Severim de Faria, e Manoel de Faria e Sousa, que mais extensamente a escreveram.

O mais antigo ascendente de Luis de Camões, de que se acha noticia nas Historias, (deixadas por ora conjecturas, fundadas em etymologias de nomes, que de ordinario naõ sao (os mais solidos fundamentas) ha Vasos Pires de Compes, que em tempe d'ElRei Dora Hepzique de Castella ; chamada a Bastardo! passou de Galliza a Portugal De quem fosta filho este Vasco Pires de Gampes mão ponsta ego corto: he porém indubitavel, que foi can asado; ueste Beino com huma filha de Gongalo Tenreiro, General das Armadas de Portugal; gyqual teyo tambem o titulo de Mestre da Orz dem de Christo. Deste matrimonio nascérant gGongalo Vasde Camões, Joao, Vaz de Camões, ge D. Constança Pires de Camões. De D. Cons tança, e de Gonçalo Vaz de Camões, heuva descendencia illustre, e que se tratou sempre com grande luzimento, da qual nos nao he necessario por ora tratar. O segundo filho que foi Joso Vaz de Camões, vassallo d'ElRej Dom Afonso V., titulo muito distincto e honorifico por aquelles tempos, foi de notavel valor pas guerras de Africa, ecoptra Castellang de extremada prudencia na paz. Teve seu domicilio em Coimbra, em cuja Sé tem tambem magnifica, e sumptuosa sepultura, de que alguns inferiram (erradamente) ser o nosso Poeta natural daquella Cidade. Cassou João Vaz de Camões com Ignez Gomes da Selvá, filha bastarda de Jorge da Sylva, e qual cra filho de Gonçalo Gomes da Sylva, e neto de Diogo Gomes da Sylva, irmao de Joae Gomes da Sylva Alferes mor d'ElRei Dom Jozo I., e Senhor de muitas terras. Teve della a Antao Vaz de Camões, que cusou com Guimar Vas da Gama, (dos Gamas do Algarve, que trasem sua origem dos do Alemtejo) da qual houve a Simaő Váz de Camões, que casóu com Anna de Macedo, da Villa de Santarena. Estes dons ultimos, assistentes em Lisbox, no bairro da Mouraria, Freguezia naquelle tempo de S. Sebastiam, foram os progenitores de Luis de Camões, que nasceo na mesma Cidade, no anno de 1524.

O Licenciado Manoel Correa, contemporaneo, e amigo do Poeta, na vida que escreveo do mesmo, por mera conjectura, ou por hum pouco mais, ou menos, o dá nascido no anno de 1517., porém Manoel de Faria e Sousa,

sendo seguido sintes a un coma opinico prima Lisharda Casarda India prievid plazad absor parceur mais corto calculo; e prova hasocia « Camões, fobsidoquiamina 4 ce robonde of eou Mocanno de 1643. (dis Faria) velo as mina oderodas as pessoas mais principaes que pasa stram la servir aquelles Estados desde do a sumo de 1500. Laté estes nosses tempos! & evaluista do anno de 1550, achei este asi e sento pre Euis de Cambes, filho de Simato « Way, wanna de Sá, moradores em Lisbon, a « Mouraria , Escudeiro de 25 annos y de barba civilizar trouxe por fiador a seu pair val me « Não de São Pedro dos Burgalezes». Esta Nãos crack sin gue his o Viso-Rei Dom Afonso de Noronhay que entao passava á Indias executo and la crabarcou Luis de Camões no anaudet 2556. postoque se alistance mae sime no añadde 1553; em que foi por Gapitan) mon del custro Dios Fernando Alvres Cabral lano Rece generale general langue abenialty da gente de

gunty quality and comesmo. Faria dista assesses e Hegnando: Garado, filho de Manoal Casado p me de Branca Queimada, motadores em Liesboa Escudeiro; doi em seu lugar Luis de u Camões, filho de Simao Was e Anna de Sán a Becudeiro, e reocheo 26400. reis naomo os « demais ». Destes dous assentos (que se o do certeza, indubitavel, conclue Faria, que se o Poeta no anno de 1550, tinha 25, de idade sem dúvida havia nascido no amno de 1524 e Em quanto ao appellido de Sá, que em ambos os assentos se dá a sua Mãi, se responde que se appellidava de Sá e Macedo, e que o Ds, crivare por brevidade, lbe tigaria e Magedo assim, como a seu Marido o de Camõesa din zenilo sómente Simao Vaz.

Educado Luis de Camões até á idade de dozos ou treze annos, passou á Universidade, que jál naquelle tempo, por ordem dElRei Dem Joso III., se havia mudado segunda vez de Lie-bos para Coimbra Foram notaveis os progressos que alli ses mas Artes, e nas Sciencias, compadireção de quelles Homens linsignes, que a direção de quelles Homens linsignes, que a

mesmo Rei chaméra de fóra do Reino, para instruirem a macidade. Nac podemos ter melhor, pem mais certa prova, que os mesmos escriptos do messo Poeta. Desta assistencia em Coimbra se lembrou sempre Luis de Camões, com huma viva saudade, como coneta do soneso x 33.:

Doces e claras aguas do Mondego, etc.

### Da Canças IV.

Vao as serenas aguas Do Mondego descendo, etc.

E ainda do mesmo Poema, onde no Canto VII., Est. 78. diz:

Eu, que cometto insano, e temerario, Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego, Por caminho tao arduo, etc.

Acabedos os estudos, e restimido a Lisboa, como lac provavel se entregasse ao ocio, entrou logo, a experimentar os damnos que della sesuitamisphraiculaimante ina idade francisca.
Affiniscouracio opria Damas centa affinisti dans centa affinisti dans centa affinisti dans descriptiones de scoura (Crentis alguns si eque con el desterrio doi amo bantareno da idadenta esta de la desterrio doi amo bantareno da idadenta esta de la desterrio de como bantareno acuseo Condio adalentada pretambida el partido de la como de desterrada pretambida el partido de la Corte, e onde diz que esta esperando o Tejo, e as concavas barcas que cortavam a sua corrente:

Vejo o puro, suave, e brando Tejo, (Com as concavas barcas, que nadando, Vao pondo em doce effeito seu desejo.

Noltando a Lisboa, e tornando a reincidir, na mesma culpa amorosa, houve segundo destorro. Manoel de Faria he de opiniao, que nao foi segundo; mas que elle mesmo, vendo-se impossibilitado para vir a Corte fisera o primeiro mais dilatado, tomando a resolução de ir servir a Ceuta. Nesta Praça militou, e assistica para lasta tempo, como consta da Riegia que ocupaça. Aquella que da amon descepe.

Subo-me ao monte que Hercules Thebane Do altissimo Calpe dividio, Dando caminho ao mar Mediterrano, etc.

Pelejando valerosamente aqui mesmo, em hum combate naval, perdeo o olho direito, como elle toca na Canção que começa:

Vinde cá meu tao certo Secretario, etc.

Que esta perda do olho fosse na Africa, e nao na Asia, se entende claramente da primeira carta que escreveo da India a hum amigo, na qual fallando de hum certo Manoel Serrao, em quem havia a mesma falta, diz: Que, sicut et nos, manqueja de hum olho. Reputava este defeito com já antigo, e como cousa notoria nelle em Portugal.

Depois de haver militado em Ceuta por algum tempo, veio a Lisboa, persuadindo-se conseguiria algum premio por aquelles serviços militares; mas perdendo totalmente as esperanças do que pertendia, tomou a resolução de passar á India. Era o seu projecto

embarcar no anno de 1550., com o Viso-Rei Dom Afonso de Noronha; porém tendo desvio. aquella resolução, (como acima fica tocado) veio a fazer viagem no annode 1553. Embarcou Luis de Camões na mesma Nao em que hia Fernando Alvres Cabral, e das quatro que este Commandante governava, esta foi a unica que naquelle anno chegou á India. Desembarcando em Goa no mez de Septembro, e achando que o Viso-Rei D. Afonso de Noronha, que entao o era daquelle Estado, estava de partida com huma grossa Armada contra o Rei da Pimenta, inimigo do de Cochim, e Porcá, amigos nossos, se embarcou, por servir naquella occasiao, da qual sahimos com victoria, como elle refere na Elegia que começa: O Poeta Simonides fallando, etc. na qual dà tambem conta da sua viagem.

Continuando no exercicio das armas, passou no anno de 1555. ao Estreito de Meca, em outra Armada, de que foi Capitam mór Manoel de Vasconcellos. Ahi se demorou por algum tempo, supportando incommodidades

gravissimas, como consta da Canção X, que escreveo em Goa, e principia:

Junto de hum secco, duro, esteril monte, etc.

Em muitos lugares dos seus Poemas lamenta Luis de Camões os seus infortunios, e muito particularmente na Cançam XI, que, depois de voltar da India, escreveo já neste Reino, na qual, á imitação de Petrarca na Cançam IV, e de Garcilasso em outra do mesmo número, nos deo hum Compendio da sua vida, e dos innumeraveis trabalhos, e calamidades de que em toda ella se vio combatido. Deixarei aqui a Estancia X, para que o Leitor nestas poucas palavras lea, e pondere huma pequena parte da horrorosa, e dilatada Iliada das suas desgraças.

A piedade humana me faltava,
A gen e am ga já contraria via,
No perigo primeiro; e no segundo,
Terra em que por os pés me fallecia;
Ar para re pirar se me negava,
E faltava-me, em fim, o tempo, e o Mundo.

Que segredo tao arduo, e tao profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ella!
E nao poder perdella,
Estando tantas vezes já perdida!
Em fim, nao houve trance de fortuna,
Nem perigo, nem casos duvidosos,
(Injustiças de aquelles que o confuso
Regimento, do Mundo antigo abuso,
Faz sobre os outros homões, poderosos!)
Que eu nao passasse, atado á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.

No princípio da Ecloga XI, escripta tambem depois de haver chegado a Portugal, debaixo do nome de Limiano faz as mesmas queixas dizendo: que, cuidando acharia descanço, socego, e abrigo na patria, em lugar disto, achára sómento huma continuação das mesmas, ou maiores adversidades. Estas são as palavras:

Podia ser; que muito tempo fóra Andei desta ribeira, patria minha, Onde triste me vez andar agora.

Tinha lá para mi, que a vida tinha

Mais socegada cá, e mais segura,

Entre os meus, que com gosto a buscar vinha.

Foi d'outro parecer minha ventura:

Discordias sós achei, e achei dureza,

Em lugar de socego, e de brandura.

Era Luis de Camões acerrimo Censor dos vicios; e vendo que alguns que serviam Officios publicos se desmandavam, escreveo huma Satyra, na qual fortemente os reprehendia. Tambem compoz, depois desta, outra, contra alguns Grandes da Cidade, que haviam festejado a entrada do Governador Francisco Barreto com hum jogo de cannas. Estas foram as acções mais reprehensiveis que se encontram na vida do nosso Poeta, visto que nenhum homem ingenuo, e prudente, deve romper em taes desatinos.

Estimulado Francisco Barreto, talvez por queixas dos offendidos, que costumam fazer as culpas ainda mais aggravantes, fez prender a Luis de Camões, e o degradou para a China. Aquiservio o Officio de Provedor dos defuntos, e ausentes, na Cidade de Macão, de pouco tempo fundada pelos Portuguezes. Tendo, porém noticia de haver entrado no Governo da India o Viso-Rei D. Constantino de Bragança, se resolveo a voltar a Goa. Nesta viagem padeceo hum naufragio; e sahindo nú nas praias do Rio Mecon, sómente pode salvar o seu Poema, qual outro Cezar, em semelhante acontecimento, os seus Commentarios.

No anno de 1561. chegou finalmente a Goa, onde recebeo particulares mercés do Viso-Rei D. Constantino de Bragança, e nao menos do sucessor no Governo, o Conde de Redondo Dom Francisco Coutinho. Nao foram com tudo tao poderosos estes favores, que chegassem a tirar Luis de Camões da prisao em que o haviam metido: dizem huns que por algumas travessuras, outros que por falsas accusações de cousas, que diziam respeito ao Officio, que o Poeta havia servido em Macão.

Estando nesta prisaõ, e jà ao tempo de sahir della, o embargou Miguel Rodrigues Coutinho

Fios Seccos, por algum dinheiro que lhe havia emprestado. Neste aperto recorreo ao Conde Viso-Rei, que estando de partida com huma lustrosa Armada, para celebrar pazes com o Camorim, deixou ordem para que fosse solto.

Achando-se Luis de Camões em huma tao triste situação, cercado de trabalhos, e em summa pobreza; e vendo que lhe nao aproveitava diligencia alguma, para sahir de taō extremas miserias, se lhe offereceo Pedro Barreto para o levar comsigo a Sofala, onde passava com o posto de Capitam. Seguio o Poeta a Pedro Barreto, mas chegando a Sofala experimentou nelle hum tratamento tal, que aportando alli humas Naos da India, que vinham para o Reino, se resolveo a embarcar nellas: embargava-o Pedro Barreto (como já Miguel Rodrigues Fios Seccos) dizendo lhe devia duzentos cruzados, que com elle havia despendido; mas a esta dívida acudiram promptamente alguns Cavalheiros, que para o Reino vinham nas mesmas Naos, e a pagáram de

boa vontade, só pelo interesse de trazerem na sua companhia 'a Luis de Camões. Foram estes Heitor da Sylveira, Antonio Cabral, Luis da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferrao, e outros. Resgatado assim Luis de Camões, voltou na companhia daquelles Cavalheiros para a Patria. No anno de 1569. chegou a Lisboa, que achou ardendo em hum horrivel contagio. Aqui em lugar do premio que merecia pelas suas gloriosas fadigas litterarias, e marciaes, entrou a experimentar novas, e talvez mais fortes adversidades, chegando a tanta miseria, que hum escravo seu chamado Antonio, pedia de noite de porta em porta para o sustentar.

Desta sorte acabou hum homem, cuja memoria, a pezar da inveja, será eterna entre os Eruditos. Morreo em Lisboa no anno de 1579., com 55. de idade; por aver nascido no de 1524. Deo-se-lhe sepultura ao lado esquerdo da entrada da porta da Igreja do Convento de Santa Anna de Religiosas Franciscanas. Poucos annos depois, que foi no de 1595., D. Gonçalo

Coutinho lhe deo nova sepultura, no meio da Igreja, e lhe fez gravar na campa esta Inscripção:

## AQVI IAZ LUIS DE CAMÕES, PRINCIPE

DOS POETAS DE SEV TEMPO: VIVEO POBRE E MISERAVELMENTE:

E ASSI MORREO.

ANNO DE M. D. LXXIX.

Ultimamente Martim Gonçalves da Camera fez com que se lhe gravasse na lapide o seguinte Epitaphio:

Naso Elegis, Flaccus Lyricis, Epigrammate Marcus, Hic jacet Heroo carmine Virgilius.

Ense simul, calamoque auxit tibi, Lysia, famam: Unam nobilitant Mars, et Apollo manum.

Castalium fontem traxit modulamine: at Indo, Et Gangi telis obstupefecit aquas.

India mirata est, quando aurea carmina lucrum Ingenii haud gazas ex Oriente tulit.

Sic bene de patria meruit dum fulminat ense: At plus dum calamo bellica facta refert, Hunc Itali, Galli, Hispani, vertere Poetam: Quælibet hunc bellet terra vocare suum. Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.

Foi Luis de Camões nobilissimo por ascendencia, Poeta clarissimo, valeroso Soldado, e de costumes correspondentes ás suas qualidades. Foi de mediana estatura, e bem formado; olhos grandes, nariz no meio levantado, b ca grossa, e cabello tirante a acafroado. Em tudo lhe faltou a fortuna, senaõ na perpetuidade do nome, que ha de competir com a duração dos seculos.

## ELOGIOS,

## QUE A LUIS DE CAMÕES

DEDICARAM ALGUNS ESCRIPTORES.

## DE MANOEL DE SOUSA COUTINHO EPIGRAMMA.

Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus alto Quod Sophocles tristi, Naso quod ore canit; Mæstitiam, casus, horrentia prælia, amores, Juncta simul cantu, sed graviore damus.

Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit illum Lysia in Eoas imperiosa plagas.

Unus tanta dedit? Dedit, et majora daturus Ni celeri facto corriperetur, erat.

Ultimus hie choreis Musarum præfuit: illo Plenior Aonidum est, nobiliorque chorus.

Flos veteris, virtusque nova fuit ille Camoena, Debita jure sibi sceptra Poësis habet.

In Lusitanos Heliconis culmina tractus

Transtulit antra, lyras, serta, fluenta, deas.

Currere Castalios nostra de rupe licores
Jussit ab invicto prata virere solo.

Cerne per incultos Tempe meliora recessus, Cerne satas sterili cespite, veris opes.

Omnibus occidui rident tibi floribus horti, Non ego jam Lysios credo, sed Elysios.

Orpheus attonitas dulci modulamine cautes Traxit, et ab stygio squalida monstra foro.

Thessalicos, Lodoice, sacro cum stumine montes

Pieridumque trahis, Cælituumque choros. Sunt majora tuæ Orphæis miracula vocis Attica, quid fæceres si tibi lingua foret?



## INCERTI AUCTORIS

EPIGRAMMA.

Laurea Camonium circumdedit: illa virescens Semper, quamquam ætas prona senescat, erit.

D. THOMAS TAMAIO DE VARGAS, H. R.
IN EFFIGIEM MAGNI LUD. DE CAMÕES

RPICORUM PORTADHIN IN HERPANIA PREMIÈRI.

## EPIGRAMMA.

Grandia Lysiadum solus celebrare trophæa

Andind merui Mæonidque tubd.

# DE CAMÕES COGNOMINE EPIGRAMMA.

Indidit ipsa ruum tibi docta Cameena Camees
Nomen, ut à Musa vox tua voce sonet.

## LUDOVICUS CAMONIUS

MILES, ET VATES.

### EPIGRAMMA.

Dextera Camonii gladium tenet, ipsa lyramque: Et Phoebo, et Marti militat una manus.

# INCERTI AUCTORIS EPITAPHIUM.

Hic situs est Lysiis Camonius ille, Camoenis
Qui dedit, et sumpsit nomen, amoenus olor.
Lysiaco princeps, atque unica gloria Muso,
Seu cantare lyrd, sive sonare tubd.
Dulcibus auritum tenuit qui cantibus Orbem
Dum Lysio ad numeros arma, virosque canit.
Mors ipsa arguto capta est dulcedine vocis,
Nec passa omnino tale perire melos.
Post cineres adeo viva illa silentia cantat:
Lingud illd tumulus clamat, et Orbis amat.

Quin etiam variis modulatur carmina Linguis
Italo, et Hispano, Gallico et ore sonat.
Quæ vitam Meroum factis modulamine laudum
Lingua dedit, nunquam debuit illa mori.
Contigit huic uni, quod Musa negavit olori:
Nam sua post etiam funera cantat olor.

# TORQUATO TASSO A LUIS DE CAMÕES SONETO.

Vasco, le cui felici ardite antenne In contro al Sol, che ne riporta il giorno Spiegar le vele, e fer colà ritorno Dove egli par, che di cadere accenne:

Non piu di te per aspro mar sostenne Quel, che fece al Ciclope oltraggio, et scorno: Ne chi turbo l'Arpie nel suo soggiorno, Né die piu bel subietto à colte penne.

Na grande Edição que das Obras de Torquato Tasso se fez em Veneza, no anno de 1736., em 12 volumes de quarto, achará o Leitor este Soneto, que vem na segunda parte do volume sexto, pag. 227. e he no número o 384.

Et hor quella del colto, e buon Luigi Tant' o'tre steude il glorioso volo, Che i tuoi spalmati legni andar man lungo.

Ond'aquelli, acui s'alza il nostro Polo, Et achi ferma incontra i suoi vestigi Per lui del cor o tuo la fama aggiunge.

## DE D. LEONARDO TURRIANO

## SONETO.

Celeste Cigno de' gran fatti egregi
Del popol Lusitano, ardito, e forte,
Ch' in alto Canto, ad onta della morte,
E del tempo, gli auvivi, et anco infregi.

Se ne gl' alti Elisi, di stellati fregi L'Eroico Vasco orna le tempie accorte; Per te, dal basso Occaso al' alte porte Dell' Oriente, ha i più lodati pregi.

A lui la Palma; a te il lauro si deve, Luigi, degno Apollo, e degno Omero, E degno Sol della tua penna stessa.

Vive per lei fra mil'e lingue; e in breve Rivolga que to, e quell' altro Emisfero In vive earte la tua fama impressa.

# DE FRANCISCO LOPES A LUIS DE CAMÕES

## SONETO.

Está o Pintor famoso attento, e mudo Pintando, e recebendo mil louvores Pelo que retratou de varias cores, Com engenho subtil, vivo e agudo:

Quem he este que falla, e pinta tudo; O Ceo, a Terra, o Mar, o campo, as flores, Aves, e animaes, Nymphas, Pastores Co' o divino pincel do grande estudo?

O Principe será do gram Parnasso, Ou o Grego excellente, e soberano Ou Torquato tambem, que em Verso canta:

E senao he Virgilio, Homero, ou Tasso, E he, como parece, Lusitano, He Luis de Camões, que o Mundo espanta.

## DE DIOGO TABORDA LEITAÓ,

CONTEMPORANEO DO POETA,

## SONETO.

Espirito, que ao Empyreo Ceo voaste, Das Musas cá na terra tao chorado; Quanto melhor terás já lá cantado Do muito que tao bem nos cá cantaste!

Partiste-te de nós, sós nos deixaste,
A ser lá de outro louro laureado,
Differente daquelle que te hao dado
Os que cá com teus versos tanto honraste,

Lá Hymnos, Odes, Cantos mais suaves Podes cantar na Angelica Hierarchia, Onde essa voz de cisne mais se apura.

Nem te podem faltar materia, graves, Em que occupes melhor a phantasia; Que, em fim, o de cá passa, o de lá dura.

## DE DIOGO BERNARDES

## SONETO.

Quem louvará Camões que elle nao seja?

Quem nao vé, q em vão cansa engenho, e arte?

Elle só a si se louva em toda a parte,

E só elle toda parte enche de iuveja.

Quem juntos n'hum esprito ver deseja Quantos does, entre mil, Phebo reparte, (Quer elle de amor cante, quer de Marte) Por mais nao desejar a elle só veja.

Honrou a patria em tudo: imiga sorte
A fez com elle só ser encolhida,
Em premio de estender della a memoria,

Mas se lhe foi fortuna escaça em vida, Nao lhe pode tirar despois da morte Hum rico amparo de sua fama, e gloria.

## DE AUTHOR INCERTO

## SONETO.

Quem he este, que na arpa Lusitana Abate as Musas Gregas, e Latinas; E faz que ao Mundo esqueçam as Plautinas Graças, com graça alegre, e lyra ufana?

Luis de Camões he, que a soberana Potencia lhe influio partes divinas, Com que espiram as flores, e boninas, Da Homerica Musa, e Mantuana.

Se tu, triumphante Roma, este alcançáras

No teu Theatro, e Scena luminosa,

Nunca do Grão Terencio te admiráras.

Mas antes, sem contraste, curiosa Estatua de ouro alli lhe levantáras, Contente de ventura tão ditosa.

## DE MANOEL DE FARIA E SOUSA

## SONETO.

Si a escrivir tu pluma a pira, Y si espirando no escrive, Toda Musa por ti vive, Y toda contigo espira.

Siempre suena, siempre admira, Nunca su valor prescrive, Tu aliento, ò mano, cultive Ya la tuba, ya la lira.

Bien por el Orbe està llano Que Apollo en el se escusára Teniendote Apollo Hispano:

Que al Mundo, si se repara, Cada rasgo de tu mano Es un rayo de su cara.

## DO MESMO AUTHOR EPITAPHIO.

Cierra esta pyra una llama Que nueva vida recibe: Porque no muriò quien vive En las alas de la fama.

Mas no la cierra esta pyra, Solamente se ausentó; Porque Apollo le llamó Para entregarle su lyra.

## **EPITAPHIO**

PARA A SEPULTURA

## DE LUIS DE CAMÕES,

ACHADO EM ALGUNS VERSOS DAS SUAS RHYTHMAS,

POR JOAÓ GOMES DO PEGO.

## SONETO.

Debaixo desta pedra está metido
Hum Varaō sapiente, em quem Thalia
Nos versos saudosos que escrevia
Alegra o Mundo todo entristecido.

## DE LUIS DE CAMÕES.

Sempre será famoso, e conhecido: Que ao juizo das gentes merecia Da fama eterna ter perpétuo dia, Que já por exercicio lhe he devido.

Musica com voz alta, e mui sub da; Copioso exemplario para a gente, Onde sua fineza mais se apura:

Huma memoria nova, e nunca ouvida, Hum peito magoado, e descontente, Jazem debaixo desta sepultura. •

1 .

•

# LUSIADA DO GRANDE LUIS DE CAMÕES.

CANTO PRIMEIRO.

#### ARGUMENTO

#### DO CANTO PRIMEIRO.

NAVEGAÕ os Portuguezes pelos mares Orientaes: fazem os Deoses seu Goncilio: oppõem-se Baccho á esta navegação: favorece Venus, e Marte aos navegantes: chegaõ a Moçambique, cujo Governador pertende destruí-los. Encontro, e primeira acção militar dos nossos contra os Gentios: levaõ ferro, e passando por Quilóa, surgem em Mombaça.

#### OUTRO ARGUMENTO.

Fazem Concilio os Deoses na alta Corte, Oppõem-se Baccho à Lusiana gente, Favorece-a Venus, e Mavorte, E em Moçambique lança o ferreo dente: Depois de aqui mosirar seu braço forte, Destruindo, e matando juntamente, Torna as partes buscar da roxa Aurora, E chegando a Mombaca surge fora. 

Tao brandamente os ventos os levavam, Como quem o Ceo tinha por amigo: (onto 15 Ket. 43.

## LUSIADA.

## CANTO PRIMEIRO.

1

As Armas, e os Barões assinalados, Que da Occidental praia Lusitana, Por mares nunca d'antes navegados; Passáram atada além da Taprobana: Que em parigos e guerras esforçados, Mais do que promettia a força humana, Entre gente remota edificáram Novo Beino, que tanto sublimáram:

H.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e a terras viciosas
De Africa, e de Asia, andáram devastando:
E aquelles que por obras valerosas
Se vao da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano, As navegações grandes que fizeram; Calle-se de Alexandro, et de Trajano, A fama das victorias que tiveram: Que eu canto o peito illustre Lusitano, A quem Neptuno e Marte obedecéram: Cesse tudo o que a Musa antigua canta, Que outro valor mais alto se alevanta.

īΨ

E vós, Tagides minhas, pois creado Tendes em mi hum novo engenho ardente; Se sempre em verso humilde celebrado Foi de mi vosso rio alegremente; Dai-me agora hum som alto, e sublimado; Hum estylo grandiloco, e corrente; Porque de vossas aguas Phebo ordene Que nao tenham inveja ás de Hippocrene.

Dai-me huma furia grande, e sonorosa, E nao de agreste avena, ou frauta ruda; Mas de tuba canora, e bellicosa, Que o peito accende, e a cor ao gesto muda; Dai-me igual canto aos feitos da famosa Gente vossa, que a Marte tanto ajuda; Que se espalhe, e se cante no Universo; Se tao sublime preço cabe em verso.

vi.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade;
E nao menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade;
Dada ao Mundo por Deos, que todo o mande,
Para do Mundo a Deos dar parte grande:

VII

Vós tenro, e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma mascida no Occidente
Cesárea, ou Christianissima chamada:
Véde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada;
Na quadvos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto Imperio
O sol logo em nascendo vé primeiro;
. Vé-o tambem no meio do Hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro;
Do Turco Oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio.

TX.

Inclinai por hum pouco a magestade Que nesse tenro gesto vos contemplo; Que já se mostra qual na inteira idade Quando subindo ireis ao eterno Templo. Os olhos da Real benignidade Ponde no chão. Vereis hum novo exemplo De amor dos patrios feitos valerosos Em versos divulgado numerosos.

x.

Vereis amor da patria, nao movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno:
Que nao he premio vil ser conhecido
Por hum pregao do ninho meu paterno.
Ouvi, vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois Senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do Mundo Rei, se de tal gente.

**T** T

Ouvi, que nao vereis com vaas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas sao tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodamonte, e o vão Rogeiro;
E Orlando, indaque fora verdadeiro.

#### XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero, Que fez ao Rei, e ao Reino tal serviço; Hum Egas, hum Dom Fuas, que de Homero A cithara para elles só cobiço. Pois pelos doze Pares dar-vos quero Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço: Dou-vos tambem aquelle illustre Gama, Que para si de Enéas toma a fama.

#### XIII.

Pois se a troco de Carlos Rei de França, Ou de Cesar quereis igual memoria, Vêde o primeiro Afonso, cuja lança Escura faz qualquer estranha gloria: E aquelle, que a seu Reino a segurança Deixou co'a grande e prospera victoria; Outro Joanne invicto Cavalleiro; O quarto e quinto Alfonsos, e o terceiro.

#### XIV.

Nem deixaráo meus versos esquecidos Aquelles que nos Reinos lá da Aurora, Se fizeram por armas tao subidos, Vossa bandeira sempre vencedora: Hum Pacheco fortissimo, e os temidos Almeidas, por quem sempre o Tejo chora; Albuquerque terribil, Castro forte; E outros em quem poder nao teve a morte.

KV.

E em quanto eu estes canto, e a vós nao posso, Sublime Rei, que nao me atrevo a tanto, Tomai as rédeas vós do Reino vosso, Dareis materia a nunca ouvido canto. Comecem a sentir o pezo grosso (Que pelo Mundo todo faça espanto) De exercitos, e feitos singulares, De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio, Em quem vé seu exicio affigurado: Só com vos ver o barbaro Gentio Mostra o pescoço ao jugo já inclinado: Thetis todo o ceruleo senhorio Tem para vós por dote aparelhado; Que affeiçoada ao gesto bello, e tenro; Deseja de comprar-vos para genro.

X V I I

Em vós se vem da Olympica morada Dos dous Avôs as almas cá famosas; Huma na paz Angelica dourada, Outra pelas batalhas sanguinosas: Em vós esperam ver-se renovada Sua memoria, e obras valerosas: E lá vos tem lugar no fim da idada, No Templo da suprema eternidade. XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam
Que sao vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX.

Já no largo Occeano navegavam
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das náos as vélas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vao cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Prótheo sao cortadas.

Quando os deoses no Olympo luminoso, Onde o govervo está da humana gente, Se ajuntam em concilio glorioso Sobre as cousas futuras do Oriente; Pizando o crystallino Ceo formoso Vem pela Via Lactea juntamente, Convocados da parte de Tonante, Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI

Deixam dos sete Ceos o regimento, Que do poder mais alto lhe foi dado; Alto poder, que só co'o pensamento Governa o Ceo, a terra, e o mar irado: Alli se acháram juntos n'hum momento Os que habitam o Arcturo congelado, E os que o Austro tem, e as partes onde A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime, e dino, Que vibra os feros raios de Vulcano, N'hum assento de estrellas crystallino, Com gesto alto, severo, e soberano: Do rosto respirava hum ar divino, Que divino tornára hum corpo humano; Com huma coroa, e sceptro rutilante, De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados

De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam

Os outros deoses todos assentados

Como a razao e a ordem concertavam.

Precedem os antiguos mais honrados;

Mais abaixo os menores se assentavam;

Quando Jupiter alto assi dizendo, C'hum tom de voz começa, grave, e horrendo: XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero Polo, e claro assento;
Se do grande valor da forte gente
De Luso nao perdeis o pensamento;
Deveis de ter sabido, claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

Já lhe foi (bem o vistes) concedido
Com poder tao singelo, e tao pequeno,
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tao temido,
Sempre alcançou favor do Geo sereno:
Assi que sempre em fim com fama e gloria
Teve os trophéos pendentes da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga, Que co'a gente de Romulo alcançáram, Quando com Viriato, na inimiga Guerra Romana tanto se affamáram: Tambem deixo a memoria, que os obriga A grande nome, quando alevantáram Hum por seu Capitam, que peregrino Fingio na cerva espirito divino.

#### XXVII.

Agora vêdes bem, que comettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, nao temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

#### XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno, Cuja alta lei nao póde ser quebrada, Que tenham longos tempos o governo Do mar que vé do Sol a roxa entrada. Nas aguas tem passado o duro Inverno; A gente vem perdida, e trabalhada; Já parece bem feito, que lhe seja Mostrada a nova terra que deseja.

#### XXIX

E porque, como vistes, tem passados Na viagem tao asperos perigos, Tantos climas e Ceos exprimentados, Tanto furor de ventos inimigos; Que sejam, determino, agasalhados Nesta costa Africana como amigos; E tendo guarnecida a lassa frota Começarão a seguir sua longa rota. xxx.

Estas palavras Jupiter dízia,
Quando os deoses por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O Padre Baccho alli nao consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esqueceráo seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha:
Altamente lhe doe perder a gloria
De que Nisa celebra inda a memoria,

XXXII.

Vê que já teve o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou Caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agua de Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tao célebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes que navegam.

ı.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella
Affeiçoada á gente Lusitana,
Por quantas calidades via nella
Da antigua tao amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostráram na terra Tingitana,
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he Latina.

XXXIV.

Estas cousas moviam Cytheréa;
E mais, porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara dêa,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, hum pela infamia que arrecêa;
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero ou Boreas na espessura,
De sylvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vao da mata escura,
Com impeto, e braveza desmedida:
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra crguida;
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrade.

# XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfisa,
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
D'entre os deoses em pé se levantava
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando para traz medonho, e irado.

# XXXVII.

A viseira do elmo de diamante, Alevantando hum pouco, mui seguro, Por dar seu parecer se poz diante De Jupiter, armado, forte, e duro: E dando huma pancada penetrante Co' o conto do bastao ne solio puro, O Ceo tremeo, e Apollo de torvado Hum pouco a luz perdeo como enfiado.

# .XXXVIII.

E disse assi: O' Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro Hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste;
Nao queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Nao ouças mais, pois es Juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

# XXXIX.

Que se aqui a razao se nao mostrasse Vencida do temor demasiado, Bem fora que aqui Baccho os sustentasse, Pois que de Luso vem, seu tao privado. Mas esta tençao sua agora passe, Porque em fim vem de estomago damnado; Que nunca tirará alheia inveja, O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

# X L

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tées tomada,
Nao tornes por detraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurió, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á sétta bem talhada;
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

### K T. T

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

# XLII.

Em quanto isto se passa na formosa Casa etherea do Olympo omnipotente, Cortava o mar a gente bellicosa Já lá da banda do Austro, e do Oriente: Entre a costa Ethiopica, e a famosa Ilha de Sao Lourenço; e o Sol ardente Queimava entao os deoses que Typheo Co' o temor grande em peixes converteo.

# XLIII.

Taō brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso ja passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava.
Novas Ilhas, que eni torno cerca, e lava.

# XLIV.

Vasco da Gama, o forte Capitao, Que a tamanhas emprezas se offerece De soberbo, e de altivo coração, A quem fortuna sempre favorece; Para se aqui deter não vê razão, Que inhabitada a terra lhe parece: Por diante passar determinava; Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia; Huus pequenos batéis, que vem daquella Que mais chegada á terra parecia, Cortando o longo mar com larga véla: A gente se alvoroça, e de alegria Nao sabe mais, que olhar a causa della. Que gente será esta? (em si diziam) Que oostumes, que Lei, que Rei teriam?

X L V L

As embarcações eram, na maneira,
Mui veloces, estreitas, e compridas;
As vélas com que vem eram de esteira
De humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaetao, nas terras accendidas,
Ao Mundo deo de ousado, e não prudense:
O Padre o sabe, e Lampethusa o sente.

XLV-H.

De pannos de algoda o vinham vestidos,
De várias cores; brancos, e listrados:
Huus trazem de redor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Da cinta para cima vem despidos;
Por armas tem adagas, e terçados:
Com toucas na cabeça, e navegando,
Anafis sonorosos vao tocando.

### XLVIII.

Co' os pannos e co' os braços acenavam A's gentes Lusitanas, que esperassem; Mas já as proas ligeiras se inclinavam Para que junto ás Ilhas amainassem: A gente e marinheiros trabalhavam, Como se aqui os trabalhos se acabassem: Tomam vélas; amaina-se a verga alta; Da ancora o mar ferido, em cima salta.

# XLIX.

Nao eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia:
No gesto lédos vem, e humanamente
O Capitam sublime os recebia:
As mesas manda por em continente:
Do licor que Lieo prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitam,
Os de Phactao queimados nada engeitam.

T.,

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham;
Quem eram, de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido, e navegado Toda a parte do Antarctico, e Callisto; Toda a costa Africana rodeado; Diversos Ceos e terras temos visto: De hum Rei potente somos, tao amado, Tao querido de todos, e bemquisto, Que nao no largo mar, com léda fronte, Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mand do seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos Phocas se navega.
Mas já razaō parece que saibamos,
Se entre vós a verdade naō se nega,
Quom sois; que terra he esta que habitais;
Ou se tendes da India algúus sinais.

L III I.

Somos (hum dos das Ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, lei, e nação;
Que os proprios são aquelles que criou
A Natura sem lei, e sem razão.
Nós temos a lei certa que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do Mundo o senhorio;
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV.

Esta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
E por ser necessaria procuramos,
Como proprios da terra, de habitala:
E porque tudo em fim vos notifique
Chama-se a paquena Ilha Moçambique.

ı. v

E já que de tao longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, et terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

t. V T

Isto dizendo o Mouro, se tornou
A seus batéis com toda a companhia:
Do Capitam e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas agoas encerrou
Co' o carro de crystal o claro dia;
Dando cargo á irmãa, que allumiasse
O largo Mundo, em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e nao cuidada;
Por acharem da terra tao remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer entao comsigo cuida, e nota,
Na gente, et a maneira desusada;
E como os que na errada seita créram,
Tanto por todo o Mundo se estendéram.

LVIII.

Da Lúa os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os Geos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.

LX.

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que sao aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino
O Imperio tomáram a Constantino.

LXI.

Recebe o Capitam alegremente
O Mouro, e toda sua companhia,
Dá-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia:
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Nao usado licor, que dá alegria:
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, e bebe.

I. W I I.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem 4ao barbara, e enleada:
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo, e a forte armada;
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinham de Turquia.

LXIII.

E mais, lhe diz tambem, que ver deseja Os livros de sua Lei, preceito, ou Fé, Para ver se conforme á sua seja, Ou se sao dos de Christo, como crê. E porque tudo note, e tudo veja, Ao Capitam pedia, que lhe dê Mostra das fortes armas de que usavam Quando co' os inimigos pelejavam.

EXIV.

Responde o valeroso Capítao,
Por hum que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, Senhor illustre, relação
De mi, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração,
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tao famosa.

LXV

A Lei tenho daquelle, a cujo Imperio Obedece o visibil, e invisibil; Aquelle que creou todo o Hemispherio; Todo o que sente, e todo o insensibil: Que padeceo deshonra, e vituperio, Soffrendo morte injusta, e insoffribil; E que do Ceo á terra em fim desceo, Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI.

Deste Deos Homem, alto, e infinito,
Os livros que tu pedes nao trazia;
Que bem posso escasar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tees dito,
Cumprido esse desejo te seria;
Com'amigo as verás, porque eu m'obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros a mostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras:
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras;
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente As panellas sulphureas, taó damnosas: Porém aos de Vulcano naó consente Que dem fogo ás bombardas temerosas: Porque o generoso animo, e valente, Entre gentes taó poucas, e medrosas, Naó mostra quanto póde: e com razaó; Que he fraqueza entre ovelhas ser leaó.

LXIX.

Porém disto que o Mouro aqui noton, E de tudo o que vio com olho attento, Hum odio certo na alma lhe ficou, Huma vontade má de pensamento: Nas mostras e no gesto o nao mostrou, Mas com risonho, e ledo fingimento, Trata-los brandamente determina, Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitao Por quem podesse á India ser levado: Diz-lhe, que largo premio levaráo Do trabalho que nisso for tomado. Promette-lhos o Mouro com tenção De peito venenoso, e tao damnado, Que a morte se podesse neste dia Em lugar de Pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o odio foi, e má vontade, Que aos estrangeiros subito tomou, Sabendo ser sequazes da verdade Que o Filho de David nos ensinou. Oh segredos daquella Eternidade, A quem juizo algum nao alcançou! Que nunca falte hum perfido inimigo A 'quelles de quem foste tanto amigo!

### LXXII.

Partio-se nisto em fim eo' a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortáram os batéis a curta via
Das aguas de Neptano, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

# LXXIII.

Do claro assento ethereo, o grão Thebano, Que da paternal cora foi nascido, Olhando o ajuntamento Lusitano, Ao Mouro ser molesto, e aborrecido; No pensamento cuida hum falso engano, Com que seja de todo destraido, E em quanto isto so na alma imaginava, Comsigo estas palavras praticava.

# LXXIV.

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tao famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas.
E eu só filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

ı.

LXXXI.

E se inda nao ficarem deste feite
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito,
Outra manha, e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar Piloto que de geito
Seja astuto no engano, e tao prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

# LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou,
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portugez, se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

# LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano, Mouro que por Piloto á nao lhe mande; Sagaz, astuto, e sabio, em todo dano; De quem fiar-se possa hum feito grande. Diz-lhe que acompanhando o Lusitano, Por taes costas e mares co' elle ande, Que, se daqui escapar, que lá diante Vá cahir onde nunca se levante.

# ŁXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabathéos accendido,
Quando Gama co' os seus determinava
De vir por agua á terra apercebido:
A gente nos batéis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pode suspeitar-se facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

# LXXXV.

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pelo Piloto necessario;
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se cré de seu perfido adversario,
Apercebido vai como podia,
Em tres batéis sómente que trazia.

# ŁXXXVI.

Mas os Mouros que andavam pela praia Por lhe defender a agua desejada, Hum de escudo embraçado, e de azagaia, Outro de arco encurvado, e sétta ervada; Esperam que a guerreira gente saia, Outros muitos já postos em cilada; E porque o caso leve se lhe faça, Pêc huus poucos diante por negaça.

# LRXXVII.

Andam pela ribeira, alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, e co' a hastea perigosa,
Os fortes Portugezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andarlh'os cãos os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que he primeiro.

# LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante, Vendo a formosa dama desejada, O touro busca, e pondo-se diante, Salta, corre, sibila, acena, e brada: Mas o animal atroce nesse instante, Com a fronte cornigera inclinada, Bramando duro corre, e os olhos cerra, Derriba, fere, mata, e põe por terra.

# LXXXIX.

Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria:
A plumbea péla mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto aventuroso.

X C.

Nao se contenta a gente Portugueza; Mas seguindo a victoria estrue, e mata: A povoação sem muro, e sem defeza, Esbombardea, accende, e desbarata. Da cavalgada ao Mouro já lhe peza, Que bem cuidou comprá-la mais barata: Já blasphema da guerra, e maldizia, O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a sétta o Mouro vai tirando,
Sem força de covarde, e de apressado,
A pedra, o pao, e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Já a Ilha, e todo o mais desamparando,
A' terra firme foge amedrontado:
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaça.

XCII.

Hūus vao nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombai dadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portugez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornam victoriosos para a armada, Co' o despojo da guerra, e rica presa; E vao a seu prazer fazer aguada, Sem achar resistencia, nem defesa. Ficava a Maura gente magoada, No odio antigo mais que nunca accesa: E vendo sem vingança tanto dano, Sómente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes cometter manda arrependido,
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso promettido,
Que toda a má tençao no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

XCV

O Capitam, que já lhe entao convinha Tornar a seu caminho acostumado, Que tempo concertado, e ventos tinha, Para ir buscar o Indo desejado; Recebendo o Piloto que lhe vinha, Foi delle alegremente agasalhado; E respondendo ao mensageiro attento, As vélas manda dar ao largo vento.

# XCVI.

Desta arte despedida a forte armada, As ondas de Amphitrite dividia, Das filhas de Nereo acompanhada, Fiel, alegre, e doce companhia: O Capitam, que nao cahia em nada, Do enganoso ardil que o Mouro ordia, Delle mui largamente se informava Da india toda, e costas que passava.

# XCVII.

Mas o Mouro instruido nos enganos, Que o malevolo Baccho lhe ensinára, De morte, ou captiveiro, novos damnos, Antes que á India chegue lhe prepara; Dando razao dos portos Indianos, Tambem tudo o que pede lhe declara: Que havendo por verdade o que dizia, De nada a forte gente se temia.

### XCVIII.

E diz-lhe mais, co' o falso pensamento Com que Sinon os Phrygios enganou, Que perto está huma Ilha, cujo assento Povo antigo Christão sempre habitou. O Capitam, que a tudo estava attento, Tanto com estas novas se alegrou, Que com dadivas grandes lhe rogava, Que o leve á terra onde esta gente estáva. XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina, Que o seguro Christão lhe manda, e pede, Que a Ilha he possuida da malina Gente, que segue o torpe Mafamede: Aqui o engano e morte lhe imagina, Porque em poder e forças muito excede A Moçambique esta Ilha, que se chama Quiloa, mui conhecida pela fama.

c.

Para lá se inclinava a léda frota,
Mas a deosa em Cythére celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte nao cuidada;
Nao consente que em terra tao remota
Se perca gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o Piloto falso a leva e guia.

CI

Mas o malvado Mouro nao podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz; que pois as aguas discorrendo,
Os leváram por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente.
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia, Como por regimento em fim levava: Que aqui gente de Christo nao havia, Mas a que a Mafamede celebrava: O Capitam, que em tudo o Mouro cria, Virando as vélas a Ilha demandava: Mas nao querendo a deosa guardadora, Nao entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a Ilha á terra tao chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia:
Huma Cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia:
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra a longe descobria;
Regida por hum Rei d'antigua idade,
Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.

CIV.

E sendo a ella o Capitam chegado, Estranhamente lédo, porque espera De poder ver o povo baptizado, Como o falso Piloto lhe dissera; Eis vem batéis da terra com recado Do Rei, que já sabia a gente que era: Que Baccho muito d'antes o avisára, Na fórma d'outro Mouro que tomára.

I.

CV.

O recado que trazem he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tao pouca segurança!

. V I.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida?
Que nao se arme, e se indigne o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra tao pequeno?

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

# LUSIADA.

CANTO SEGUNDO.

# ARGUMENTO

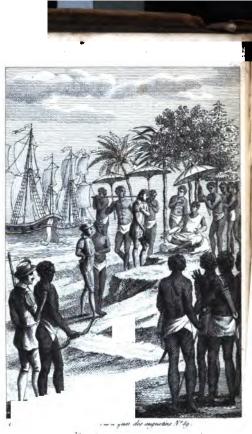
# DO CANTO SEGUNDO.

INSTIGADO do demonio pertende El Rei de Mombaça destruir os Navegantes: dispõem-lhes traições debaixo de fingida amizade: apparece Venus a Jupiter, e intercede pelos Portuguezes: elle lhe promette favorece-los, e lhe refere, como em prophecia, algumas façanhas dos mesmos no Oriente: em sonhos apparece Mercurio ao Gama, e lhe adverte, que evite o perigo de Mombaça: levaõ ancoras, chega a Melinde, cujo Rei o recebe, e hospéda bénignamente.

# OUTRO ARGUMENTO.

Dar El Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama Illustre, com mortal engano:
Desce Venus ao mar, a frota ampara,
E a fallar sobe ao Padre soberano:
Jove os casos futuros lhe declara:
Apparece Mercurio ao Lusitano:
Chega a frota a Melinde, e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.

. . .



Mas da soberba Europa navegando, Imos buscando as terras apartadas, . ('anto a Est. 80

# LUSIADA.

# CANTO SEGUNDO.

Janeste tempo o lucido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta,
Lhe estava o deos Nocturno a porta abrindo,
Quando as fingidas gentes se chegaram
A's naos que pouco havia que ancoráram.

D'entre elles hum que traz encommendado O mortifero engano, assi dizia: Capitam valeroso, que cortado Tées de Neptuno o Reino, e salsa via; O Rei que manda esta Ilha, alvoroçado Da vinda tua, tem tanta alegria, Que nao deseja mais que agasalhar-te, Ver-te, e do necessario reformax-te.

Ĺ

# 111

Pergnuta-lheologeab omertanime itsesoprop E of the regions, conceptions, conceptions is the second service of the second second as the second second

7 W

E se buscando a serendoria de algúns que produze a surifero Levante, a produze a surifero Levante, a produze a surifero Levante, a serendo a surifero Levante, a sur casos destigarantes especiales estados as a suriferadas a sur casos destigarantes especiales estados as a suriferadas especiales esp

٧.

As mensageiro o Capitam respondes, como noque de As palavras do Rei agradecendo: soud a suprada E diz, que porque o Solino mar se escondeja I Não entra para dentro obedecendo med frog. A Porém que como a luz mostrar portonde o a la L. Vá sem perigo a facta, não temendo y como a la Cumprirá sem receio seu mandado, mos mate de Que a mais por tal Senhon está obrigada nob a Que a mais por tal Senhon está obrigada nobrigada nobri

# ¥1.

Pergunta-lheedespois, into interest and concerns and conc

VII.

E de alguns que trazia condenador consend se A Por culpas, e por seitos vergonhosos, chera para por Porque podessem ser aventurados conservados de la como Em casos desta sorte duvidosos; colos as como do Manda dous mais sagazes, ensaiados; como a como Porque notem dos Mouros enganosos; como a como A Cidade, e poder, e porque vejamo e se impati do Co Chistãos, que contanto even desejam. em mo D

V 11 1.

IX.

E despois que ao Rei apresentáram
Go' o recado os presentes que traziam,
A Cidade corréram, e notáram
Muito menos daquillo que queriam:
Que os Mouros cautelosos se guardáram
De lhe mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malícia está receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

•

Mas aquelle, que sempre a mocidade Tem no rosto perpétua, e foi nascido De duas mais; que ordia a falsidade, Por ver o navegante destruido; Estava em huma casa da Cidade Com rosto humano, e hábito fingido, Mostrando-se Christão, e fabricava Hum altar sumptuoso que adorava.

X 1.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura:
A candida Pombinha debuxada
Sobre a unica Phenis Virgem pura.
A companhia santa está pintada
Dos doze, tao torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahíram
De fogo, varias linguas referiram.

# CANTO II.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Põe em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos que o Mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

# XIII.

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, n'hum momento
Appareceo no rubido Horizonte
Na moça de Titam a roxa fronte:

# XIV.

Tornam da terra os Mouros co' o recado Do Rei, para que entrassem, e comsigo Os dous que o Capitam tinha mandado, A quem se o Rei mostrou sincero amigo: E sendo o Portuguez certificado De nao haver receio de perigo, E que gente de Christo em terra havia, Dentro no salso rio entrar queria,

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra víram Sacras aras, e Sacerdote santo;
Que alli se agasalháram, e dormíram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto:
E que no Rei e gentes nao sentíram
Senao contentamento, e gosto tanto,
Que nao podia certo aver suspeita,
N'huma mostra tao clara, e tao perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam:
Que levemente hum animo se fia
De mostras que tao certas pareciam.
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam:
Alegres vinham todos, porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

K W I I.

Na terra cautamente aparelhavam,
Armas, e munições, que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem.
E com esta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem;
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

# XVIII.

As ancoras tenates vao levando
Com a nautica grita costumada:
Da proa as vélas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tao secreta,
Voa do Ceo ao mar como huma séta.

# XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a máis cerúlea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada nao chegasse,
Aonde para sempre se acabasse.

# XX.

Já na agua erguendo vaô com grande pressa Co' as argénteas caudas branca escuma; Cloto co' o peito corta, e atravessa, Com mais furor o mar do que costuma. Salta Nise, Nerine se arremessa Por cima da agua crespa em força suma: Abrem caminho as ondas encurvadas De temor das Nereidas apressadas.

### YYL

Nos hombros de hum Tritaō com gesto acceso Vai a linda Dióne furiosa: Naō sente quem a leva o doce peso De soberbo com carga taō formosa. Já chegam perto donde o vento teso Enche as vélas da frota bellicosa: Repartem-se, e rodéam nesse instante As naos ligeiras que hiam por diante.

# XXII.

Põe-se a deosa com entras em direito
Da proa Capitaina, e alli fechando
O aminho da barra, esta de geito,
Que em vão assopra o vento a véla inchando.
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte nao forçando:
Outras em de redor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

### XXIII

Quaes para a cova as próvidas formigas
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam de inimigas
Do inimigo Inverno congelado:
Alli sao seus trabalhos e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as Nymphas estorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.

# XXIV.

Torna para detraz a nao forcada,
A pezar dos que leva, que gritando
Marêam vélas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e outro atravessando.
O Mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mete medo.

# XXV.

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha.
Nao sabem a razao de furia tanta;
Nao sabem nesta pressa quem lhe valha:
Cuidam que seus enganos sao sabidos,
E que hao de ser pos isso aqui punidos.

# XXVI.

Ei-los subitamente se lançavam
A seus batéis velozes que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando na agua a nado se acolhiam.
D'hum bordo, e d'outro, subito saltavam,
Que o medo os compelía do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

# XXVII.

Assi como em selvatica alagoa,
As rãas, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventara vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente;
Daqui e dalli saltando o chareo soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

# XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amára.
Mas por nao darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce, e chara,
A ancora solta, logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

# XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, naó cuidada, e juntamente
O Piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente.
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a nao passar avante naó podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

### XXX.

Oh caso grande, estranho, e nao cuidado!
Oh milagre clarissimo, e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sábiamente,
Se lá de Cima a Guarda soberana
Nao acudir á fraca força humana?

### XXXI.

Bem nos mostra a Divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tao fingidos nao alcança;
O' tu Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti nao póde ser guardado.

#### XXXII.

E se te move tanto a piedade

Desta misera gente peregrina,

Que só por tua altissima bondade,

Da gente a salvas, perfida, e malina;

N'algum porto seguro de verdade

Conduzir-nos já agora determina;

Ou nos amostra a terra que buscamos,

Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas A formosa Dióne, e commovida, De entre as Nymphas se vai, que saudosas Ficáram desta subita partida. Já penetra as estrellas luminosas; Já na terceita Esphera recebida Avante passa; e kí no sento Geo Para onde estava o Padre se moveo.

### XXXIV.

E como hia affrontada do caminho,
Tao formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, o Ceo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos onde faz seu filho o ninho
Huus espiritos vivos inspirava
Com que os Polos gelados accendia,
E tornava do fogo a Esphera fria.

#### XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano
Na selva Idea já se apresentára.
Se a víra o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo a Diana na agua clara;
Nunca os famintos galgos o matáram;
Que primeiro desejos o acabáram.

5.

### XXXVI.

Os crespos fios de ouro se esparsiam
Pelo colo, que a neve escurecia:
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e nao se via:
Da alva pretina flammas lhe sahiam,
Onde o menino as almas accendia:
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

### XXXVII.

Co' hum delgado cendal as partes cobre, De quem vergonha he natural reparo: Porém nem tudo esconde, nem descobre O véo dos roxos lirios pouco avaro: Mas para que o desejo accenda, e dobre, Lhe poe diante aquelle objecto raro. Já se sentem no Ceo, por toda a parte, Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

### XXXVIII.

E mostrando no Angelico semblante
Co' o riso huma tristeza misturada;
Como dama que foi do incanto amante
Em brincos amorosos mal tratada;
Que se queixa, e se ri n'hum mesmo instante,
E se mostra entre alegre magoada;
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

### XXXIX.

Sempre eu cuidei, o Padre poderoso, Que para as cousas que eu do peito amasse Te achasse brando, affabil, e amoroso, Postoque a algum contrário lhe pezasse: Mas pois que contra mi te vejo iroso, Sem que to merecesse, nem te errasse, Faça-se como Baccho determina; Assentarei em fim que fui mofina.

1 'X4.

Este povo que he meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando chóro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora, pois, porque o amo he mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' o orvalho fica a fresca rosa.
Callada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedíra a falla piedosa:
Torna a segui-la, e indo por diante,
Lha atalha o poderoso, e grão Tonante.

XLII.

E destas brandas mostras commevido, Que movéram de hum tigre o peito duro, Co' o vulto alegre, qual do Ceo subido, Torna sereno e claro o ar escuro: As lagrimas lhe alimpa, e accendido Na face a beija, e abraça o colo puro; De modo que dalli, se só se achára, Outro novo Cupido se gerára.

### XLIII

E co' o seu apertando o rosto amado, Que os soluços e lagrimas augmenta; Como menino da ama castigado, Que quem o affaga o choro lhe accrescenta: Por lhe por em socego o peito irado, Muitos casos futuros lhe apresenta: Dos fados as entranhas revolvendo, Desta maneira em fim lhe está dizendo:

#### TIIV.

Formosa filha minha: nao temais Perigo algum nos vossos Lusitanos; Nem que ninguem comigo possa mais, Que esses chorosos olhos soberapos: Que eu vos prometto, filha, que vejais Esquecerem-se Gregos, e Romanos, Pelos illustres feitos que esta gente Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia Ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Enéas navegoa
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos móres cousas intentando,
Novos Mundos ao Mundo irao mostrando.

TIVI

Fortalezas, Cidades, e altos muros, Por elles vereis, filha, edificados; Os Turcos bellacissimos, e duros, Delles sempre vereis desbaratados: Os Reis da India livres, e seguros, Vereis ao Rei potente sobjugados; E por elles, de tudo em fim senhores, Serao dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis, este que agora presuroso
Por tantos medos o Indo vai huscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto, e milagroso!
Que trema e ferva o mar em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della hao medo os elementos!

### XLVIII.

Vereis a terra que a agua lhe tolhia, Que inda ha de ser hum porto mui decente, Em que vao descançar da longa via As naos que navegarem do Occidente. Toda esta costa, em fim, que agora ordia O mortifero engano, obediente Lhe pagará tributos, conhecendo Nao poder resistir ao Luso horrendo.

### XLIX.

E vereis o mar Roxo tao famoso,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado:
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado, e sobjugado.
Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas séttas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte, Que dous cercos terá, dos vossos sendo: Alli se mostrará seu preço, e sorte, Feitos de armas grandissimos fazendo. Invejoso vereis o grão Mavorte Do peito Lusitano fero, e horrendo: Do Mouro alli verao, que á luz extrema, Do falso Mafamede ao Geo Blasphema.

L. I.

Goa vereis aos Mouros ser tomada, A qual virá despois a ser senhera De todo o Oriente, e sublimada Co' os triumphos da gente vencedora: Alli soberba, altiva, e exalçada, Ao Gentio, que os idolos adora, Duro fréo porá, e a toda a terra, Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

T. T. T

Vereis a Fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tao potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo, e insolente,
Que Cithara já mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

LIII

Nunca com Marte instructo, e furioso, Se vio ferver Leucate, quando Augusto Nas civís actias guerras animoso. O Capitam venceo Romano injusto: Que dos povos da Aurora, e do famoso Nilo, e do Bactro Scythico, e robusto, A victoria trazia, e presa rica Preso da Egypcia linda, e nao pudica: . I V.

Como vereis o mar fervendo acceso, Co' os incendios dos vossos pelejando, Levando o Idolátra e Mouro preso, De Nações differentes triumphando. E sujeita a rica Aurea Chersoneso Até o longinquo China navegando, E as Ilhas mais remotas do Oriente, Ser-lhe-ha todo o Occeano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostraráo esforço mais que humano,
Que nunca se verá tao forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano:
Nem das Boreaes ondas ao Estreito
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o Mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacífico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitam se nao detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cylenêo voava;
Com as azas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Dos infernos, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galéro costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

### LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro:
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga
Co' o rumor famosissimo, e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, e modo.

#### LIX

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as naos estavam temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas.
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se lá dos Ceos nao vem celeste aviso.

6

LX.

Meio caminho a noite tinha andado; E as estrellas no Ceo co' a luz alhéa Tinham o largo Mundo allumiado, E só co' o somno a gente se recréa. O Capitam Illustre, já cansado De yigiar a noite que arrecéa, Breve repouso entao aos olhos dava: A outra gente a quartos vigiava.

1. X I

Quando Mercario em sonhos lhe apparece, Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano, Da cilada que o Rei malvado tece, Por te trazer ao fim, e extremo dano: Fuge, que o vento e o Ceo te favorece; Sereno o tempo tées, e o Occeano, E outro Rei mais amigo n' outra parte, Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII

Nao tées aqui senao apparelhado
O hospicio que o crá Diomédes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava.
As aras de Busiris infamado,
Onde os hóspedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas.
Fuge das gentes perfidas, e feras.

I.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo, E outra terra acharás de mais verdade, Lá quasi junto donde o Sol ardendo Iguala o dia e noite em cantidade. Alli tua frota alegre recebendo Hum Rei, com muitas obras de amizade, Gasalhado seguro te daria; E para a India certa e sábia guia.

1. 1 V

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitam, que com mui grande espanto
Acorda, e vé ferida a escura tréva,
De huma subita luz, e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esprito ao Mestre seu mandava,
Que as vélas désse ao vento que assopmava.

LXV

Dai vélas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda:
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de huma e de outra banda:
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

### LXV1.

Neste tempo que as ancoras levavam, Na sombra escura os Mouros escondidos, Mansamente as amarras lhe cortavam, Por serem, dando-á costa, destruidos: Mas com vista de linces vigiavam Os Portuguezes, sempre apercebidos: Elles como acordados os sentíram, Voando, e nao remando, lhe fugíram.

### LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
Hiam as vias humidas de argento:
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vaō fallando;
Que mal se perderáō do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

# LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente, E n' outra começava, quando víram Ao longe dous navios, brandamente Co' os ventos navegando, que respiram: Porque haviam de ser da Maura gente, Para elles arribando, as vélas víram: Hum de temor do mal que arreceava, Por se salvar, a gente á costa dava.

# LXIX.

Nao he o outro que fica tao manhoso,
Mas nas mãos vai cabir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E'sem a furia horrenda de Vulcano.
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Nao teve resistencia, e se a tivera
Mais damno resistindo recebera.

### LXX.

E como o Gama muito desejasse.

Piloto para a India que buscava,

Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,

Mas nao lhe succedeo como cuidava:

Que nenhum delles ha que lhe ensinasse

A que parte dos Ceos a India estava:

Porém dizem-lhe todos, que tem perto

Melinde, onde acharáo Piloto certo.

#### LXXI.

Louvam do Rei os Mouros a bondade, Condiçao liberal, sincero peito, Magnificencia grande, e humanidade, Com partes de grandissimo respeito. O Capitam o assella por verdade, Porque já lho dissera deste geito O Cylenêo em sonhos, e partia Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

### LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea;
Quando hum e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O presuroso Sol, que o Ceo rodea;
Em que aquelle a quem tudo está sujeito
O sello poz a quanto tinha feito.

### LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte, Onde o Reino Melinde já se via, De toldos adornada, e léda de arte, Que bem mostra estimar o sancto dia. Treme a bandeira, vôa o estandarte; A cor purpurea ao longe apparecia; Sôam os atambores, e pandeiros; E assi entravam lédos, e guerreiros.

### - LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
De gente que vem ver a léda armada;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a de outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Péga no fundo a ancora pezada:
Mandam fora hum dos Mouros que tomáram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestáram.

## LXXV.

O Rei que já sabia da nobreza, Que tanto os Portuguezes engrandece, Tomarem o seu porto tanto préza, Quanto a gente fortissima o merece E-com verdadeiro animo, e pureza, Que os peitos generosos ennobrece, Lhe manda rogar muito que sahissem, Para que de seus Reinos se servissem.

### LXXVI.

Sao offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto már, e terras tem passadas.
Manda-lhe mais, lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas, cevadas,
Com as fructas que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

# LXXVII.

Recebe o Capitam alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado:
Escarlata purpurea, cos ardente;
O ramoso coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como he fora dellas se endurece.

# LXXVIII.

Manda mais hum na prática elegante, Que co' o Rei nobre as pazes concertasse; E que de nao sahir naquelle instante De suas naos em terra o desculpasse. Partido assi o embaixador prestante, Como na terra ao Rei se apresentasse, Com estylo que Pallas lhe ensinava, Estas palavras taes fallando orava:

### LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa justica concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Nao menos delle amado que temido:
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

### LXXX.

Nao somos roubadores, que passando Pelas fracas Cidades descuidadas, A ferro e a fogo as genes vao matando, Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas: Mas da soberba Europa navegando, Imos buscando as terras apartadas, Da Indía grande, e rica, por mandado De hum Rei que temos alto, e sublimado.

# LXXXI.

Que geração tao dara ha hi de gente, Que barbaro costume, e usança fêa, Que nao védem os portos tamsómente, Mas inda o hospicio da deserta arêa? Que má tenção, que peito em nós se sente, Que de tao pouca gente se arrecêa? Que com laços armados tao fingidos, Nos ordenassem ver-nos destruidos?

### LXXXII.

Mas tu em quem mui certo confiamos
Achar-se mais werdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino:
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do Interprete Divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que es de peito sincero, humano, e raro.

### LXXXIII.

E nao cuides, o Rei, que nao sahisse
O nosso Capitam esclarecido
A ver-te, ou a servir-te porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que nao saia,
Deixando a frota em nenhum porto, ou praia.

### LXXXIV.

E porque he de vassallos o exercicio, Que os membros tem regidos da cabeça, Nao quererás, pois tões de Rei o officio, Que ninguem a seu Rei desobedeça: Mas as mercês, e o grande beneficio, Que ora acha em ti, promette que conheça Em tudo aquillo que elle, e os seus puderem Em quanto os rios para o mar correrem.

### LXXXV.

Assi dizia, e todos juntamente,
Hus com outros, em prática, fallando,
Louvam muito o estomago da gente,
Que tantos Ceos e mares vai passando.
E o Rei illustre, o peito obediento
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande; e mui subido
O do Rei, que he tao longe obedecido.

### LXXXVI.

E com risonha vista, e lédo aspéito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito;
Nenhum frio temor em võs se imprima:
Que vosso preço, e obras sao de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não póde ter subido pensamento.

### LXXXVII.

De Nao sahir em terra toda a gente, Por observar a usada preeminencia, Aindaque me peze estranhamente, Em muito tenho a muita obediencia. Mas se lho o regimento nao consente, Nem eu consentirei que a excellencia De peitos tao leaes em si desfaça, Só porque a meu desejo satisfaça.

### LXXXVIII.

Porém como a luz crástina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições, e mantimentos.

#### LXXXIX.

Isto disse; e nas aguas se escondia O filho de Latona; e o mensageiro Com a embaixada alegre se partia Para a frota no seu batel ligeiro. Enchem-se os peitos todos de alegria, Por terem o remedio verdadeiro, Para acharem a terra que buscavam, E assi lédos a noite festejavam. · X C.

Naō faltam alli os raios de artificio,
Os trémulos Cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O Ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estaŏ queimando:
Outros com vozes, com que o Ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

X C L

Respondem-lhe da terra juntamente, Co' o raio volteando, com zonido: Anda em gyros no ar a roda ardente, Estoura o pó sulphureo escondido. A grita se levanta ao Ceo, da gente; O mar se via em fogos accendido; E nao menos a terra: e assi festeja. Hum ao outro á maneira de peleja.

X CII

Mas já o Ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mái de Memnon a luz trazendo
Ao somno longo punha certo atalho.
Hiam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em fresco orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII.

Viam-se em de redor ferver as prais
Da gente, que a ver sé concorre léda:
Luzem da fina purpura as cabaias;
Lustram os pannos de tecida seda.
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lúa, trazem ramos de palmeira;
Dos que vencem, corba verdadeira.

YCIV.

Hum batel grande, e largo, que toldado Vinha de sedas de diversas cores, Traz o Rei de Melinde, acompanhado De Nobres de seu Reino, e de Senhores. Vem de ricos vestidos adornado, Segundo seus costumes, e primores; Na cabeça huma fóta, guarnecida De ouro, e de seda, e de algodas tecida.

XCV

Cabaia de damasco rico, e dino
Da Tyria cor, entre elles estimada;
Hum colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada:
Com resplandor reluze adamantino,
Na cinta a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

### XCVI.

Com hum rédondo amparo alto de seda, N'hūa alta e dourada hastea enxerido, Hum ministro a Solar quentura veda, Que nao offenda, e queime o Rei subido. Musica traz na proa; estranha, e léda, De aspero som, horrisono ao ouvido; De trombetas arcadas em redondo, Que sem concerto fazem rudo estrondo.

### XCVII.

Nao menos guarnecido o Lusitano, Nos seus batéis, da frota se partia A receber no mar o Melindano, Com lustrosa e honrada companhia. Vestido o Gama vem ao modo Hispano, Mas Franceza era a roupa que vestia, De setim da Adriatica Veneza, Carmesi, cor que a gente tanto préza.

### XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas, Ond' o Sol reluzindo a vista cega: As calças soldadescas recamadas "
Do metal que fortuna a tantos nega: E com pontas do mesmo delicadas, Os golpes do gibao ajunta, e achega: Ao Italico modo a aurea espada; Pluma na gorra hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dá o Murice excellente,
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente.
Tal o formoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella Nympha, filha de Thaumante.

C

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres resonando:
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando.
As bombardas horrisonas bramavam
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co' as mãos os Mouros os ouvidos.

CI

Já no batel entrou do Capitao O Rei, que nos seus braços o levava; Elle co' a cortezia, que a razao (Por ser Rei) requeria, lhe fallava. Co' humas mostras de espanto, e admiração, O Mouro o gesto, e o modo lhe notava; Como quem em mui grande estima tinha Gente que de tao longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece Tudo o que de seus Reinos lhe cumprisse, E que se mantimento lhe fallece, Como se proprio fosse lho pedisse. Diz-lhe mais, que por fama bem conhece A gente Lusitana, sem que a visse: Que já ouvio dizer, que n'outra terra Com gente de sua lei tivesse guerra.

CHII.

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a coróa
Do Reino, onde as Hesperidas vivéram.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram;
E o mais que pela fama o Rei sabia;
Mas desta sorte o Gama respondia.

CI V.

Oh tu que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana!
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, e rege a gente humana
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros nao podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apolo
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos hórridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, e jucundo.
Em quanto apascentar o largo Polo
As estrellas, e o Sol der luz ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama, e gloria,
Vivirão teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vao remando Para a frota, que o Mouro ver deseja; Vao as naos huma e huma rodeando, Porque de todas tudo note, e veja. Mas para o Ceo Vulcano fuzilando, A frota co' as bombardas o festeja; E as trombetas canoras lhe tangiam; Co' os anafijs os Mouros respondiam.

. V I I.

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto, e ancorado
Na agua o batel ligeiro que os levava,
Por falar devagar co' o forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, e fama.

# CANTO II.

CVIII.

Em práticas o Mouro differentes
Se deleitava, parguntando agora
Pelas guerras famosas, e excellentes,
Co' o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hespetia ultima, onde mora;
Agora pelos povos seus visinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

CI

Mas antes valeroso Capitaō

Nos conta, lhe disia, diligente,
Da terra tua o clima, e regiaō

Do Mundo onde morais, distinctamente
E assi de vossa antigua geraçaō,
E o princípio do Reino taō potente,
Co' os successos das guerras, do começo,
Que sem sabê-las, sei que saō de preço.

C Y

E assi tambem nos conta dos rodéos Longos, em que te traz o mar irado; Vendo os costumes barbaros, e alhéos, Que a nossa Africa ruda tem criado. Conta: que agora vem co' os aureos fréos Os cavallos que o carro marchetado, Do novo Sol, da fria Aurora trazem; O vento dorme; o mar, e as ondas jazem.

CXI

E nao menos co' o tempo se parece O desejo de ouvir-te o que contares: Que quem ha, que por fama nao conhece As obras Portuguezas singulares? Nao tanto desviado resplandece De nos o claro Sol, para julgares Que os Melindanos tem tao rudo peito, Que nao estimem muito hum grande feito.

CXII.

Comettéram soberbos os Gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro, e puro;
Tentou Pirithoo, e Théseo, de ignorantes,
O Reino de Plutaō horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo taō possantes,
Naō menos he trabalho illustre, e duro,
Quanto foi cometter Inferno, e Ceo,
Que outrem cometta a furia de Nereo.

CXIII

Queimou o sagrado Templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no Mundo, e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razao he que queira eterna gloria
Quem faz obras tao dignas de memoria.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

# LUSIADA.

CANTO TERCEIRO.

# ARGUMENTO

# DO CANTO TERCEIRO.

Prática de Vasco da Gama com El Rei de Melinde, em que lhe faz a descripção da Europa: dá-lhe conta dos principios do Reino de Portugal, de seus Reis, (até El Rei D. Fernando) e das suas acções principaes: feito notavel de Egas Moniz: vem a Portugal a Rainha de Castella D. Maria, a pedir soccorro para a batalha do Salado: amores, e caso desastrado de D. Ignez de Castro: alguns successos del Rei D. Fernando.

# OUTRO ARGUMENTO.

A populosa Europa se descreve;
De Egas Moniz o feito sublimado;
Lusitania, que Reis, que guerras teve;
Christo a Afonso se expõem crucificado:
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado:
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
E o grão poder de hum gesto suave, e brando.

•

\*/

t .



Sabe tambem dar vida com elemencia A quem para perdé la nao fez erro.

# LUSIADA

# CANTO TERCEIRO.

1

ue contou áo Rei o Illustre Gama in ira immortal canto, e voz divina, te peito mortal, que tanto te ama i o claro inventor da Medicina, quem Orpheo pariste, ó linda dama, aca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe, negue o amor devido como soe.

H.

tu Nympha em effeito meu desejo, no merece a gente Lusitana; veja e saiba o Mundo, que do Tejo cor de Aganippe corre, e mana. xa as flores de Pindo, que já vejo har-me Apolo na agua soberana; ao direi, que tens algum recêo, se escureça o teu querido Orpheo.

III.

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

v.

Que outrem possa louvar esforço alhêo, Cousa he que se costuma, e se deseja: Mas louvar os meus proprios, arrecêo Que louvor tao suspeito mal me esteja. E para dizer tudo temo, e crêo, Que qualquer longo tempo curto seja: Mas pois o mandas, tudo se te deve, Irei contra o que devo, e serei breve.

٧.

A' lém disso, o que a tudo em fim me obriga, Homao poder mentir no que disser, Porque de feitos taes por mais que diga, Mais me ha de ficar inda por dizer. Mas porque nisto a ordem leve, e siga, Segundo o que desejas de saber; Primeiro tratarei da larga terra, Despois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a Zona que o Cancro senhorêa, Méta Septentrional do Sol luzente, E aquella que por fria se arrecêa Tanto como a do meio por ardente; Jaz a soberba Europa, a quem rodêa, Pela parte do Arcturo, e do Occidente, Com suas salsas ondas o Occeano, E pela Austral o mar Mediterrano.

### VII.

Da parte donde o dia vem nascendo, Com Asia se avisinha: mas o rio Que dos montes Rhipheos vai correndo, Na alagôa Meotis, curvo, e frio, As divide: e o mar, que fero, e horrendo, Vio dos Gregos o irado senhorio; Onde agora de Troia triumphante, Naō vē mais que a memoria o navegante.

#### VIĮI.

Lá onde mais debaixo está do Polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co' o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tao pouca força tem de Apolo
Os raios que no Mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

v

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade
Co' os que tinham entao a Egypcia terra:
Mas quem tao fóra estava da verdade, 💎 👵
(Já que o juizo humano tanto erra),
Para que do mais certo se informára,
Ao campo Damasceno o perguntára.
x
Agora nestas partes se nomêa
A Lappia fria, a inculta Noroega:
Escandinavia Ilha, que se arrêa
Das victorias que Italia nao lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas naō refrêa
O congelado Inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Occeano,
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano. 4
XI.
Entre este mar, e o Tanais vive estranha
Gente; Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos sao Polonios.
Sujeitos ao Imperio de Alemanha (1997) est
Saō Saxones, Bohemios, e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno friograçãos
Lava, e o Danubio, Amasia, e Alhia rio.
प्राप्त र प्रमुप्त वर्षे का क्ष्मा प्रमुप्त प्रमुप्त प्राप्त कर है । पुरस्का गार्च के प्रमुख्य के अल्लाहर कि क

### XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito Aonde Helle deixou co'o nome a vida, Estaŏ os Thraces de robusto peito, Do fero Marte patria taŏ querida; Onde co' o Hemo, o Rhódope sujeito Ao Othomano está, que sobmettida Byzancio tem, a seu serviço indino; Boa injúria do grande Constantino.

### X 1 1 1.

Logo de Macedonia estab as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia;
Que criastes os peitos eloquentes;
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
E nao menos por armas, que por letras.

### XIV.

Logo os Dalmatas vivem, e no seio,
Onde Antenor jà muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tao baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cérca o Reino Neptunino Co' os muros naturaes por outra parte: Pelo meio o divide o Apennino, Que taō illustre fez o patrio Marte. Mas despois que o Porteiro tem divino, Perdendo o esforço veio, e bellica arte; Pobre está já da antigua potestade: Tanto Deos se contenta da humildade.

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
Co' os Cesareos triumphos foi no Mundo,
Que do Sequana, e Rhodano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando ardèram,
Rios de ouro, e de prata entao corrèram.

XVII

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como Cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda.
Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha nao tire o esforço, e ousadia,
Dos bellicosos peitos que em si cria.

# APIVE

X V-17 IV
Com Tingitation entertage alliquence control and
Que quer fechar o mar Mediterrano, outre et of
Onde o sabido Estreito se ennobrete
Com o extremo trabalho do Thebano. 201 anti-
Com nações differentes se engrandete,
Cercadas com as ondas do Occeano;
Todas de tal nobresa, e tal valor,
Que qualquer dellas évida que he melhor. a as X
XIX.
Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta:
O Navarro; as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa.
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fer o seu Planeta
Restituidor de Hespanha, e Senhor della,
Betis, Leao, Granada, com Castella.
xx.
Eis-aqui, quasi cume da Cabeca
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Occeano.
Este quiz o Ceo justo que floreça de la como
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora; e lá na ardente
Africa estar quieto o nao consente.
<del>-</del>

### KXI.

Esta he a ditosa patria minha amada; mod im al A' qual se os Geo me dás, que temperajo so a el Torne, com estatempreza já acabada, e atempo al Acabe se esta lez alli comigo. Le aque a mbaca al Esta foi Luditania derivada anti me ampo ampo G De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo e mod Filhos forum, parece, ou companheiros, e sin O E nella entado os incolas primeiros.

### XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no sen nome i caracil. Se yé que de homem forte on feitos teve; a calie f. Cuja fama ninguem virá que dome, a la caracil f. Pois a grande de Roma naõ se atreve.

### XX FI I

Hum Rei por nome Afonso foi na Hespania (ME) Que fez aos sarranenos tanta guerra, accionado off Que por armas sanguinas, força de muitos fez perder a vida, e a terran o como a Mondo deste Rei à fama estranbado mo en el confidencia de Caspia serra el confidencia de muitos para na guerra esclarecte so, collo multivinham a elle, e á morte offerendo de muitos de mondo de morte offerendo de muitos para na guerra esclarecte.

### XXIV.

E co' hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de várias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios Lares.
Despois que em feitos altos, e subidos,
Se mostráram nas armas singulares;
Quiz o famoso Afonso, que obras taes
Levassem premio digno, e does iguaes.

### XXV.

Destes Henrique, dizem, que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no Mundo
Entaő naő era illustre, nem prezado.

E para mais signal de amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Teresa sua filha o Condo fosse;
E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes
Da escrava Agar, victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Hum filho que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso Reino Lusitano.

Que nao tendo. Boshiredo a quem sesista y avent Que nao tendo. Boshiredo a quem sesista y avent Despois de ter Judéa subjugada, a mos antenna Muitos que nestas guerras o ajudáram, a la vaid Para seus Senharios se tornáram.

Quando chégado ao fim de sua idade, mano sul O forte, e fameso Hungaco estremado, mano sul O Forçado da fatal necessidade, minimo a sinti.
O esprito deo a quem lho tinha dado, mano sul A Ficava o filho em tenra mocidade, minimo Mano.
Em quem o pai deixava seu traslado, mono de Que do Mundo los mais fortes igualava, minocil Que de tal pai, tal filho se esperava. Electricia

Mas o velho rumór, nao scisse erradogogo da dO. Oue em tanta antiguidade nao ha certeza mo se

### JXXXX.X

Mas o Principo Affondo, que détalante afan àl. Se chamava, do avoi semando conotte porto de a C. Vendo-se em suas terracinadates partégió do A. Que a mái com seu-marido as manda, o como prevendo de ao maio de como de como

# xxxi.

De Guimartes o campo se tingiam attendament?

Co' o sangue proprio da intestina guerra quant. O

Onde a mái, que tab pouco o parecial, stussional

A seu filho negava o amor, e a terrale o imper (1

Com elle posta emicampo já se via; into o interior

E nao vé a soberba o muito que erra o empo inte

Contra Deos, contra o maternal amor (1 to ent.)

Mas nella o sensual are o umaior, ma la mico.

# Oh Prognesorual Oh magica Medéa blanca and M. Se em vossos proprios tithos, vos vingais us and the Da maldade dos pais y dauxulpa alhéa pris constituente. Olhai quesinda Teresa pecca maris, attranse actività l'Incontinencial mia problica fica y transaction and the Saö as causas deste erro principais rapedis continue. Scylla por huma, matsuo velho pais società de C. Esta por ambas editima artificialismos superioristica por ambas editima artificialismos superioristica.

### XXXIII.

Mas já o Principe claro o vencimento.

Do padrasto e da iniqua mãi levava;

Já lhe obedece a terra n'hum momento,

Que primeiro contra elle pelejava.

Porém vencido de ira a entendimento,

A mãi em ferros asperos atava:

Mas de Deos foi vingada em tempo breve:

Tanta veneração aos pais se deve.

### XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injúria de Teresa,
Contra o tao rero em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pes
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

## XXXV.

Nao passa muito tempo, quando o forte Principe, em Guimarães está cercado De infinito poder, que desta sorte Foi refazer-se o imigo magoado. Mas com se offerecer á dura morto O fiel Egas, Amo foi livrado; Que de outra arte pudera ser perdido, Begundo estava mal apercebido.

# XXXVI

Mas o leal vassallo conhecendo; square to a sestat Que seu Senher nao tinha resistencia, resuma a cotto Se vai ao Castelhano, promettendo adade alli co Que elle faria dardine obediencia. Tasa menu a cotto Levanta o intinigo o cerco horrendo; seu a conselencia. Tasa menu a Castelhano na promessa e consciencia. Tasa de conselencia. Tasa de conselencia. Tasa de conselencia de conselencia de conselencia. Tasa de conselencia de conselencia de conselencia. Tasa de conselencia de conselen

## XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano ja aguardava,
Que o Principe a seu mando sobmettido,
Lhe desse a obediencia que esperava (1997) A
Vendo Egas, que ficava fementido, o sulo sel vido
O que delle Castella nao cuidava;
Determina de dar a doce vida;
A troco da palavra mal cumprido.

### XXXVIII.

E com seus filhos e mulher se parte

A levantar com elles a fiança;

Descalços, e despidos, de tal arte;

Que mais move a pledade; que a vingarete

Se pertendes, Rei altoy de vingarete

De minha temeraria confiança;

Dizia, eis-aqui venho offerecido;

A te pagar co' a vida o promettido.

# xxxix.

Vês aqui trago as vidas innocentes,

Dos filhos sem peccado, e da consorte,

Se a peitos generosos, e excellentes,

Dos fracos satisfaz a fera morte.

Vés aqui as mãos e a lingua delinquentes:

Nellas sos exprimenta toda a sorte

De tormentos, de mortes, pelo estilo

De Scinis, e do touro de Perilo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado;

Que já na vida a morte tem bebido;

Põe no cepo a garganta, e já entregado

Espera pelo golpe tao temido:

Tal diante do Principe indignado;

Egas estava a tudo offerecido:

Mas o Rei vendo a estranha lealdade;

Mais pode em fim que a ira a piedade.

LT.

Oh grāo fidelidade Portugueza,

De vassallo que tanto se obrigava!

Que mais o Persa fez naquella empreza;

Onde rosto, e narizes se cortava P

Do que ao grande Darlo tanto peza,

Que mil vezes, dizendo suspirava;

Que mais o seu Zopyro são prezara;

Que vinte Babylonias que tonset.

### XLII.

Mas já o Principe Afonso apparelhava
O Lusitano exército ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'álém do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força, e gente tao pequeno.

### XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado, Senao no summo Deos que o Ceo regía; Que tao pouco era o povo baptizado, Que para hum só cem Mouros haveria. Julga qualquer juizo socegado Por mais temeridade que ousadia, Cometter hum tamanho ajuntamento, Que para hum Cavalleiro houvesse cento.

### X LIV.

Cinco Reis Mouros sao os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras Damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte Dama,
De quem tanto os Troianos se ajudáram,
E as que do Thormodoonte já gostáram.

XLV.

A matutina luz serena, e fria,
As estrellas do Polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso o animava.
Elle adorando a quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi grivata:
Aos infiéis, Senhor, aos infiéis;
E nao a mim que creio o que podeis.

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente Portugueza, inflammados levantavam Por seu Rei natural, este excellente Principe, que do peito tanto amavam. E diante do exército potente Dos imigos, gritando o Ceo tocavam; Dizendo em alta voz: Real, Real, Por Afonso, alto Rei de Portugal.

XLVII.

Qual co' os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rábido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso.
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
'Do bravo a força horrenda se quebranta:

### XLVIII.

Tal do Rei novo o estamago accendido. Por Deos, e pelo pevo justamento, de selle ses ak O barbaro comette apercebido, se an actividado Co' o animoso exército rempentes and non month Levantam nisto os perros palarido star alta alta Dos gritos; tecam arma, ferve a gente: par a la se As lanças e arcos tomam; tubas sham; Joshus au A Instrumentos de guerra tudo atrôgmento e com Il

# XLIX.

Bem como quando si flamma, que atenda las mas Foi nos áridos campos (astoprando: (as prese) O sibilante Boreas) animada Co' o vento, o secco mato vai queimando. A pastoral companha, que deitada Co' o doce somno estava, despertando. Ao estridor do fogo, que se atén posse de consenta Recolhe o fato, e foge para a aldea: ... omt 6 : 3

Desta arte o Monro attonito, e tervado di se de con-Toma sem tento as armas mui depressa; Não foge, mas supera confiado es a mos a ma as E o ginete belligero arremessa. Alta pes annel 3 O Portuguez o encentra denodados attento Pelos peitos as lamons liberatravessa: Huus cahem meios mortes e outros vas A ajudazon focando do Alcorao.

L.

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra;
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dao medonhos, e forçosos;
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

. . .

Cabeças pelo campo vao saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
E de outros as entranhas palpitando,
Pállida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

T. 1 1 1.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trophéos, e presa rica:
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica:
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reia vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido;
Escrevendo a memoria em vária tinta,
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o número cumprido;
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em Cruz pintado veio.

L.V.

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scabelicartro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tao sereno.

LVI.

A estas nobres villas sobmettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço;
E nas serras da Lúa conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braco:
Cintra, onde as Naiades escondidas,
Nas fontes vao fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu nobre Lisboa, que no Mando Facilmente das outras es Princesa, Que edificada foste do facuado, Por cujo engano foi Dardania accesa: Tu a quem obedece o mar profundo, Obedeceste á força Portuguesa; Ajudada tambem da forte armada, Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Bheno, E da fria Bretanha conduzidos, A destruir o povo Sarraceno, Muitos com tenção sancta eram partidos. Entrando a boca já do Tejo ameno, Co' o arraial do grande Afonso unidos, Cuja alta fama entao subia aos Ceos, Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX

Cinco vezes a Lúa se escondera,
E outras tantas mostrára chêo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tao sanguina, e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos, e ousados,
E de vencidos já desesperados.

· LX.

Desta arte, em fim, tomada se rendeo, Aquella que nos tempos já passados A' grande força nunca obedeceo Dos frios povos Scythicos ousados: Cujo poder a tanto se estendeo, Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados; E em fim co' o Betis tanto algus puderam, Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI.

Que Cidade tao forte por ventura Haverá que resista, se Lisboa Nao póde resistir á força dura Da gente, cuja fama tanto voa? Já lhe obedece toda a Estremadura, Obidos, Alemquer, por onde soa O tom das frescas aguas, entre as pedras, Que murmurando lava, e Torres Vedras.

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas, Affamadas co' o dom da flava Ceres, Obedeceis ás forças mais que humanas, Entregando-lhe os muros, e os poderes: E tu, Lavrador Mouro, que te enganas, Se sustentar a fertil terra queres; Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas, E Alcacere do Sal, estao rendidas.

LXIII.

Eis a nobre Cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente;
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra, e a gente;
Pelos arcos Reaes, que cento, e cento,
Nos ares se alevantam nobremente;
Obedeceo por meio, e ousadia
De Giraldo, que medos nao temia.

LXI♥.

Já na Cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Afonso, que nao sabe socegar,
Por estender co' a fama a curta vida.
Nao se lhe póde muito sustentar
A Cidade: mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LYV

Com estas sobjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exército potente.
Sentio-o a Villa, e vio-o o Senhor della,
Que a soccorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

LXVI.

O Rei de Badajoz era, alto Mouro, Com quatro mil cavallos furiosos, Innumeros peões, de armas e de ouro Garnecidos, guerreivos, e lustrosos. Mas qual no mez de Maio o bravo touro, Co' os ciumes da vacca, arreceosos, Sentindo gente o bruto, e cego amante, Saltéa o descuidado caminhante:

### LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura:
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
De hum panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
Nao mais que só sessenta de cavalo.

### LEVIII

Logo segue a victoria sem tardança, O grão Rei incansabil, ajuntando Gentes de todo o Reino, cuja usança Era andar sempre terras conquistando. Cercar vai Badajoz, e logo alcança O fim de seu desejo, pelejando Com tanto esforço, e arte, e valentía, Que a faz fazer ás outras companhia,

### LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o merece;
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem nao conhece;
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe nao deixa ter defesa
Da maldição da mãi, que estava presa.

### LXX.

Que estando na Cidade que cercára,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomára,
De Leao sendo, e nao dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
A batalha onde foi vencido, e preso.

### LXXI.

O' famoso Pompeio, nao te pene
De teus feitos illustres a ruina;
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina:
Postoque o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.

### LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroces Eniocos, e Colchos, cuja fama O véo dourado estende; e os Cappadoces; E Judéa, que hum Deos adora, e ama: E que os molles Sophenos, e os atroces Cilicios, com armenia, que derramo As aguas dos dous rios, cuja fonte Está n'outro mais alto, e santo monte.

### LEXIII

E posto em fim que desde o mar de Atlante, Até o Scythico Tauro, monte erguido, Já vencedor te vissem, nao te espante Se o campo Emathio só te vio vencido: Porque Afonso verás soberbo, e ovante, Tudo render, e ser despois rendido. Assi o quiz o Conselho alto e celeste, Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

### LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do Divino Juizo castigado,
Dispois que em Santarem soberbamente,
Em vao dos Sarracenos foi cercado:
E despois que do Martyre Vicente,
O sanctissimo corpo venerado,
Do sacro Promontorio conhecido,
A' Cidade Ulysséa foi trazido.

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse de Alemtejo
Com gente, e co' o belligero apparelho.
Sancho de esforço, e de animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando
Co' o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobicoso,
Já nao descansa o moço até que veja
Outro estrago como este, temeroso,
No barbaro que tem cercado Beja.
Nao tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

### . . . . . . . . . . . .

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa O corpo fez perder que teve o Geo:
Já vem do Promontorio de Ampelusa,
E de Tingi que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla naō se escusa,
Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana, e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

### LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Miralmuminim em Portugal:
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial.
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem:
Porém nao lhe succede muito bem.

### LXXIX.

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardijs de guerra mil o Mouro iroso:
Naō lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso.
Porque o filho de Afonso naō perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

### LXXX.

Mas o velho, a quem\_tinham Já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego;
Estando na Cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego:
Sahendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da Cidade;
Que nao perde a presteza com a idade.

LXXXI.

E co' a famosa gente á guerra usada, Vai soccorrer o filho, e assi ajuntados, A Portugueza furia costumada, Em breve os Mouros tem desbaratados. A campina, que todá está coalhada De marlotas, capuzes variados, De cavallos, jaezes, presa rica, De seus Senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Miralmuminim só naō fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio,
Daō louvores, e graça sem medida:
Que em casos taō estranhos claramente,
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphata
O velho Afonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga et muita idade foi vencido.
A pálida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagáram seus annos deste geito,
À triste Libitina o seu direito.

### LXXXIV.

Os altos Promontorios o choràram; E dos rios as aguas saudosas Os semeados campos alagáram, Com lagrimas correndo piedosas. Mas tanto pelo Mundo se alargáram Com fama suas obras valerosas, Que sempre no seu Reino chamarão, Afonso, Afonso, os eccos; mas em vao.

### LXXXV.

Sancho, forte mancebo, que facára
Imitando a seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentára,
Quando o Betis de sangue se tingia:
E o barbaro poder desbaratára,
Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercáram
Os golpes de seu braço em si prováram.

## LXXXVI.

Despois que foi por Rei alevantado, Havendo poucos annos que reinava, A Cidade de Sylves tem cercado, Cujos campos o barbaro lavrava. Foi das valentes gentes ajudado Da Germanica armada, que passava, De armas fortes, e gente apercebida, A recobrar Judéa já perdida.

### LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exército em defesa
Da Cidade onde Christo padeceo;
Quando Guido, co' a gente em sede accesa,
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

### LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do Sancto Marte:
Assi como a seu pai acontecêra
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Sylves toma,
E o bravo morador destrue, e doma.

### LXXXIX.

E se tantos trophéos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez nao consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte.
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Vio ter a muitas Villas suas visinhas,
Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas:

жc.

Mas, entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal, por derradeiro,
Porque d'antes os Mouros o tomáram;
Mas agora estruidos o pagáram.

XCI.

Morto despois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso, e descuidado;
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado:
Porque, como por elles se regía,
Em todos os seus vicios consentia.

X CIL

Naó era Sancho, naó, taó deshonesto Como Nero, que hum moço recebia Por mulher, e despois horrendo incesto Com a mái Agrippina commettia; Nem taó cruel ás gentes, e molesto, Que a Cidade queimasse, onde vivia; Nem taó máo como foi Heliogabalo; Nem como o molle Rei Sardanapalo.

### XCIII.

Nem era o povo seu tyrannizado, Como Sicilia foi de seus Tyranos; Nem tinha como Phálaris achado Genero de tormentos inhumanos. Mas o Reino de altivo, e costumado A Senhores em tudo soberanos, A Rei nao obedece, nem consente, Que nao for mais que todos excellente.

### XCIV.

Por esta causa o Reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Afonso o Bravo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado,
Em dilatá-lo cuida; que em terreno,
Nao cabe o altivo peito, tao pequeno.

### XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fora Em casamento dada, grande parte Recupera co' o braço, e deita fóra O Mouro mai querido já de Marte. Este de todo fez livre, e senhora Lusitania, com força, e bellica arte; E acabou de opprimir a nação forte Na terra que aos de Luso coube em sorte.

### XCVI.

Eis despois vem Diniz, que bem parece Do bravo Afonso estirpe nobre, e dina; Com quem a fama grande se escurece, Da liberalidade Alexandrina. Com este o Reino próspero florece, (Alcançada já a paz aurea, divina, Em constituições, leis, e costumes, Na terra já tranquílla claros lumes.

### XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se O valeroso officio de Minerva; E de Helicona as Musas fez passar-se, A pizar do Mondego a fertil herva. Quanto póde de Athenas desejar-se, Tudo o soberbo Apollo aqui reserva: Aqui as capellas dá tecidas de ouro, Do Baccharo, e do sempre verde louro.

### XCVIII.

Nobres Villas de novo edificou,
Fortalezas, Castellos mui seguros;
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte, e excellente.

KCIK.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co' o peito desprezou firme, e sereno;
Porque nao he das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entráram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Afonso a soccorrella.

C.

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos acoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co' o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CT.

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande, e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte
Pedindo ajuda so forte Lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte,
Mulher de quem amanda, e filha amada,
Daquelle a cujo Reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes Paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos Angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pai lédo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CITI.

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera, e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha.
Poder tamanho junto nao se vio,
Despois que o salso mar a terra banha.
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co' o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada.
E se nao for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do Reino ser privada;
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino, e sem ventura.

CV.

Por anto, ò Rei, de quem com puro mede O corrente Moluca se congela; Rompe toda a tardança; acude cedo A' miseranda gente de Castella. Se esse gesto que mostras claro, e lédo, De pai o verdadeiro amor assela, Acude, e corre pai; que senao corres, Póde ser que nao aches quem soccorres.

C V 1.

Nao de outra sorte a tímida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia,
Para Enéas seu filho, navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII.

Mas já co' os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vao coalhados;
Lustra co' o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vao rinchando os cavallos jaezados.
A canóra trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados,
Vai as fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.



# CANTÓ III.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima
Das insignias Reaes acompanhado
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado:
E sómente co' o gesto esforça, e anima,
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terças de Castella,
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX

Juntos os dous Afonsos finalmente, Nos campos de Tarifa, estaŏ defronte Da grande multidaŏ da cega gente, Para quem saŏ pequenos campo, e monte. Naŏ ha peito taō alto, e taŏ potente, Que de desconfiança naŏ se affronte Em quanto naŏ conheça, e claro veja, Que co' o braço dos seus Christo peleja.

CX

Estao de Agar os netos, quasi rindo
Do poder dos Christãos, fraco, e pequeno;
As terras como suas repartindo
Antemao entre o exército Agareno;
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta, e nua,
A' nobre terra alhéa chamam sua.

117

CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tao temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido;
Com palavras soberbas o arrogante,
Despreza o fraco Moço mal vestido:
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais póde a fé, que a força humana!

CXII.

Desta arte o Mouro pérfido despreza
O poder dos Christãos, e nao entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei comette, e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam (segundo as Leis que alli seguiam)
Húus Mafamede, e outros Sant-Iago.
Os feridos com grita o Ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago;
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.



# CANTO III.

119

CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço.
De alcançar tal victoria taō barata,
Inda naō bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co' o Mauritano.

CTV

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o Ponente o Vespero, trazendo
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no Mundo vio tao grão victoria.

CXVI.

Nao matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morrèram neste vencimento,
Quando as aguas co' o sangue do adversario
Fez beber ao exército sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de annéis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste Mandar ao Reino escuro de Cocito, Quando a sancta Cidade desfizeste Do povo pertinaz no antiguo rito; Permissao e vingança foi celeste, E nao força de braço, ó nobre Tito; Que assi dos Vates foi prophetizado, E despois por Jesu certificado.

CXVIII.

Passada esta taō próspera victoria,
Tornando Afonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste, e digno da memoria,
Que do sepulchro os homēes desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que despois de ser morta foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com força crua, Que os corações humanos tanto obriga, Déste causa á molesta morte sua, Como se fora perfida inimiga. Se dizem, fero Amor, que a sede tua, Nem com lagrimas tristes se mitiga, He porque queres aspero, e tyrano, Tuas aras banhar em sangue humano.



## CANTO III.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego, De teus annos colhendo doce fruto, Naquelle engano da alma, lédo, e cego, Que a fortuna nao deixa durar muto; Nos saudosos campos do Mondego, De teus formosos olhos nunca enxuto, Aos montes ensinando, e ás hervinhas, O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas Senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu puro Amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se nao queria:

11

121

CXXIII.

Tirar Ignez ao Mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co' o sangue só da morte indina,
Matar do firme amor o fogo acceso.
Qual furor consentio; que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade,
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da mágoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

Para o Ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tao queridos tinha, e tao mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avo cruel assi dizia:



### CANTO III.

123

CXXVI.

Se já nas brutas feras, cuja mente Natura fez cruel de nascimento; E nas aves agrestes, que sómente Nas rapinas aerias tem o intento; Com pequenas crianças vio a gente, Terem taō piedoso sentimento, Como co' a mãi de Nino já mostráram, E co' os irmãos que Roma edificáram:

CXXVII.

O' tu, que tées de humano o gesto, e o peito, (Se de humano he matar húa donzella Fraca, e sem força, só por ter sujeito O coração a quem soube vencella) A estas criancinhas tem respeito, Pois o nao tées á morte escura della: Mova-te a piedade sua, e minha, Pois te nao move a culpa que nao tinha.

CXXVIII.

E se vencendo a Maura resistencia A morte sabes dár com fogo, e ferro; Sabe tambem dar vida com clemencia A quem para perdê-la naō fcz erro. Mas se to assi merece esta innocencia, Pōe-me em perpétuo e misero desterro, Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente, Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Põe-me onde se use toda a feridade; Entre leões, e tigres; e verei Se nelles achar posso a piedade Que entre peitos humanos nao achei. Alli co' o amor intrinseco, e vontade, Naquelle por quem mouro, criarei Estas reliquias suas que aqui viste, Que refrigerio sejam da mãi triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino,
Que desta sorte o quiz, lhe nao perdoam.
Arrancam das espadas de aco fino,
Os que por bom tal feito alli pregoam.
Contra húa dama, ó peitos carniceiros,
Ferozes vos mostrais, e Cavalleiros?

CXXXI.

Qual contra a linda moça Policena, Consolação extrema da mãi velha, Porque a sombra de Achilles a condena, Co' o ferro o duro Pyrrho se aparelha: Mas ella os olhos, com que o ar screna, (Bem como paciente e mansa ovelha) Na misera mãi postos, que endoudece,



# CANTO III.

125

Taes contra Ignez os brutos matadores, No colo de alabastro, que sostinha As obras com que amor matou de amores A' quelle que despois a fez Rainha, As espadas banhando, e as brancas flores, Que ella dos olhos seus regadas tinha, Se encarnicavam férvidos, e irosos, No futuro castigo nao cuidosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes, Teus raios apartar aquelle dia, Como da seva mesa de Thyestes, Quando os filhos por mao de Atreo comia. Vós, ó concavos valles, que pudestes A voz extrema ouvir da boca fria, O nome do seu Pedro que lhe ouvistes, Por muito grande espaço repetistes.

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida, e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada,
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
Tal está morta a pállida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co' a doce vida.

١١.

### CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura Longo tempo chorando memoráram; E, por memoria eterna, em fonte pura As lagrimas choradas transformáram: O nome lhe pozeram, que ainda dura, Dos amores de Ignez, que alli passáram. Vede que fresca fonte rega as flores, Que lagrimas sao agua, e o nome amores.

### CXXXVI.

Nao correo muito tempo que a vingança Nao visse Pedro das mortaes feridas; Que em tomando do Reino a governança, A tomou dos fugidos homicidas: De outro Pedro cruissimo os alcança; Que ambos imigos das humanas vidas, O concerto fizeram duro, e injusto, Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

### CXXXVII.

Este, castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios:
Fazer nos maos cruezas fero, e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As Cidades guardando justiçoso
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Thesco.



### CANTO III.

127

### CXXXVIII.

Do justo e duro Pedro nasce o brando, (Vede da natureza o desconcerto) Remisso, e sem cuidado algum, Fernando, Que todo o Reino poz em muito aperto: Que vindo o Castelhano devastando As terras sem defeza, esteve perto De destruir-se o Reino totalmente; Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

### CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido:
Ou foi que o coração sujeito, e dado
Ao vício vil de quem se vio rendido,
Molle se fez; e fraco: e bem parece;
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

#### CXL

Do peccado tiveram sempre a pena Muitos, que Deos o quiz, e permittio; Os que foram roubar a bella Helena; E com Apio tambem Tarquino o vio: Pois por quem David Sancto se condena? Ou quem o Tribu illustre destruio De Benjamin? Bem claro no-lo ensina Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem Peno próspero o sentiste,
Despois que húa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode livrar-se por ventura

Dos laços que Amor arma brandamente Entre as rosas, e a neve humana pura, O ouro, e o alabastro transparente? Quem de húa peregrina formosura, De hum vulto de Medusa propriamente, Que o coração converte, que tem preso, Em pedra nao, mas em desejo acceso?

CXLIII.

Quem vio hū olhar seguro, hū gesto brando, Huma suave e Angelica excellencia, Que em si está sempre as almas transformando. Que tivesse contra ella resistencia? Desculpado por certo está Fernando, Para quem tem de Amor experiencia: Mas antes tendo livre a phantasia, Por muito mais culpado o julgaria.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

# LUSIADA.

CANTO QUARTO.

# ARGUMENTO

# DO CANTO QUARTO.

Continua o Gama a prática com ElRei de Melinde, e refere as guerras de Portugal com Castella sobre a successão do Reino, por morte del Rei D. Fernando: façanhas militares do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira: batalha, e victoria de Aljubarrota: diligencias que se fizerão para descubrir a India por mar, em tempo delRei D. João o II: como ElRei D. Manoel conseguio esse fim, determinando esta viagem: prevenções para ella: embarque, e despedida dos navegantes nas praias de Belém.

# OUTRO ARGUMENTO.

Acclamado Joaó, de Pedro herdeiro, Convoca Leonor ao Castelhano: Oppõe-se Nuno, intrepido guerreiro; Dá-se batalha; vence o Lusiano: Quem a Aurora buscar tentou primeiro Pelas tumidas ondas do Occeano; E como ao Gama coube esta alta empreza, Por affinar a gloria Portugueza.





Só por amor da patria está passando A vida de scuhora feita escrava,

anto 4. Est. 61

# LÙSIADA.

# CANTO QUARTO.

17

Des pois de procellosa tempestade, Nocturna sombra, e sibilante vento, Traz a manhãa serena claridade, Esperança de porto, e salvamento: Aparta o Sol a negra escuridade, Removendo o temor ao pensamento:

Assi no Reino forte aconteceo,

Despois que o Rei Fernando falleceo.

Porque se muito os nossos desejáram Quem os damnos, e offensas vá vingando Naquelles que tao bem se aproveitáramo. Do descuido remisso de Fernando; Despois de pouco tempo o alcancáram, Joanne, sempre illustre, alevantando Por Rei, como de Pedro unico herdeiro. (Aindaque bastardo) verdadeiro. лис сещро запанао о пошеоа.

E como cousa em fim que o Ceo destina, No berço o corpo e a voz alevantou: Portugal, Portugal, alçando a mão, Disse, pelo Rei novo Dom João.

IV.

Alteradas entao do Reino as gentes, Co' o odio que occupado os peitos tinha, Absolutas cruezas, e evidentes, Faz do povo o furor por onde vinha: Matando vao amigos, e parentes, Do adultero Conde, e da Rainha, Com quem sua incontinencia deshonesta Mais, despois de viuva, manifesta.

v.

Mas elle em fim, com causa deshonrado, Diante della a ferro frio morre;



## CANTO IV.

133

V I

Podem-se pôr em longo esquecimento As cruezas mortaes, que Roma vio, Feitas do feroz Mario, e do cruento Sylla quando o contrario lhe fugio. Por isso Leonor, que o sentimento Do morto Conde ao Mundo descobrio, Faz contra Lusitania vir Castella, Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada Co' o Castelhano está, que o Reino pede, Por filha de Fernando reputada, Se a corrompida fama lho concede. Com esta voz Castella alevantada, Dizendo, que esta filha ao pai succede, Suas forças ajunta para as guerras, De várias regiões, de várias terras.

VIII.

Vem de toda a Provincia, que de hum Brigo (Se foi) já teve o nome derivado; Das terras que Fernando, e que Rodrigo, Ganháram do tyranno e Mauro estado. Não estimam das armas o perigo Os que cortando vão co' o duro arado Os campos Leonezes, cuja gente Co' os Mouros foi nas armas excellente.

12

TX.

Os Vandalos, na antigua valentia Ainda confiados, se ajuntavam Da cabeça de toda Andaluzia, Que do Guadalquibir as aguas lavam. A Nobre Ilha tambem se apercebia, Que antiguamente os Tyrios habitavam, Trazendo por insignias verdadeiras As Hercúleas columnas nas bandeiras.

v.

Tambem vem lá do Reino de Toledo, Cidade nobre, e antigua, a quem cercando O Tejo em torno vai suave, e lédo, Que das serras de Conca vem manando. A vós outros tambem nao tolhe o medo, O' sordidos Gallegos, duro bando, Que para resistirdes, vos armastes, A'quelles cujos golpes já provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece
Armou delle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus Senhores.



## CANTO IV.

### KII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece, Como a Samsaō Hebreo da guedelha, Postoque tudo pouco lhe parece, Co' os poucos do seu Heino se aparelha: E naō porque conselho lhe fallece, Co' os principaes Senhores se aconselha; Mas só por ver das gentes as sentenças, Que sempre houve entre muitos differenças.

### XIII.

Nao falta com razões quem desconcerte Na opiniao de todos, na vontade, Em quem o esforço antigo se converte Em desusada e má deslealdade; Podendo o temor mais, gelado, inerte, Que a propria e natural fidelidade: Negam o Rei, e a patria; e se convém, Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

#### XIV.

Mas nunca foi que este erro se sentisse No forte dom Nun'Alvares: mas antes, Postoque em seus irmãos tao claro o visse Reprovando as vontades inconstantes; A'quellas duvidosas gentes disse, Com palavras mais duras que elegantes, A mão na espada irado, e nao facundo, Ameaçando aterra, o mar, e o Mundo.

### XV.

Gomo? Da gente illustre Portugueza,
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? Desta Provincia, que Princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte,
De Portuguez? E por nenhum respeito,
O proprio Reino queira ver sujeito?

### KVI.

Como? Nao sois vos inda os descendentes Daquelles, que debaixo da bandeira Do grande Henriques, feros, e valentes, Vencestes esta gente tao guerreira? Quando tantas bandeiras, tantas gentes, Puzeram em fugida, de maneira, Que sete illustres Condes lhe trouxeram Presos, afora a presa que tiveram?

#### XVII.

Com quem foram contino sopeados
Estes de quem o estais agora vós,
Por Dionis, e seu filho, sublimados,
Senao co' os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se he certo que co' o Rei se muda o povo.



### CANTO IV.

### XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes Igual ao Rei que agora alevantastes, Desbaratareis tudo o que quizerdes, Quanto mais a quem já desbaratastes. E se com isto em fim vos nao moverdes, Do penetrante medo que tomastes, Atai as mãos a vosso vão receio, Que eu só resistirei ao jugo alheio.

### XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta, (E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta,
A terra nunca de outrem sobjugada:
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei, nao só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

#### XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos Em Canusio, reliquias sós de Canas, Já para se entregar, quasi movidos, A' fortuna das forças Africanas; Cornelio moço os faz, que compellidos Da sua espada jurem, que as Romanas Armas nao deixaráo em quanto a vida Os nao deixar, ou nellas for perdida: 137

### XXI.

Desta arte a gente fórça e esforça Nuno, Que com lhe ouvir as ultimas razões, Removem o temor frio, importuno, Que gelados lhe tinha os corações: Nos animaes cavalgam de Neptuno, Brandindo, e volteando arremessões; Vao correndo, e gritando a boca aberta; Viva o famoso Rei que nos liberta.

### XXII.

Das gentes populares huus approvam
A guerra com que a patria se sostinha:
Huus as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras, e tenções de seus amores.

#### XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia Joanne forte sahe da fresca Abrantes; Abrantes, que tambem da fonte fria Do Tejo logra as aguas abundantes. Os primeiros armigeros regía, Quem para reger era os mui possantes Orientaes exercitos sem conto, Com que passava Xerxes o Hellesponto.



# CANTO IV.

139

### XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro Açoute de soberbos Castelhanos, Como já o forte Hunno o foi primeiro Para Francezes, para Italianos. Outro tambem famoso Cavalleiro, Que a ala direita tem dos Lusitanos, Apto para mandá-los, e regellos, Mem Rodrigues, se diz, de Vasconcellos.

### XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde, Antao Vasques de Almada he Capitão, Que despois foi de Abranches nobre Conde, Das gentes vai regendo a sestra mão. Logo na retaguarda nao se esconde Das quinas e Castellos o pendão, Com Joanne Rei forte em toda parte, Oue escurecendo o preço vai de Marte,

#### XXVI.

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as māis, irmāas, damas, e esposas,
Promettendo, jejūus, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias;
Que com grita grandissima os recehem;
E todas grande dúvida concebem.

### XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores;
Alferezes voltêam as bandeiras,
Que variadas sao de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o frueto deixa aos Lavradores;
Entra em Astréa o Sol, no mez de Agosto;
Baccho das uvas tira o doce mosto.

### XXVIII.

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, è a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso;
E as mais que o som terribil escuitáram,
Aos peitos os filhinhos apertáram.

### XXIX.

Quantos rostos alli se vem-sem cor, Que ao coração acodé o sangue amigo; Que nos perigos grandes, o temor; He maior muitas vezes que o perigo: E se o não he, parece-o; que o furor De offender, ou vencer o duro imigo, Faz não sentir que he perda grande, e rara, Dos membros corporaes, da vida chara.

### XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Húus levam a defensao da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba, e encontra, e a terra em fim seméa
Dos que a tanto desejam, sendo alhéa.

### XXXI.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros vôam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles sôam:
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quédas co' as duras armas tudo atrôam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

#### XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vao:
Caso feo, e cruel! Mas nao se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são,
No primeiro esquadrao, que se adianta
Contra irmãos, e parentes. Caso estranho!
Quaes nas guerras civis de Julio, e Magno.

### XXXIII.

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no Reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguus traidores houve alguas vezes.

### XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vaō:
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leaō,
Que cercado se vê dos Cavalleiros,
Que os campos vaō correr de Tetuaō:
Perseguem-no co' as lanças, e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas naō medroso.

### XXXV.

Com torva vista os vé, mas a natura Ferina, e a ira, nao lhe compadecem Que as costas dé, mas antes na espessura Das lanças se arremessa, que recreeem. Tal está o Cavalleiro, que a verdura Tinge co' o sangue alheio: alli perecem Algüus dos seus. Que o animo valente Perde a virtude contra tanta gente.

### XXXVI.

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que como sabio Capitaō,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença, e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera, e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estaō,
Sentio que em quanto o pasto lhes buscára,
O pastor de Massilia lhos furtára:

### XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos Os montes Sete Irmãos atroa, e abala: Tal Joanne, com outros escolhidos Dos seus, correndo acode á primeira ala. O' fortes companheiros, ó subidos Cavalleiros, a quem nenhum se iguala; Defendei vossas terras; que a esperança Da liberdade está na vossa lança.

#### XXXVIII.

Védes-me aqui Rei vosso, e companheiro, Que entre as lanças, e séttas, e os arnezes Dos inimigos corro, e vou primeiro? Pelejai verdadeiros Portuguezes. Isto disse o magnanime guerreiro; E sopesando a lança quatro veses, Com força tira; e deste unico tiro Muitos lançáram o ultimo suspiro.

### XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente De húa nobre vergonha, e honroso fogo, Sobre qual mais com animo valente Perigos vencerá do Marcio jogo, Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente, Rompem malhas primeiro, e peitos logo: Assi recebem junto, e dao feridas, Como a quem já nao doe perder as vidas.

E T.

A muitos mandam ver o Estygio Lago; Em cujo corpo a morte e o ferro entrava: O Mestre morre alli de Sant-Iago; Que fortissimamente pelejava: Morre tambem, fazendo grande estrago; Outro Mestre cruel de Calatrava: Os Pereiras tambem arrenegados Morrem, arrenegando o Ceo; e os fados.

V 1. T

Muitos tambem do vulgo vil sem nome Vao; e tambem dos Nobres ao profundo; Onde o Trifauce Cam perpétua fome Tem das almas que passam deste Mundo E porque mais aqui se amanse, e dome, A Soberba do imigo furibundo, A sublime bandeira Castelhana Foi derribada aos pés da Lusitana.



### CANTO IV.

145

XLII.

Aqui a fera batalha se eneruece,
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas:
A multidao da gente que perece,
Tem as flores da propria cor mudadas.
Já as costas dao, e as vidas: já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII

O. campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe nao deixar a vida:
Seguem-no os que ficáram; e o temor
Lhes dá, nao pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida;
Da mágoa, da deshonra, e triste nojo,
De ver outrem triumphar de seu despojo.

KLIV

Alguus vao maldisendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no Mundo;
Outros a sede dura vao culpando
Do peito cobicoso, e sitihundo;
Que por tomar o alheo, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mais, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

### XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo, em grande gloria:
 Com offertas despois, e romarias,
 As graças deo a quem lhe deo victoria.
 Mas Nuno, que nao quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senao por armas sempre soberanas,
 Para as terras se passa Transtaganas.

### XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira, Que fez igual o effeito ao pensamento; 'Porque a terra dos Vandalos fronteira Lhe concede o despojo, e o vencimento. Já de Sevilha a Betica bandeira, E de varios Senhores, n'hum momento Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza, Obrigados da força Portugueza.

### XLVII.

Destas e outras victorias longamente Eram os Castelhanos opprimidos; Quando a paz, desejada já da gente, Deram os vencedores aos vencidos; Despois que quiz o Padre Omnipotente. Dar os Reis inimigos por maridos A's duas illustrissimas Inglezas, Gentís, formosas, inclytas Princezas.

### XLVIII.

Naō soffre o peito forte, usado á guerra,
Naō ter imigo já a quem faça dano;
E assi naō tendo a quem vencer na terra,
Vai cometter as ondas do Occeano.
Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A Lei de Christo á lei de Mafamede.

### XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vao ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana má, e desleal manha.

Nao consentio a morte tantos annos Que de Heroe tao ditoso se lograsse Portugal, mas os Córos soberanos Do Ceo supremo quiz que povoasse. Mas para defensao dos Lusitanos Deixou, quem o levou, quem governasse, E augmentasse a terra mais que d'antes, Inclyta geração, altos Infantes.

. .

Nao foi do Rei Duarte tao ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reino, e neste Rei,
Nao usou ella tanto desta lei.

. t r.

Vio ser captivo o santo irmão Fernando, Que a tao altas emprezas aspirava, Que por salvar o povo miserando Cercado, ao Sarraceno se entregava. Só por amor da patria está passando A vida de senhora feita escrava, Por nao se dar por elle a forte Ceita: Mais o público bem que o seu respeita.

. . . .

Codro, porque o inimigo nao vencesse, Deixou antes vencer da morte a vida: Régulo, porque a patria nao perdesse, Quiz mais a liberdade ver perdida. Este, porque se Hespanha nao temesse, A captiveiro eterno se convida. Cedro, nem Curcio, ouvido por espanto, Nem os Decios leaes fixeram tanto. LIV.

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humíllima miseria;
Fora por certo invicto Cavalleiro,
Senaō quizera ir ver a terra Iberia;
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este pôde colher as maçãas de ouro, Que sómente o Tyrinthio colher pôde: Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro A cerviz inda agora nao sacode. Na fronte a palma leva, e o verde louro Das victorias do barbaro, que acode A defender Alcacer, forte Villa, Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI

Porém ellas em fim por força entradas, Os muros abaixáram de diamante A's Portuguezas forças, costumadas A derribarem quanto acham diante. Maravilhas em armas estremadas, E de escriptura dignas elegante, Fizeram Cavalleiros nesta empreza, Mais affinando a fama Portugueza.

LXIII.

Passam tambem as ondas Erythreas, Que o povo de Israel aem nao passou; Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas, Que o filho de Ismael co' o nome ornou. As costas odoriferas Sabeas, Que a mái do bello Adonis tanto honrou, Cercam, com toda a Arabia descoberta Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

LXIV.

Entram no estreito Persico, onde dura:
Da confe Babel inda a memoria:
Alli co' o Tigre, o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
Dalli vao em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Occeano,
Onde nao se atreveo passar Trajano.

LXV.

Víram gentes incognitas, e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada Regiao produze, e cria.
Mas de vias tao asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente nao podia: ...
Lá morrêram, em fim, e lá ficáram;
Que á desejada patria nao tornáram.

LXVI.

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empreza tao ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos.
Manoel, que a Joanne succedeo
No Reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação que lhe ficára
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara)
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado, no tempo, que á luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que sahem,
A repouso convidam quando cahem:

LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito, Onde imaginações mais certas saõ; Revolvendo contino no conceito De seu officio, e sangue, a obrigação; Os olhos lhe occupou o somno acceito, Sem lhe desoccupar o coração, Porque tanto que lasso se adormece, Morpheo em varias fórmas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta que subia
Taō alto que tocava a prima esphera;
Donde diante varios Mundos via,
Nações de muita gente estranha, e fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendêra,
Vio de antiguos, longinquos, e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias,
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores sylvestres, e hervas várias,
O passo e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias
De mais conversação, por si mostravam,
Que desque Adao peccou aos nossos anos,
Não as rompéram munca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
Para elle os largos passos inclinando,
Dous homées, que mui velhos pareciam,
De aspeito, ainda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhes cahiam
Gottas, que o corpo todo vao banhando;
A cor da pelle, baça, e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.



## CANTO IV.

155

### LXXII.

De ambos os dous a fronte coroada,
Ramos nao conhecidos, e hervas tinha:
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha:
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha;
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

### LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
. Desta arte para o Rei de longe brada:
O' tu, a cujos Reinos, e Coroa,
Grande parte do Mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

### LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra-Geleste tenho o berço verdadeiro: Est'outro he o Indo Rei, que nesta serra Que vês, seu nascimento tem primeiro. Custar-te-hemos com tudo dura guerra; Mas insistindo tu, por derradeiro, Com nao vistas victorias, sem receo, A quantas gentes vês porás o freo.

LXXV.

Nao disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desparecem n'hum momento:
Acorda Mangel co' hu novo espanto;
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claso manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento;
Veio a manha no Geo pintando as cores
De pudibumba rosa, e rosas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os Senhores a Conselho,
E propõe-lhe as figuras da visaõ;
As palavras lhes diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu que bem mal cuidava que em effeito Se pozesse o que o peito me pedia; Que sempre grandes cousas deste geito Preságo o coração me promettia; Não sei porque razão, porque respeito, Ou porque bom signal que em mi'se via, Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave Deste comettimento grande, a grave.

### LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas,
Que he hú mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas, e lustrosas,
Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
Faz as pessoas altas, e famosas,
A vida que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame nao se rende,
Entao, se menos dura, mais se estende.

## LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido Para huma empreza, qual a vós se deve, Trabalho illustre, duro, e esclarecido; O que eu sei, que por mi vos será leve. Nao soffri mais: mas logo: O' Rei subido, Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve, He tao pouco por vós, que mais me pena Ser esta vida cousa tao pequena.

### LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurysteo a Alcides inventava;
O Leao Cleoneo, Harpias duras,
O Porco de Erymantho, a Hydra brava:
Descer em fim ás sombras vaas, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, ó Rei, o esprito, e carne he pronta.

### LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece, E com razões me louva esta vontade; Que a virtude louvada, vive, e crece, E o louvor altos casos persuade. A acompanhar-me logo se offerece, Obrigado de amor, e de amizade, Naō menos cobiçoso de honra, e fama, O charo meu irmão Paulo da Gama.

#### LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho, De trabalhos mui grande soffredor; Ambos sao de valia, e de conselho, De experiencia em armas, e furor. Já de mançeba gente me apparelho, Em que cresce o desejo do valor; Todos de grande esforço; e assi parece Quem a tamanhas cousas se offerece.

### LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o véo dourado combatessem,
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar omar Euxino aventureira.



## CANTO IV.

159

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea,
Co' hum alvoroço nobre, e co' hum desejo,
(Onde o licor mistura, e branca arêa,
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estaō: e naō refrêa
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estaō para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados,
De várias cores vem, e várias artes;
E nao menos de esforço apparelhados
Para buscar do Mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados,
Ondéam os aereos estandartes:
Ellas promettem vendo os mares largos,
De ser no Olympo Estrellas, como a de Argos.

LXXXVI.

Despois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder que a etherea Corte
Sustenta só co' a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

### LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto Templo Que nas praias do mar está assentado, Que o nome tem da terra, para exemplo, Donde Deos foi em carne ao Mundo dado. Certifico-te, ó Rei, que se contemplo Como fui destas praias apartado, Cheio dentro de dúvida, e receio, Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

## LXXXVIII.

A gente da Cidade aquelle dia
(Hūus por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente) concorria,
Saudosos na vista, e descontentes:
E nós com a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissao solemne a Deos orando,
Para os batéis viemos caminhando.

#### LXXXIX

Em tao longo caminho, e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres com choro piedoso,
Os homées com suspiros que arrancavam.
Mais, esposas, irmas, que o temeroso
Amor mais desconfia, accrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos nao tornar a ver tao cedo.



## CANTO IV.

161

16.

X C

Qual vai dizendo: O' filho, a quem eu tinha Só para refrigerio e doce amparo Desta cansada já velhice minha, Que em choro acabará penoso, e amaro; Porque me deixas, misera, e mesquinha? Porque de mi te vás, ó filho charo? A fazer o funereo enterramento, Onde sejas de peixes mantimento?

X C I.

Qual em cabello: O' doce e amado esposo, Sem quem nao quiz amor que viver possa; Porque is aventurar ao mar iroso Essa vida, que he minha, e nao he vossa? Como por hum caminho duvidoso Vos esquece a affeiçao tao doce nossa? Nosso amor, nosso vão contentamento, Quereis que com as vélas leve o vento?

XCII

Nestas e outras palavras, que diziam De amor, e de piedosa humanidade, Os velhos, e os meninos os seguiam, Em quem menos esforço pōe a idade. Os montes de mais perto respondiam, Quasi movidos de alta piedade: A branca aréa as lagrimas banhavam, Que em multidaō com el·las se igualavam.

XCIII.

Nosoutros sem a vista alevantarmos,
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado;
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado;
Que postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

GIV.

Mas hum velho de aspeito venerando, Que ficava nas praias, entre a gente, Postos em nós os olhos, meneando Tres vezes a cabeça descontente; A voz pezada hum pouco alevantando, Que nós no mar ouvimos claramente, Co' hum saber só de experiencias feito, Taes palavras tirou do experto poito:

X C A

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
Co' húa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes! Que perigos! Que tormentas!
Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI.

Dura inquietação da alma, e da vida;
Fonte de desamparos, e adulterios;
Sagaz consumidora conhecida,
De fazendas, de Reinos, e de Imperios.
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios:
Chamam-te fama, e gloria soberana;
Nomes com quem se o povo nescio engana.

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Dehaixo de algum nome preeminente?
Que promessas de Reinos, e de minas
De ouro, que lhe farás tao facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos? Que palmas? que víctorias?

XCVIII.

Mas ó tu geração daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia,
Não sómente do Reino soberano
Te poz neste desterro, e triste ausencia:
Mas inda de outro estado mais que humano
Da quieta, e da simples innocencia,
Da idade de ouro tanto te privou,
Que na de ferro, e de armas te deitou:

XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza, e feridade,
Pozeste nome, esforço, e valentia;
Já que prézas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perdê-la quem a dá:

c.

Nao tees junto comtigo o Ismaelita
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Nao segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Nao tem Cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Nao he elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo Por ir a buscar outro de tao longe: Por quem se despovoe o Reino antigo, Se enfraqueça, e se vá deitando a longe? Buscas o incerto, e incognito perigo, Porque a fama te exalte, e te lisonge, Chamando-te Senhor, com larga cópia, Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia?

# CANTO IV.

Oh maldito o primeiro que no Mundo Nas ondas vélas poz em secco lenho! Digno da eterna pena do profundo, Se he justa a justa lei que sigo, e tenho. Nunca juizo algum alto, e profundo, Nem cithara sonora, ou vivo engenho, Te de por isso fama, nem memoria, Mas comtigo se acabe o nome, e gloria.

Trouxe o filho de Jápeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o Mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras. (Grande engano!)
Quanto melhor nos fora, Prometheo,
E quanto para o Mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre nao tivera
Fogo de altos desejos, que a movéra!

Nao comettera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande Architector, co' o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum comettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!

FIM DO CANTO QUARTO.

165

•

# LUSIADA.

CANTO QUINTO.

## ARGUMENTO

# DO CANTO QUINTO.

PROSEGUE Vasco da Gama na relação da sua viagem, e descreve ao Rei de Melinde a sahida de Lisboa; as diversas terras que tocárao, e gentes que vírao até ao Cabo de Boa Esperança: caso de Fernao Velloso: fabula do Gigante Adamastor: continuação da viagem até Melinde, em que dá fim a prática, estabelecida a paz, e huma verdadeira amisade entre o Gama, e aquelle Rei.

## OUTRO ARGUMENTO.

Relata o Gama Illustre ao Rei potente Sua viagem longa, e incerta via, As estranhas nações de Africa ardente, E de Fernaő Velloso a ousadia: Como a Adamastor vio, Gigante ingente, Que hum dos filhos da terra se dizia, E as cousas que passou até seu porto, Onde repouso achou, e são conforto.





# LUSIADA.

# CANTO QUINTO.

Vociferando estava, quando abrimos.
As azas ao sereno e socegado.
Vento, e do porto amado nos partimos.
E como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o Ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento;
E o Mundo, que co' o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
Nella vé, como tinha por costume,
Carsos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

ι.

III.

Já a vista pouco e pouco se desterra 'Daquelles patrios montes que ficavam: Ficava o charo Tejo, e a fresca serra De Cintra, e nella os olhos se alongavam. Ficava-nos tambem na amada terra O coração, que as mágeas lá deixavam; E já despois que toda se escondeo, Não vimos mais, em fim, que mar, e Ceo.

ı v.

Assi fomos abrindo aquelles mares Que geração alguma não abrio, As novas Ilhas vendo, e os novos ares, Que o generoso Henrique descobrio: De Mauritania os montes, e lugares Terra que Antheo n'hum tempo possuio, Deixando á mão esquerda, que á dereita Não ha certeza de outra, mas suspeita.

Passámos a grande Ilha da Madeira, Que do muito arvoredo assi se chama; Das que nós povoámos, a primeira, Mais célebre por nome, que por fama: Mas nem por ser do Mundo a derradeira Se lhe avantajam quantas Venus ama; Antes sendo esta sua, se esquecêra De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera. VI.

Deixámos de Massilia a esteril costa, Onde seu gado os Azenegues pastam; Gente que as frescas aguas nunca gosta, Nem as hervas do campo bem lhe abastam: A terra a nenhum fructo emfim desposta, Onde as aves no ventre o ferro gastam, Padecendo de tudo extrema inopia, Que aparta a Barbaria de Etiopia.

VII.

Passámos o limite aonde chega O Sol, que para o Norte os carros guia, Onde jazem os povos, a quem nega O filho de Clymene a cor do dia. Aqui gentes estranhas lava, e rega, Do negro Sanagá a corrente fria, Onde o Cabo Arsinario o nome perde, Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canarias Ilhas, Que tiveram por nome Fortunadas, Entrámos navegando pelas filhas Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas; Terras por onde novas maravilhas Andáram vendo já nossas armadas: Alli tomámos porto com bom vento, Por tomarmos da terra mantimento. 11.

A quella Ilha aportamos que tomou O nome do guerreiro Sant-Iago; Sancto que os Hespanhoes tanto ajudou A fazerem nos mouros bravo estrago. Daqui tanto que Boreas nos ventou Tornámos a cortar o immenso lago Do salgado Occeano; e assi deixámos A terra, onde o refresco doce achámos.

Por aqui rodeando a larga parte De Africa, que ficava ao Oriente; A Provincia Jalofo, que reparte Por diversas nações a negra gente; A mui grande Mandinga, por cuja arte Lográmos o metal rico, e luzente, Que do curvo Gambea as aguas bebe, As quaes o largo Atlantico recebe:

As Dorcadas passámos, povoadas Das irmāas que outro tempo alli viviam, Que de vista total sendo privadas, Todas tres de hum só olho se serviam. Tu 86, tu cujas tranças encrespadas, Neptuno lá nas aguas accendiam, Tornada já de todas a mais fêa, De viboras encheste a ardente aréa.

#### XII

Sempre, em fim, para o Austro a aguda pròa No grandissimo golfao nos metemos, Deixando a serra asperrima Leoa, Co' o Cabo, a quem das Palmas nome démos: O grande rio, onde batendo soa O mar nas praias notas, que alli temos, Ficou; co' a Ilha illustre, que tomou O nome de hum, que o lado a Deos tocou.

#### XIII.

Alli o mui grande Reino está de Congo, Por nós já convertido á Fé de Christo, Por onde o Zaire passa claro, e longo, Rio pelos antigos nunca visto. Por este largo mar, em fim, me alongo Do conhecido Polo de Callisto, Tendo o termino ardente já passado, Onde o meio do Mundo he limitado.

#### XIV

Já descoberto tinhamos diante,
Lá no novo Hemispherio nova Estrella,
Naō vista de outra gente, que ignorante
Algúus tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta de Estrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se naō sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous Invernos fazendo, e dous Verões,
Em quanto corre de hum ao outro Polo;
Por calmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

X V I

Contar-te longamente as perigosas Cousas do mar, que os homées nao entendem, Subitas trovoadas, temerosas, Relampagos, que o ar em fogo accendem; Negros chuveiros, noites tenebrosas, Bramidos de trovões, que o Mundo fendem, Nao menos he trabalho, que grande erro, Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos mannheiros, Que tem por mestra alonga experiencia, Contam por certos sempre, e verdadeiros, Julgando as cousas só pela apparencia: E que os que tem juizos mais inteiros, Que só por puro engenho, e por sciencia, Vem do Mundo os segredos escondidos, Julgam por falsos, ou mal entendidos.



## CANTO V.

175

#### XVIII

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Nao menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvees domar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Occeano.

#### XIX.

Eu o vi certamente (e nao presumo Que a vista me enganava) levantar-se No ar hum vaporzinho, e subtil fúmo, E do vento trazido, rodear-se:

De aqui levado hum cano ao Polo sumo, Se via, tao delgado, que enxergar-se

Dos olhos facilmente nao podia:

Da materia das nuvees parecia.

#### XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co' as ondas ondeando,
Em cima delle húa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co' o cargo grande da agua em si tomada.

Chupando mais, e mais, se engrossa, e cria; Alli se enche, e se alarga grandemente; Tal a grande columna, encherido augmenta A si, e á nuvem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo Ceo chovendo, em fim, voou,
Porque com a agua a jacente agua molhe:
Às ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos sao estes de natura.

XXIII.

Se os antiguos Philosophos, que andáram Tantas terras por ver segredos dellas,



## CANTO V.

177

XXIV.

Mas já o Planeta, que no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada:
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co' a vista, terra, terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente,
Co' os olhos no Horizonte do Oriente.

XXV.

À maneira de nuvées se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As ancoras pezadas se adereçam,
As vélas já chegados amainamos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tao remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio:

XXVI.

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra que outro povo nao pizou.
Porém eu co' os Pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande méta,
Estando entre elle, e o círculo gelado
Austral, parte do Mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomáram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

#### X X V I I I .

Torvado vem na vista, como aquelle Que nao se vira nunca em tal extremo: Nem elle entende a nos, nem nos a elle, Selvagem mais que o bruto Polyphemo: Coméço a lhe mostrar da rica pelle De Colchos o gentil metal supremo, A prata fina, a quente especiaria; A nada disto o bruto se movia.

#### XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos, Contas de crystallino transparente, Alguus soantes cascavéis pequenos, Hum barrete vermelho, cor contente. Vi logo por signaes, e por acenos, Que com isto se alegra grandemente: Mando-o soltar com tudo; e assi caminha Para a povoação, que perto tinha.





## CANTO V.

179

## XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nús, e da côr da escura tréva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros,
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernaō Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

#### XXXI.

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante cre que vai seguro;
Mas sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro;
Estando a vista alcada, co' o cuidado
No aventureiro; eis pelo monte duro
Apparece; e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora vinha.

## XXXII.

O batel de Coelho foi dépressa.

Para o tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa.

A elle, porque nao se lhe escapasse:
Outro e áutro lhe sahem; vé-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse;
Acudo eu logo; e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bande negro descoberto.

## XXXIII.

Da espessa nuvem séttas, e pedradas, Chovem sobre nósoutros sem medida: E nao foram ao vento em vão deitadas, Que esta perna trouxe eu de alli ferida: Mas nós como pessoas magoadas, A resposta lhes démos tao crescida, Que em mais que nos barretes se suspeita, Que a cor vermelha levam desta feita.

## XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea, e rudo intento,
Da gente bestial, bruta, e malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della;
E assi tornei a dar ao vento a véla.

## xxxv.

Disse entao a Velloso hum companheiro, (Começando-se todos a sorrir)
O' lá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he: (responde o ousado aventureiro)
Mas quando eu para cá vi tantos vir
D'aquelles caes, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.



# 181

# CANTO V.

Contou entao, que, tanto que passáram Aquelle monte, os negros de quem fallo, Avante mais passar o nao deixáram, Querendo, senao torna, alli matallo: E tornardo-se, logo se emboscáram, Porque sahindo nós para tomallo, Nos pudessem mandar ao Reino cscuro, Por nos roubarem mais a seu seguro.

### XXXVII.

Porém já cinco Soes eram passados
Que de alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prósperamente os ventos assoprando:
Quando huma noite, estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Húa nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

#### **XXXVIII**

Tao temerosa vinha, e carregada, Que poz nos corações hum grande medo: Bramindo o negro mar, de longe brada, Como se désse em vão n'algum rochedo. O' Potestade, disse, sublimada; Que ameaço divino, ou que segredo, Este clima, e este mar nos apresenta, Que mor cousa parece que tormenta?

1.

 $\partial r$ 

## XXXIX.

Nao acabava, quando húa figura
Se nos mostra no ar, robusta, e válida;
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida:
Os olhos encovados, a a postura
Medonha, e má, e a cor terrena, e pálida,
Cheos de terra, e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

#### K T..

Tao grande era de membros, que bem posso Certificar-te, que este era o segundo De Rhodes estranhissimo Colosso, Que hum dos sete milagres foi do Mundo: Co' hum tom de voz nos falla horrendo, e grosso, Que pareceo sahir do mar profundo: Arrepiam-se as carnes, e o cabello, A mi, e a todos, só de ouví-lo, e vello.

#### E T. T.

E disse: O' gente ousada mais que quantas
No Mundo comettéram grandes cousas;
Tu que por guerras cruas, taes, e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas;
Que eu tanto tempo ha que guardo, e tenho
Nunca arados de estranho ou proprio lenho:



# CANTO V.

183

## XLII.

Pois vees ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estaõ a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sobjugar com dura guerra.

## XLIII.

Sabe, que quantas naos esta viagem, Que tu fazes, fizerem de atrevidas, Inimiga teraō esta paragem Com ventos, e tormentas desmedidas. E da primeira armada, que passagem-Fizer por estas ondas insoffridas, Eu farei de improviso tal castigo, Que seja mór o damno, que o perigo.

#### XLIV.

Aqui espero tomar, senao me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E nao se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereis cada ano
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro Illustre, que a ventura Com fama alta fizer tocar os Ceos, Serei eterna e nova sepultura, Por juizos incognitos de Deos: Aqui porá da Turca armada dura Os soberbos e prosperos tropheos: Comigo de seus damnos o ameaça A destruida Quiloa, com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama, Liberal, cavalletro, e namorado, E comsigo trará a formosa dama, Que amor por grão merce lhe terá dado: Triste ventura e negro fado os chama Neste terreno meu, que duro, e irado, Os deixará de hum crá naufragio vivos, Para verem trabalhos excessivos.

XUVII.

Verao morrer com fome os filhos charos, Em tanto amor gerados, e nascidos: Verao os Cafres asperos, e avaros, Tirar á linda dama os seus vestidos: Os crystallinos membros, e preclaros, A' calma, ao frio, ao ar verao despidos; Despois de ter pizado longamente Co' os delicados pés a area ardense.



## CANTO V.

: 185

## XLVIII.

E verao mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na férvida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisao.

#### XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu, que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado?
A boca, e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso, e grande brado,
Me respondeo com voz pezada, e amára,
Como quem da pergunta lhe pezára:

L.

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamais vósoutros Tormentorio;
Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que para o Polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

16.

T. T.

Fui dos filhos asperrimos da terra, Qual Encélado, Egeo, é o Centimano; Chamei-me Adamastor, e fui na guerra Contra o que vibra os raios de Vulcano: Não que puzesse serra sobre serra, Mas conquistando as ondas do Occeano, Fui Capitam do mar, por onde andava A armada de Neptuno, que eu buscava.

LTT.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza:
Todas as deosas desprezei do Ceo,
So por amar das aguas a Princeza:
Hum dia a vi, co' as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti, de tal maneira,
Que inda nao sinto cousa que mais queira,

LILL

Como fosse impossibil altançalla
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomalla;
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deosa entao por mi lhe falla;
Mas ella co' hum formoso riso honesto,
Respondeo: Qual será o amor bastante
De Nympha que sustente o de hum Giganto?





# CANTO V.

187

LIV.

Com tudo, por livrarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir nao pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV

Já nescio, já da guerra desistindo,
Hūa noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo ·
Da branca Thetis, unica despida:
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo; e coméço os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

I. V I.

Oh que nao sei de nojo como o conte!

Que crendo ter nos braços quem amava

Abraçado me achei co' hum duro monte

De aspero mato, e de espessura brava:

Estando co' hum penedo fronte a fronte,

Que eu pelo rosto angelico apertava,

Nao fiquei homem nao, mas mudo, e quedo,

E junto de hum penedo, outro penedo.

## LVII.

O' Nympha a mais formosa do Occeano; Já que minha presença nao te agrada, Que te custava ter-me neste engano, Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada? De aqui me parto irado, e quasi insano Da mágoa, e da deshonra alli passada, A buscar outro Mundo, onde nao visse Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

## LVIII.

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postoa;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Algüus a varios montes sotopostos:
E como contra o Ceo nao valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

#### LIX

Converte-se-me a carne em terra dura, Em penedos os ossos se fizeram: Estes membros que vés, e esta figura, Por estas longas aguas se estendéram: Em fim, minha grandissima estatura Neste remoto Cabo convertéram Os deoses; e por mais dobradas mágoas, Me anda Thetis cercando destas agoas LX.

Assi contava, e co' hum medonho choro, Subito d'ante os olhos se apartou; Desfez-se a nuvem negra, e co' hum sonoro Bramido muito longe o mar soou. Eu levantando as mãos ao sanoto Coro Dos Anjos, que tao longe nos guiou, A Deos pedi, que removesse os duros Casos que Adamastor contou futuros.

CXI.

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando
Co' os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão Gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII.

A gente que esta terra possula,
Postoque todos Ethiopes eram;
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tao mal nos recebêram.
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo, e bem criado.

1. X I I I.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas;
Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastorís, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas,
Co' o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LIV

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratáram,
Trazendo-nos galinhas, e carneiros,
A troco de outras peças que leváram:
Mas como nunca, em fim, meus companheiros
Palavra sua algua lhe alcançáram,
Que désse algum signal do que buscamos,
As vélas dando, as ancoras levamos.

LXV.

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio À costa negra de Africa, e tornava A proa a demandar o ardente meio Do Ceo, e o Polo Antarctico ficava: Aquelle Ilhéo deixámos aonde veio Outra armada primeira, que buscava O Tormentorio Cabo, e descoberto, Naquelle Ilhéo fez seu limite certo.



191

LXVI.

De aqui fomos cortando muitos dias, Entre tormentas tristes, e bonanças, No largo mar fazendo novas vias, Só conduzidos de arduas esperanças: Co' o mar hum tempo andámos em porfias, Que como tudo nelle sao mudanças, Corrente nelle achámos tao possante, Que passar nao deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia, Segundo para traz nos obrigava, Do mar, que contra nós alli corria, Que por nós a do vento que assoprava: Injuriado Noto da porfia Em que co' o mar, parece, tanto estava, Os assopros esforça iradamente, Com que nos fez vencer a grão corrente.

C X A 111.

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente,
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome démos
Do dia em que por elle nos metemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomámos, E do rio fresca agua; mas com tudo Nenhum signal aqui da India achámos No povo, com nós outros quasi mudo. Ora vê Rei, quamanha terra andámos, Sem sahir nunca deste povo rudo; Sem vermos nunca nova, nem signal, Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quaô coitados Andariamos todos, quao perdidos; De fomes, de tormentas quebrantados; Por climas, e por mares não sabidos: E do esperar comprido tao cansados, Quanto a desesperar já compellidos, Por Ceos não naturaes, de qualidade Inimiga de nossa humanidade.

Corrupto já e damnado o mantimento, Damnoso e mao ao fraco corpo humano, E álém disso ncnhum contentamento, Que se quer da esperança fosse engano. Crès tu, que se este nosso ajuntamento De soldados, não fora Lusitano, Que durára elle tanto obediente, Por ventura, a seu Rei, e a seu Regente?



193

#### LXXII.

Crês tu, que já nao foram levantados Contra seu Capitam, se os resistíra, Fazendo-se piratas, obrigados De desesperação, de fome, de ira? Grandemente por certo estao provados, Pois que nenhum trabalho grande os tira De aquella Portugueza, alta excellencia, De lealdade firme, e de obediencia.

#### LXXIII.

Deixando o porto, em fim, do doce rio, E tornando a cortar a agua salgada, Fizemos desta costa algum desvio, Deitando para o pégo toda a armada: Porque ventando Noto manso, e frio, Naō nos apanhasse a agua da enseada, Que a costa faz alli daquella banda, Donde a rica Sofála o ouro manda.

#### LXWIV

Esta passada, logo o leve leme,
Encommendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada, e geme,
A proa inclina de húa, e de outra nao:
Quando indo o coração que espera, e teme,
E que tanto fiou de hum fraco pao;
Do que esperava já desesperado,
Foi de húa novidade alvoroçado.

12

LXXV.

E foi, que estando já da costa perto. Onde as praias, e valles bem se vian N'hum rio, que alli sahe ao mar abe Batéis á véla entravam, e sahiam. Alegria mui grande foi por certo Acharmos já pessoas que sabiam Navegar; porque entre ellas esperán De achar novas algumas, como acha

LXXVL

Ethiopes sao todos, mas parece,
Que com gente melhor communicav
Palavra algúa Arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavam
E com panno delgado, que se tece
De algodao, as caheças apertavam:
Com outro, que de tinta azul se ting
Cada hum as vergonhosas partes cin

Pela Arabica lingua, que mal fallam E que Fernao Martijz mui bem ente Dizem, que por naos que em grande As nossas, o seu mar se corta, e fen Mas que lá donde sahe o Sol, se aba Para onde a costa ao Sul se alarga, e E do Sul para o Sol; terra onde havi

Gente, assi como nos, da cor do dia.



195

#### LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegrámos Com a gente, e co' as novas muito maes: Pelos signaes que neste rio achámos, O nome lhe ficou dos Bons Signaes: Hum padrao nesta terra alevantámos; Que para assignalar lugares taes Trazia alguus: o nome tem do bello Guiador de Tobias a Gabello.

#### LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e de ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sórdidas, e immundas.
Dos hóspedes que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis, e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

#### LXXX.

Mas nao foi da esperança grande, e immensa, Que nesta terra houvemos, limpa e pura, A alegria; mas logo a recompensa A Rhamnusia com nova desventura. Assi no Ceo sereno se dispensa: Com esta condição pezada, e dura, Nascemos. O pezar terá firmeza; Mus o bem logo muda a naturera.

#### LXXXI.

E foi, que de doença crua, e fêa,
A mais que eu nunca vi, desamparáram
Muitos a vida, e em terra estranha, e alhéa,
Os ossos para sempre sepultáram.
Quem haverá que sem o ver o créa?
Que tao disformemente alli lhe incháram
As gingivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

#### LXXXII.

Apodrecia co' hum fetido e bruto Cheiro, que o ar visinho inficionava: Não tinhamos alli Medico astuto, Cirurgiao subtil menos se achava: Mas qualquer, neste officio pouco instruto, Pola carne já podre assi cortava, Como se fora morta, e bem convinha, Pois que morto ficava quem a tinha.

#### LXXXIII.

Em fim, que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, em tanta desventura,
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quao facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberam de todo o illustre os ossos.



197

#### LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos Com maior esperança, e mór tristeza; E pela costa abaixo o mar abrimos, Buscando algum signal de mais firmeza: Na dura Moçambique, em fim, surgimos, De cuja falsidade, e má vileza, Já serás sabedor, e dos enganos Dos povos de Mombaça pouco humanos.

#### LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento,
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste. E vés aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

#### LXXXVI.

Agora julga, ó Rei, se houve no Mundo Gentes, que taes caminhos comettessem. Crés tu, que tanto Enéas, e o facundo Ulysses, pelo Mundo se estendessem? Ousou algum a ver do mar profundo, Por mais versos que delle se escrevessem, Do que eu vi, a poder de esforço, e arte, E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII. Esse, que bebeo tanto da agua Aonia, Sobre quem tem contenda peregrina Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia, Athenas, Chios, Argo, e Salamina: Essoutro, que esclarece toda a Ausonia, A cuja voz altisona, e divina, Ouvindo o patrio Mincio s'adormece, Mas o Tybre co' o som se ensoberbece:

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos Desses seus semideoses, e encareçam, Fingindo Magas, Circes, Polyphemos, Sirenas, que co' o canto os adormecam: Dem-lhe mais navegar a véla, e remos, Os cicones, e a terra onde se esqueçam Os companheiros, em gostando o Loto: Dem-lhe perder nas aguas o Piloto:

Ventos soltos lhes finjam, e imaginem Dos odres; e Calypsos namoradas; Harpias, que o manjar lhes contaminem; Descer ás sombras nuas já passadas: Que por muito, e por muito, que se affinem Nestas fabulas vaas tao bem sonhadas, A verdade que eu conto nua, e pura, Vence toda a grandiloqua escriptura.

хc.

Da boca do facundo Capitaõ
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narraçaõ
Dos altos feitos, grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade de animo, e a nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que se admira, O caso cada qual que mais notou: Nenhum delles da gente os olhos tira, Que tao longos caminhos rodeou. Mas já o mancebo Delio as redeas vira, Que o irmão de Lampecia mal guiou, Por vir a descançar nos Thetios braços; E ElRei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quao doce he o louvor, e a justa gloria,
Dos proprios feitos, quando sao soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença ou iguale os grandes já passados.'
As invejas da illustre e alhea historia,
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheo muito o esperta, e incita,

XCIII.

Naó tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os trophéos de Milciades famosos,
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a vez que seus feitos celebrava.

X CLV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama, Que essas navegações que o Mundo canta, Nao merecem tamanha gloria, e fama, Como a sua, que o Ceo e a terra espanta. Si: mas aquelle Heroe, que estima, e ama Com dões, mercês, favores, e honra tanta A lyra Mantuana, faz que soe Enéas, e a Romana gloria voe.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiõea,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas nao lhes dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros, e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos, e venustos.
Nao dira Fulvia, certo, que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphira.



i oc

XCVI.

Vai Cesar sobjugando toda França, E as armas nao lhe impedem a sciencia; Mas n'huma mão a penna, e n'outra a lança, Igualava de Cicero a eloquencia: O que de Scipiao se sabe, e alcança, He nas Comedias grande experiencia: Lia Alexandro a Homero de maneira, Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

X C V I I.

Em fim, nao houve forte Capitao, Que nao fosse tambem douto, e sciente, Da Lacia, Grega, ou barbara nação, Senao da Portugueza tamsómente. Sem vergonha o nao digo, que a razao De algum nao ser por versos excellente, He nao se ver prezado o verso, e rima, Porque quem nao sabe a arte, nao a estima.

XCVIII

Por isso, e nao por falta de natura, Nao ha tambem Virgilios, nem Homeros; Nem haverá, se este costume dura, Pios Enéas, nem Achilles feros. Mas o peor de tudo he, que a ventura Tao asperos os fez, e tao austeros, Tao duros, e de engenho tao remisso, Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

LUSIADA. CANTO V.	
As Musas agradeça o nosso Gama	
O muito amor da patria, que as obriga	
A dar aos seus na lyra nome, e fama,	
De toda illustre e bellica fadiga:	
Que elle, nem quem na estirpe seu se cha	ma,
Calliope nao tem por tao amiga, "" Nem as filhas do Tejo, que deixassem	ö. 19
As telas de ouro fino, e que o cantassem.	ž.
70.16	HX.
Porque o amor fraterno, e puro gosto	FILENT
De dar a todo o Lusitano feito	Well
Seu louvor, he somente o presupposto	21474
Das Tagides gentis, e seu respeito	اس :
Porém não deixe, em fim, de ter disposto	111

Ninguem a grandes obras sempre o peito; Que por esta, ou por outra qualquer via,  $\mathbf{e}^{\mathbf{y}}$ Não perderá seu preço, e sua valia. 10

donat

FIM DO CANTO QUINTO E DA PARTE PRIMEII 10 1366.000 6 4 4 and the state of the 62 ŝ

40

77)



# ERRATA.

# TOMO I.

LINE	. ERROS.	EMENDAS.
14	filhe,	leya se lhe.
. 11	fim,	sim.
13	advertuncia,	advertencia.
23	Camoos,	Camões.
10	sgundo,	segundo.
ota 10	axprimere,	exprimere.
15	incivildade,	incivilidade.
18	certament,	certamente.
5	Portugueze,	Portuguezes.
12	pro,	por.
18	advertuncia,	advertencia.
14	Jeseph,	Joseph.
14	com ja ,	como ja.
est. 54	v. 8 paquena,	pequena.
87	4 Portugezes,	Portuguezes.

# CANTO II.

est. 33 v. 6 terceita, terceira.

93 1 prais, praisa.

# CANTOTIL

PAG. EST. ERROS. EMEND.

103 66 v. 4 garnedidos, leya guarneci
116 105 1 anto, tanto.

# CANTO IV.

250 est. 57 v.7 Caliz, Cadix.

# CANTO V.

181 est. 36 v. 5 tornardo-se, tornando-

# CANTOTEL

tance generated designs	Berge V. 4 garoonisdos, 1 goro <sub>s</sub>	.T83 (1) (1)		26. 203 216
•	101 Jack 13			
Cadix	j jajjus e	.3	£3 <b>t</b> ,	लहें. इ.केल
	ម សម្បង្វ			
- atarriyasi	, st. Marketti i	v ⊙ <sup>7</sup> .	349	: Pt



i





